



8 FPMU

FÓRUM PERMANENTE
DE MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS

Coleções, museus
universitários e sociedade:
elos entre ciência, cultura
e comunidade

FORTALEZA/CE

Tecituras do Conhecimento: Caderno de Resumos Expandidos Volume II

<https://doi.org/10.5281/zenodo.20057940>



8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Tecituras do Conhecimento: Caderno de Resumos Expandidos do 8º FPMU”
(Coleção em 3 volumes - E-book)

Copyright © 2026 by Jéssica Tarine Moitinho Lima (organizadora)
Todos os direitos reservados
Museu de Arte da UFC (Mauc/UFC)
Av. da Universidade, 2854 – Benfica – Fortaleza – Ceará

Organização

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

Revisão

Graciele Karine Siqueira
Rebeca Maria Gadelha de Sousa
Tatiana Alves de Almeida
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista

Identidade Visual e Comunicação Visual

Rodrigo Luiz dos Santos
Norton Falcão

Editoração e Diagramação

Rodrigo Luiz dos Santos

Fotografias

Flávio Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Larisse Macêdo de Almeida CRB-3/1276

**As opiniões e conteúdos apresentados nos textos deste Caderno de Memórias
são de responsabilidade exclusiva de suas autoras e seus autores.**



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Larisse Macêdo deAlmeida CRB-3/1276

F745t Fórum Permanente de Museus Universitários (8. : 2025 : Fortaleza, CE)
Técnicas do Conhecimento [recurso eletrônico] : Caderno de
Resumos Expandidos, Volume 2 / Jéssica Tarine Moitinho de Lima, org.
Fortaleza, CE : Mauc Edições, 2026.

37675kb. ; PDF

Coleção em 3 volumes.

ISBN: 978-65-85071-12-3 v. 1

ISBN: 978-65-85071-13-0 v. 2

ISBN: 978-65-85071-14-7 v. 3

1. Museus Universitários. 2. Museologia. 3. Memória. I. Lima,
Jéssica Tarine Moitinho de, org. II. Museu de Arte da UFC. III. Título.

CDD 069

Presidente da República

Luís Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Reitor

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Prof^ª. Diana Cristina Silva de Azevedo

PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Pró-Reitor

Prof. Sandro Thomaz Gouveia

Pró-Reitora Adjunta

Prof^ª. Glícia Maria Pontes Bezerra

MUSEU DE ARTE DA UFC - MAUC

Diretora

Graciele Karine Siqueira



8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS - 8FPMU

COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

Coordenação Geral

Graciele Karine Siqueira (UFC)

Saulo Moreno Rocha (UFC)

Região Centro-Oeste

Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)

Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)

Cristiane Xerez Barroso (UFC)

Márcia Pereira de Oliveira (UFC)

Rebeca Gadelha (IFCE)

Roberto Moreira Chaves (UFC)

Tatiana Alves de Almeida (UFBA)

Vinicius Melquíades dos Santos (UFPI/

Universidade Lusófona)

Região Norte

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

Região Sudeste

Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)

Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

Região Sul

Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)

Eliane Muratore (UFRGS)

Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (UFPR)

Bolsistas

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau

Américo Silvestre Costa Filho

Carlos Eduardo Barbosa de Sousa

Francisco Clenival da Silva Filho

Guilherme da Silva Linhares

Iury Nobre de Sousa

Joana de Medeiros Isidio

Joyce Oliveira da Silva

Júlia Assunção Amado de Oliveira

Larissa Medeiros Rodrigues

Lilian de Sousa Leitão

Nathan de Brito Leitão

Sophia Ferreira Gomes de Oliveira e Silva

Thaiana Barros dos Santos



COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

Região Centro-Oeste

Andrea Fernandes Considera (UnB)
Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG)
Cláudia Landin Negreiros (UNEMAT)
Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)
Rossana Klippel de Souza José (UFG)
Ryanddre Sampaio de Souza (UFMT)

Região Sudeste

Adriana Mortara Almeida (UFMG)
Aline Cristina Gomes Ramos (UFES)
Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (UFRJ)
Giulia Villela Giovani (UFMG)
Luciana Menezes de Carvalho (Unirio)
Maurício Candido da Silva (USP)

Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)
Amanda Aline Pinheiro (UFC)
Ana Cláudia de Araújo Santos (UFPE)
Elane Santos Gonçalves (UFBA)
Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (FUNDAJ)
Isabela Marques Leite de Souza (UFBA)
Joana Angélica Flores Silva (UFRB)
Saulo Moreno Rocha (UFC)
Simone Almeida Gavilan (UFRN)
Tatiana Alves de Almeida (UFBA)
Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI)

Região Sul

Aline Escandil de Souza (UFRGS/COREM 3R)
Aline Portella Fernandes (UFRGS)
Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)
Bruna Marina Portela (UFPR)
Diego Lemos Ribeiro (UFPEL)
Eliane Muratore (UFRGS)
Elias Palminor Machado (UFRGS)
Idemar Ghizzo (FEBAVE)
Keila Cristina A. Villamayor Gonzalez (UDESC)
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (MAE-UFPR)

Região Norte

Guilhermina de Melo Terra (UFAM)
Paola Haber Maués (UFPA)
Jones da Silva Gomes (UFPA)
Lilian Débora Lima de Oliveira (UFAM)
Wanessa Pires Lott (UFPA)
Doriene Monteiro Trindade (UFPA)

Internacional

Luis Pablo Orozco Varela (Universidad Nacional Costa Rica - UNA)
José da Graça (Museu da Universidade de Cabo Verde)



Sumário

Apresentação		09
Curadoria Científica e Construção Coletiva		12
SALA 02 COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO		13
Do laboratório ao corredor: Proposta de Extroversão da Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP		18
Exposição “Babá Loduncynê Tayandô: Memória em Arte” um processo museal experiencial para com a memória afro-amazônica		22
Memórias edificadas: experiências curatoriais e comemorativas nos 75 anos da Escola de Ciência da Informação da UFMG		25
Comunicação museológica online: Estratégias comunicacionais no Museu Universitário de Arte (MUnA/UFU)		27
Acervo do MUnA: aquisição, organização, acondicionamento e conservação das obras de arte.		30
Design Popular: Novas Estruturas Expositivas para a Representação da Cultura Popular no Museu de Arte da UFC		33
Arte, Patrimônio e Acontecimento: pautas no Museu Casa do Sertão UEFS sobre territórios e memórias		37
Extroversão e conservação “Cinema da Boca”: movimento social e comunidade		41
SALA 03 SUSTENTABILIDADE, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EM MUSEUS		44
Visitas a museus no pós-pandemia: estudo de públicos no espaço do conhecimento UFMG		49
Agenda MAC USP 2030: Sustentabilidade museal em suas dimensões culturais, sociais, econômicas e ambientais		53
10 anos de ações acessíveis realizadas no espaço do conhecimento UFMG		56
Limitações e possibilidades de inclusão e acessibilidade em museus instalados em patrimônio histórico: estudo de caso no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas - UFOP		59

Interações entre os museus universitários federais e as comunidades de baixadas: compreensões e possibilidades		62
Contribuições do Museu da Geodiversidade para a democratização do acesso ao patrimônio geológico		66
SALA 03 INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM MUSEUS		70
Panorama dos Repositórios Digitais Brasileiros de Acesso Aberto Desenvolvidos com o Software Tainacan		74
Gestão Inclusiva da Cibersegurança, Privacidade de Dados e Inteligência Artificial nos Museus e Universidades		78
Museu Digital UNILA		82
Seridó Revela: o Museu do Seridó na palma da mão		86
Museus virtuais são efêmeros? desafios de sustentabilidade no caso do museu das Coisas Banais (2014-2025)		90
Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial, Humanidades Digitais e a Democratização de Acervos no Contexto Museológico Paranaense		94
Curadoria pública e mediação estética da obra de Panceri no Museu Deolindo Mendes Pereira (Brasil)		99
SALA 04 EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL		103
O potencial do agendamento de visitas: estratégias para a formação de novos públicos para os museus		107
Curso de Extensão do MAE UFPR - Povos Originários em território paranaense		111
Um jogo acessível, ao ar livre, em um museu universitário: o Jogo dos Polinizadores do MHNJB-UFMG		114
Museu do Barro: Fomento de Arte e Cultura em São João Del Rei		117
Chico da Silva entre muros e mares: mediação crítica e memória social		120
Museus e Formação de Professores: estratégias para o desenvolvimento profissional docente		123

SALA 04 EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL		126
Escritas e visualidades do imaginário da cabocla encantada Mariana: arte e ancestralidade na Museologia Social Amazônica		130
Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG		133
Na primavera dos museus o florir de experiências culturais inclusivas e formativas		137
Acolher para humanizar: um relato de experiência do trabalho educativo do acolhimento no Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre		141
Ferramentas para a Educação Museal: Oficinas, atividades e materiais dialógicos e sua aplicabilidade no contexto de um museu de Anatomia		145
Questão Racial e Mediação Cultural: Perspectivas Museais entre dois Museus Universitários (Brasil-Argentina)		149
SALA 05 CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ACERVOS		153
Revitalização da Infraestrutura de Guarda das Coleções do CEDOC-FaE Pela Rede de Museus-UFMG		156
Bem te vi: plumária, patrimônio universitário e sua preservação em rede		159
Museus universitários do Brasil e os efeitos da Pandemia de COVID-19		163
Protocolos de gestão de risco para museus e acervos universitários		166
Decolonização da Conservação museológica: reflexões sobre integridade conceitual e material de acervos culturais		170
A Cartilha de boas práticas gerais para conservação de obras de arte do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais		173
Agradecimentos		176

A realização periódica do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) tem se consolidado como uma estratégia fundamental para o fortalecimento do campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil. Ao longo de suas edições, o Fórum tem promovido não apenas o debate técnico, institucional e político, mas também a construção de uma rede colaborativa capaz de articular diferentes realidades, experiências e perspectivas. Sua circulação pelas diversas regiões brasileiras reafirma o compromisso com a representatividade territorial, a descentralização das discussões e a aproximação com iniciativas locais, muitas vezes emergentes, ampliando o alcance e o impacto das ações desenvolvidas no campo.

Para além de sua relevância como espaço de articulação institucional, o FPMU destaca-se também como ambiente privilegiado de circulação e difusão do conhecimento, especialmente por meio de sua seção científica. A chamada pública para submissão de resumos expandidos e a articulação com periódicos científicos para publicação de artigos completos evidenciam o compromisso com a produção, sistematização e compartilhamento de saberes, fortalecendo o diálogo entre ensino, pesquisa, extensão e inovação. Manifestamos, aqui, nosso sincero agradecimento às pesquisadoras e aos pesquisadores, estudantes, profissionais e docentes que confiaram no 8º Fórum Permanente de Museus Universitários e compartilharam suas pesquisas, produções e experiências nesta edição, tornando possível a riqueza e a diversidade de contribuições que compõem estes cadernos. Nesse contexto, os Cadernos de Resumos Expandidos (coleção em três volumes) assumem papel central como registro qualificado das reflexões, práticas e investigações desenvolvidas junto às coleções, museus e universidades brasileiras.

Nesta edição do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários foram **167 trabalhos submetidos, 160 aprovados e 130 apresentados**, culminando na entrega de **10 Prêmios Edna Taveira** aos melhores trabalhos. A criação do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação, instituído nesta edição, representa um importante marco de reconhecimento à qualidade das pesquisas e ao compromisso das(os) participantes com o desenvolvimento do campo dos museus e das coleções universitárias. Ao valorizar trabalhos que se destacam pelo rigor, pela relevância e pelo caráter inovador, o prêmio reafirma a importância da produção científica e das práticas qualificadas, estimulando a continuidade das investigações e o fortalecimento de uma cultura de partilha, reconhecimento e excelência no âmbito do Fórum.

A constituição de uma Comissão Científica plural e representativa é elemento essencial para a qualidade e a legitimidade desse processo. Ao reunir pesquisadoras e aos pesquisadores, profissionais e docentes, com diversidade regional, institucional e de áreas de atuação, a Comissão assegura não apenas o rigor na avaliação dos trabalhos, mas também a valorização de múltiplas abordagens e experiências que compõem o universo dos museus e das coleções universitárias no país. Agradecemos, de forma especial, a todas e todos os avaliadores que se dedicaram à leitura atenta e criteriosa dos resumos expandidos, contribuindo de maneira decisiva para a qualificação deste material, bem como para a indicação dos trabalhos que integraram a primeira edição do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação. Estendemos nosso reconhecimento àquelas(es) avaliadoras(es) que estiveram presentes no 8º FPMU, atuando na mediação de salas, na avaliação das apresentações e na construção de debates tão potentes e necessários para o campo.

Registramos, ainda, nosso profundo agradecimento a Jéssica Tarine, por aceitar o desafio de presidir a Comissão Científica e conduzir, com rigor, sensibilidade e dedicação, a organização desta seção na programação do evento, bem como a publicação *Tecituras do Conhecimento: Resumos Expandidos do 8º FPMU* (coleção em três volumes). Agradecemos igualmente a Rebeca Gadelha, Tatiana Almeida e Tamara Evangelista pelo apoio na revisão e estruturação dos cadernos, e a Rodrigo Luiz dos Santos pelo trabalho primoroso de diagramação e editoração, que conferiu unidade, cuidado estético e qualidade editorial a estes volumes tão ricos em conhecimento e experimentações.

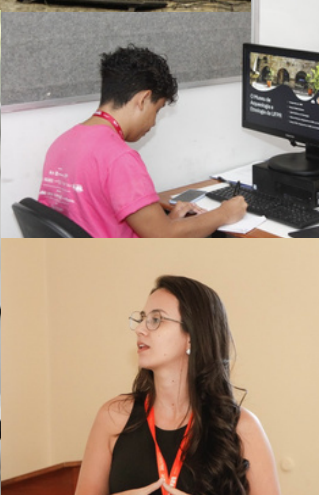
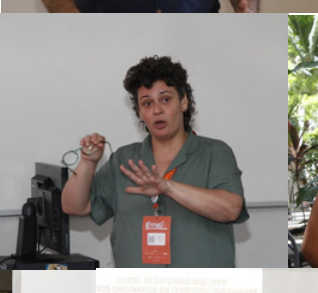
Que este material siga como fonte de consulta, inspiração e continuidade, contribuindo para o fortalecimento das práticas, das pesquisas e das redes que sustentam o campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil. Nos vemos em breve na 9ª edição, em Belém do Pará.

Graciele Karine Siqueira

Coordenadora-Geral do 8º FPMU
Museóloga e Diretora do Museu de Arte da UFC

Saulo Moreno Rocha

Coordenador-Geral do 8º FPMU
Museólogo do Museu de Arte da UFC



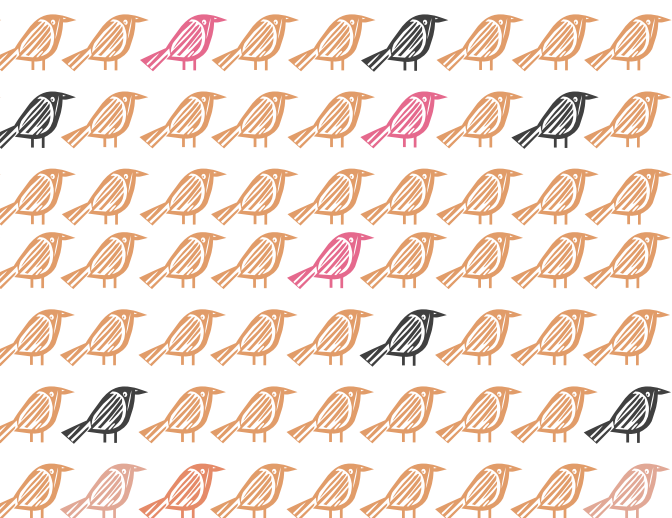
O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários reuniu uma ampla diversidade de pesquisas e experiências, refletindo a vitalidade e a pluralidade do campo museológico em contexto universitário. Os trabalhos apresentados contemplaram diferentes formatos, desde comunicações orais até apresentações em pôsteres, evidenciando o compromisso da comunidade acadêmica em compartilhar práticas, reflexões teóricas e resultados de pesquisa.

As comunicações orais permitiram a troca direta de ideias entre os(as) pesquisadores(as), favorecendo o debate e o aprofundamento das temáticas propostas. Já os pôsteres configuraram um espaço de diálogo visual, que possibilitou a apresentação sintética e criativa de estudos em andamento ou concluídos, ampliando a interação entre autores(as) e público. Essa variedade de formatos consolidou o evento como um espaço democrático de circulação de conhecimento.

A riqueza dos temas apresentados reforça a amplitude da Museologia universitária, que vai desde a conservação preventiva, documentação e comunicação museológica até a gestão de acervos, patrimônio imaterial, acessibilidade, sustentabilidade e tecnologias digitais aplicadas aos museus. Também se destacaram pesquisas que abordam a relação dos museus com comunidades, práticas decoloniais, inclusão social e a valorização de saberes tradicionais e locais.

Este e-book reúne os resumos expandidos dos trabalhos aprovados, compondo um registro da produção atual e dos debates que atravessam o campo museológico no Brasil. Mais do que um repositório de experiências, ele se coloca como um instrumento de memória e reflexão, contribuindo para fortalecer redes, inspirar novas pesquisas e estimular o diálogo interdisciplinar que caracteriza as coleções e os museus universitários.

Comissão Científica do 8ºFPMU



SALA 2
COMUNICAÇÃO, EXPOSIÇÃO E
DIVULGAÇÃO DE PATRIMÔNIO

Mediador
Elane Santos Gonçalves (UFBA)

Bolsista
Ana Júlia de Souza Neves Ladislau
Iara Araújo

O presente trabalho reúne relatos de oito apresentações realizadas no dia 28 de agosto de 2025, no período da tarde, na sessão de comunicação oral “Comunicação, Exposição e Divulgação do Patrimônio”, que abordou pesquisas relacionadas a museus universitários, práticas museológicas, design expositivo, patrimônio cultural e processos curatoriais. As apresentações discutiram metodologias aplicadas, resultados obtidos e reflexões teóricas e práticas que emergem da atuação em museus e acervos universitários. Ao final, foi promovido um debate sobre os desafios enfrentados pelas instituições museológicas vinculadas ao meio acadêmico. A mesa contou com os seguintes trabalhos: um da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, um do Museu Surupira (UFPA), um da Universidade Federal de Minas Gerais, dois do Museu Universitário de Arte (MUnA/UFU), um do Museu de Arte da UFC, um do Museu Casa do Sertão da UEFS e um sobre o Cinema da Boca na cidade de São Paulo.

Jo Veras apresentou uma pesquisa “Do laboratório ao corredor: Proposta de Extroversão da Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP”, realizada no acervo de anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, voltada para as questões técnicas e éticas em torno da exposição de peças humanas, oriundas de autópsias e atividades semelhantes. A autora revelou dificuldades técnicas associadas ao armazenamento e manuseio dos materiais e espécimes de trabalho, e como a utilização de novas técnicas e equipamentos auxiliam a expografia das peças nos corredores da exposição.

Na apresentação seguinte, Cássio dos Santos nos trouxe algumas questões sobre um projeto expográfico do acervo fotográfico do sacerdote amazonense Babá Loduncynê Tayandô, intitulado “Babá Loduncynê Tayandô: Memória em Arte”. O apresentador falou um pouco sobre a história do sacerdote, explicando sua importância dentro do contexto das lutas sociais no estado do Pará. O autor fala sobre “transposição curatorial” como método de formação da exposição, citando como as entrevistas foram cruciais para criar um processo curatorial participativo e democrático, atendendo as demandas da comunidade envolvida e os pressupostos da Museologia Contemporânea e Social.

O professor Jezulino Mendes apresentou o trabalho “Memórias edificadas: experiências curatoriais e comemorativas nos 75 anos da Escola de Ciência da Informação da UFMG”, uma perspectiva histórica da Universidade Federal de Minas Gerais, explicando as etapas de desenvolvimento e desafios encontrados na concepção e montagem de uma exposição. O professor explicou as escolhas feitas durante o processo de construção da exposição, como os espaços expográficos, a utilização das cores, o mobiliário utilizado, o material de divulgação, entre outros, para melhor comunicar os objetos dentro da narrativa expográfica escolhida para a exposição.

A apresentação seguinte foi de Humberto Gonzales, intitulada “Comunicação museológica online: Estratégias comunicacionais no Museu Universitário de Arte (MUnA/UFU)”. O projeto é um recorte de sua pesquisa de mestrado desenvolvida no PPGMUSEU/UFBA, e teve como objetivo mapear as comunicações online desenvolvidas pelo MUnA durante o período da pandemia da Covid-19. A pesquisa configura-se como um estudo de caso de natureza exploratória e contou com uma análise bibliográfica extensa de diversos autores e conceitos. O apresentador explicou a metodologia aplicada, os aspectos sobre o MUnA, com perspectiva histórica e diretrizes e apresentou os resultados do projeto, detalhando e exemplificando as ações que foram desenvolvidas, apresentando dados quantitativos detalhados de postagens.

A seguir, Luan Pisqueda apresentou o trabalho “Acervo do MUnA: aquisição, organização, acondicionamento e conservação das obras de arte” como relato de sua Pesquisa de Iniciação Científica sobre o MUnA – Museu Universitário de Uberlândia. O objetivo do trabalho foi tornar acessíveis as práticas museológicas e os procedimentos realizados na instituição. A metodologia utilizada incluiu pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Como resultado, o autor apresentou um vídeo, em que aparece junto a outros bolsistas, mostrando os processos necessários para o funcionamento do museu, tornando suas práticas mais acessíveis ao público.

Em seguida, Ana Júlia Ladislau apresentou seu trabalho com o título “Design Popular: Novas Estruturas Expositivas para a Representação da Cultura Popular no Museu de Arte da UFC”. Ela destacou os problemas encontrados no mobiliário da sala de cultura popular e a necessidade de desenvolver novos móveis que atendessem à demanda do espaço, o qual contém peças que não possuem local adequado para exposição. Como metodologia, utilizou o livro de Luis Alonso, a partir do qual desenvolveu alguns modelos de mobiliário, como uma mapoteca, destinada à exposição das matrizes de xilogravuras. Os móveis produzidos foram feitos especialmente para o MAUC, considerando o acervo da instituição e também a possibilidade de uso em outros ambientes além da sala de cultura.

Na sequência, Cristiano Cardoso apresentou um trabalho “Arte, Patrimônio e Acontecimento: pautas no Museu Casa do Sertão UEFS sobre territórios e memórias” vinculado ao seu doutorado, realizado na cidade de Feira de Santana/Bahia. O autor contextualiza a cidade a partir de seus aspectos históricos e culturais, buscando definir o conceito de patrimônio com base em diversas referências. Ele relacionou essas definições à situação atual do patrimônio local, trazendo artistas para dialogar sobre intervenções feitas na cidade, as quais provocaram discussões sobre a mudança da paisagem urbana. O debate foi ampliado para refletir sobre o que é considerado patrimônio para diferentes pessoas.

Por fim, Beatriz Barradas apresentou o trabalho “Extroversão e conservação “Cinema da Boca”: movimento social e comunidade”, no qual contextualizou o movimento “Boca do Lixo” e o “Cinema da Boca”, objetos de sua pesquisa. Ela ofereceu uma perspectiva histórica, cultural e local sobre o tema. O projeto consistiu em uma exposição baseada nessa história e nos gêneros de filmes exibidos no local. O acervo estava dividido entre três instituições, que colaboraram para a realização da exposição. A apresentadora detalhou os processos de higienização e restauro das peças expostas, em sua maioria indumentárias utilizadas pelos atores nos filmes. Em seguida, abordou o processo de montagem da exposição e apresentou imagens do resultado final.

Após as apresentações, houve um momento de debate e conversa sobre o que é um museu universitário e o que são coleções universitárias. Discutiram-se as diretrizes e legislações que definem esses termos, bem como a necessidade de padronização, já que a subjetividade presente em algumas lacunas pode permitir equívocos. Também foi destacada a falta de profissionais especializados nessas questões, que possam atuar de forma adequada nos museus e nas coleções universitárias.



Apresentações de comunicação oral, na sala 2 pela tarde, sobre Comunicação, Exposição e Divulgação de Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 2 pela tarde, sobre Comunicação, Exposição e Divulgação de Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida

Do laboratório ao corredor: Proposta de Extroversão da Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP

José Guilherme Veras Closs (LIM-05 HCFMUSP)

Mariana Matera Veras (LIM-05 HCFMUSP)

Jessica Tarine Moitinho de Lima (ICA-UFPA)

INTRODUÇÃO

Este trabalho prevê uma proposta de exposição para a Coleção de Espécimes de Anatomia Patológica da FMUSP (CEAP-FMUSP) em um dos corredores da faculdade, como estratégia de difusão científica e valorização do acervo. A iniciativa integra o projeto “Recuperação, ampliação e divulgação do acervo histórico-científico de amostras anátomo-patológicas” sob apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP 2913/4), promovendo acesso público, ensino e preservação patrimonial por meio da extroversão museológica em espaço não convencional.

MATERIAS E MÉTODOS

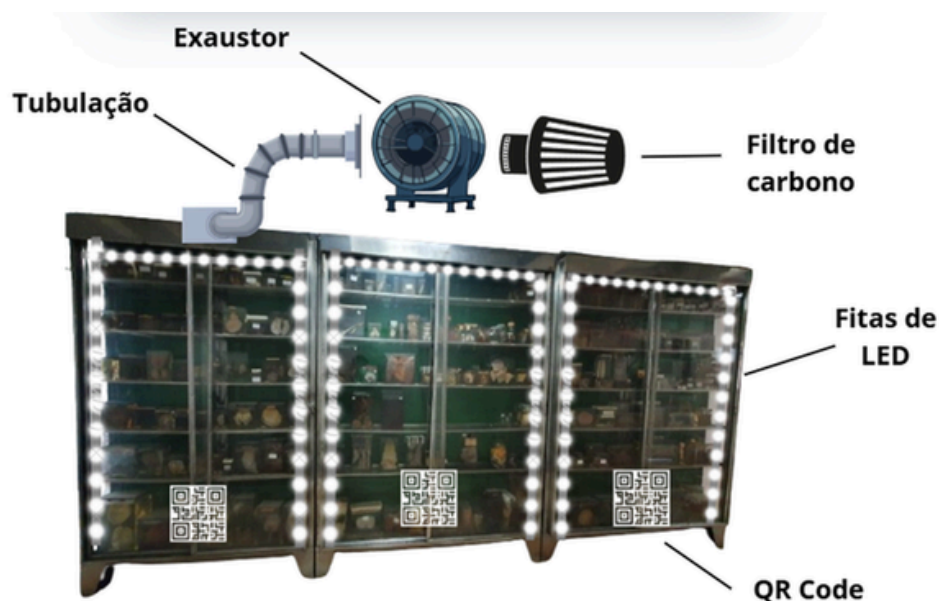
A exposição será instalada em um corredor interno da Faculdade de Medicina da USP (Figura 1), com acesso controlado e fluxo constante de público acadêmico. Serão utilizados suportes expositivos adequados à preservação e segurança dos remanescentes humanos médico-musealizados, vitrines com controle ambiental e painéis gráficos com textos acessíveis e imagens de apoio, além da integração da exposição com recursos virtuais por acesso via QR Code (Figura 2).

Figura 1 - Exemplos de estantes expositoras nos corredores da FMUSP



Fonte: José Closs, 2023

Figura 2 - Representação esquemática da adaptação dos expositores



Fonte: José Closs, 2023

A curadoria será composta por equipe interdisciplinar envolvendo docentes da patologia, museólogos e historiadores da saúde. Serão expostos espécimes previamente restaurados e selecionados, com base em critérios de representatividade anatômico-patológica e narrativa histórica acerca da prática médica, instituição produtora da coleção e questões sociais envolvidas na relação medicina-sociedade (e.g. ética médica na doença e consentimento, bem como governamentalidade e biopolítica a respeito da interface pessoa-objeto). Os conteúdos serão contextualizados com base em dados históricos, diagnósticos atuais e narrativas visuais que comuniquem a pertinência de uma coleção deste tipo para a medicina, mas, sobretudo, para a sociedade em geral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta busca consolidar uma experiência-piloto de exposição museológica em espaço não convencional, promovendo o reconhecimento da Patologia como campo fundamental para a história da medicina e das doenças no Brasil.

Entre os impactos esperados estão:

- A valorização do acervo junto à comunidade acadêmica;
- A sensibilização do público para a importância da documentação anatomo-patológica como patrimônio científico;
- A construção de novos discursos sobre a história do adoecimento;
- A ampliação da acessibilidade e do uso pedagógico das coleções;
- O estímulo a novas práticas de expografia institucional em ambientes universitários;
- A promoção da discussão a respeito da ética no duplo estatuto de remanescentes humanos enquanto pessoas e bens musealizados.

Frente à escassez de espaços museológicos tradicionais e à urgência em ampliar o acesso ao conhecimento médico e à história das doenças, a proposta se apoia em estratégias de ocupação de espaços alternativos, conforme defendido por Lima (2023). Corredores institucionais, neste contexto, tornam-se potentes canais de difusão científica e educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação de espaços não museais com finalidades educativas, como corredores universitários, revela-se uma estratégia eficaz de extroversão museológica, alinhada às práticas contemporâneas de comunicação do patrimônio. A iniciativa representa, portanto, um passo importante para consolidar o acervo como instrumento ativo de ensino, pesquisa e diálogo com a sociedade, estimulando novas formas de narrar, conservar e compartilhar a memória das doenças e das práticas médicas.

PALAVRAS-CHAVE

Remanescentes Humanos; Ética; Anatomia Patológica; Museus e Coleções Universitárias

AGRADECIMENTOS

FMUSP, CNPQ, FINEP, USP

REFERÊNCIAS

- Alberti SJMM. Objects and the Museum. Isis [Internet]. 2005 [Acesso em 2023 set. 12];96(4):559-71. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/498593>
- Closs, J., Veras, M., & Lima, J. (2023). Entre objetos e vidas: Explorando a Ética em Museus e Coleções de Patologia. *Cadernos De Sociomuseologia*, 66(22), 49-58. <https://doi.org/10.36572/csm.2023.vol.66.06>
- Closs JGV. Conservá-las em museus quando de interesse científico: a coleção de remanescentes humanos na trajetória do Museu Técnico Científico do Instituto Oscar Freire (MTCIOF). *Saúde ética justiça* [Internet]. 29º de dezembro de 2023 [citado 25º de maio de 2025];28(2):1-18. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sej/article/view/223023>
- Delicado A, Bastos C. O corpo medicalizado nos museus. In: Cascais A, editor. *Olhares sobre a cultura visual da medicina em Portugal*. Alfragide: Unyleya/CECLUny; 2015. p. 38-66.
- Faria SC. *O Objecto e os Museus de Medicina: Aprofundamento de um modelo de estudo* [dissertação]. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; 2009.

Lima, J. T. M. de. (2025). Mais que um corredor: uma possibilidade de divulgação para acervos universitários de história natural. *Museologia E Patrimônio*, 16(2), 144–167. <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n2p144-167>

Lima JTM, Carvalho IS. A comunicação, a divulgação e a política da valorização nas coleções científicas de paleontologia e geologia em âmbito universitário. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST [Internet]*. 2022 [Acesso em 2023 set. 12];15(1):203-42. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/896/841>

Squires K, Errickson D, Márquez-Grant N, editors. *Ethical approaches to human remains: a global challenge in Bioarchaeology and Forensic Anthropology*. 1st ed. New York: Springer Cham; 2019.

Exposição “Babá Loduncynê Tayandô: Memória em Arte” um processo museal experiencial para com a memória afro-amazônica

Diogo Jorge de Melo (UFPA) - diogojmelo@gmail.com

Ramon Augusto Teobaldo Alcantara (UFPA) - museoamon@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso – gisa.barroso@gmail.com

Cássio Alexandre Souza dos Santos - kcosantos@gmail.com

Marcelo Coelho Campos (UFPA) - junior_cn3@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar os processos constitutivos e uma memória da exposição “Babá Loduncynê Tayandô: Memória em Arte”. Exposição elaborada pelo Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas (Projeto de Extensão da Universidade Federal do Pará - UFPA) como resultado do IV Edital Prêmio PROEX de Arte e Cultura. Realizada entre 04 e 22 de dezembro de 2023 no Laboratório de Montagem de Exposições da Faculdade de Artes Visuais e desenvolvida a partir do acervo fotográfico pessoal de Babá Loduncynê Tayandô, Luiz Augusto Loureiro Cunha (1956-2018), mais conhecido como Pai Tayandô, um sacerdote afro-amazônico que nasceu e viveu na cidade de Belém do Pará.

Pai Tayandô passou por diversos segmentos afro-amazônicos como a pajelança cabocla, a umbanda e o tambor de mina jeje e nagô. Em sua trajetória se destacou como um líder religioso, defensor dos direitos humanos e combatente do racismo religioso. Além de participações no meio político, acadêmico e cultural. Ao longo de sua vida construiu o acervo fotográfico aqui designado, composto por 2.088 fotografias, as quais deixou diversas anotações em seus versos e álbuns, um aspecto que designa a intencionalidade de uma configuração mnêmica para com a formação desta coleção. Acervo que foi digitalizado e documentado pelo Museu Surrupira, que reconheceu seu valor representativo enquanto registro histórico das religiosidades afro-amazônicas. Potencial informacional o qual tomamos como base interpretativa para a elaboração da exposição, sendo a base compreensiva da trajetória de vida de Pai Tayandô (Melo et al., 2024).

Para desenvolver tal tarefa, utilizamos uma metodologia a qual denominamos de "transposição curatorial", que se baseia no conceito de transposição/recontextualização didática discutidos por Marandino (2004), sendo referentes aos aspectos pedagógicos de produção de conhecimento no âmbito da prática educacional. Processo didático que envolve ajustes informacionais que geram novos conhecimentos, quando o educador busca aproximar e facilitar a compreensão de um público leigo em relação a conteúdos especializados. Especificamente, no caso da proposta expográfica, tínhamos um acervo e deveríamos interpretá-lo para transformá-lo em conhecimento e assim fazer os devidos ajustes informacionais para que o público conseguisse se situar e compreender a nossa proposta expográfica (Alcantara, 2025).

Nesse processo, foram agregadas ao conjunto documental os testemunhos de dois filhos de santo do sacerdote. Pai Júnior (Valdecir Júnior), detentor do acervo e suas narrativas foram gravadas e transcritas a partir das suas narrativas sobre cada fotografia. Colhemos também alguns testemunhos de Pai Welbe Santos, que forneceu algumas informações adicionais. Aportes informacionais que nos possibilitou visualizar e definir os cinco eixos temáticos descritos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Destacamos que esta pesquisa possui um caráter qualitativo, onde as imagens das fotografias e as informações das narrativas atreladas serviram de base interpretativa, assim como a observação e o registro das etapas de montagem e dos resultados da exposição. Também se utilizou de fontes bibliográficas sobre as religiosidades afro-amazônicas, a produção de exposições e documentação de fotografias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição “Babá Loduncynê Tayandô: Memória em Arte” foi dividida em cinco eixos temáticos, definidos pela metodologia da “transposição curatorial”. Deste modo, o primeiro eixo se refere ao “Congá”, com o objetivo de apresentar e explicar a funcionalidade e as utilizações de um altar afrorreligioso. Destacamos que existem no acervo diversas imagens de altares do Pai Tayandô, inclusive os mais antigos, feitos com caixa de feira e papel alumínio. Aspecto, segundo Pai Junior, ocorria pelo fato de ele morar em um quarto onde também realizava suas ritualísticas, logo tinha que montar e desmontar seu congá.

O segundo eixo se refere ao “Sagrado” e abordava a ideia das ligações espirituais existente nos segmentos afrorreligiosos. Nesta parte da exposição buscava-se mostrar instrumentos do sagrado e as suas concepções imateriais. Como indumentárias, tambores, assentamentos e o oráculo divinatório de Pai Tayandô. Tínhamos também o eixo referente às “Entidades”, onde estavam representadas as entidades com quem o sacerdote trabalhava, como orixás, voduns e caboclos. O quarto eixo se destinava a “Influência Política de Babá Tayandô” e apresentava o sacerdote como um importante defensor dos direitos e das comunidades de terreiro e sua rede de sociabilidade.

No quinto eixo tínhamos a exibição do documentário “Meu Terreiro Meu Museu na Casa de Babá Loduncynê Tayandô”, produzido pela equipe do Museu Surrupira. Neste material temos Pai Junior narrando uma visita ao terreiro de Babá Tayandô e apresentando objetos que foram utilizados na exposição. Também se destaca nesse processo expositivo uma instalação artística nominada de “Portal de Encantaria”, assinada pelo Coletivo Surrupira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos que os eixos expográficos só conseguiram se estabelecer enquanto narrativa expográfica pelo fato de termos o acervo fotografias como base condutora, sendo ele interpretado pela equipe com o auxílio de Pai Junior e Pai Welbe, que nos ensinavam ao longo do processo de produção e nos possibilitaram diversas narrativas sobre a trajetória de vida de pai Tayandô.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia, Exposição, Memória, Fotografia, Religião Afro-amazônica

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, R. A. T.; CAMPOS, M. C.; MELO, D.; BARROSO, G. N. Transposição curatorial de um acervo fotográfico pessoal na exposição “Babá Loduncyne Tayandô: memória em arte”. Livro de resumos do 6º Seminário Brasileiro de Museologia. Piauí: Educar Artes e Ofícios, 2025, p.596-97.

MARANDINO, M. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. Revista brasileira de educação, 2004, p. 95-108.

MELO, D. J.; ALCANTARA, R. A. T.; BLANCO, J. M.; CAMPOS, M. C.. Memória e informação a partir da digitalização do acervo fotográfico pessoal de Bbá Loduncinê Tayandô (1956-2018). Capim Dourado: Diálogos em Extensão, v. 7, n. 2, p. 559–594, 2024.

Memórias edificadas: experiências curatoriais e comemorativas nos 75 anos da Escola de Ciência da Informação da UFMG

Jezulino Lúcio Mendes Braga (UFMG) jezulino@eci.ufmg.br

INTRODUÇÃO

A comemoração dos 75 anos da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), celebrada em 2025, inspirou a concepção de uma exposição que valorizasse sua história, seus espaços e sujeitos. A exposição "Memórias Edificadas" partiu da premissa de que a própria estrutura física da Escola – seus ambientes, objetos e usos – constitui um acervo vivo de memórias. A proposta foi evidenciar a dimensão material e simbólica da ECI por meio de um percurso expositivo que articulasse o edifício, a trajetória institucional e as vivências cotidianas dos diferentes sujeitos que o habitam. O objetivo foi celebrar a história da ECI de forma afetiva, educativa e participativa.

MATERIAIS E MÉTODOS

A exposição foi concebida em formato híbrido, com versão física montada nos corredores da Escola e versão digital publicada no site <https://memoria.eci.ufmg.br>. O processo envolveu pesquisa documental, levantamento fotográfico, revisão bibliográfica e entrevistas com membros da comunidade acadêmica. O roteiro curatorial organizou-se em torno dos "pavimentos" da ECI, utilizando a própria divisão arquitetônica do prédio para apresentar os diferentes aspectos da memória institucional. Foram abordados temas como a formação dos cursos, os projetos de extensão, as mudanças estruturais no edifício e as atividades estudantis e culturais. A equipe contou com a participação de docentes, técnicos e estudantes, em um trabalho colaborativo e interdisciplinar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição "Memórias Edificadas" resultou em um registro sensível e reflexivo sobre os 75 anos da ECI/UFMG. Sua versão digital ampliou o acesso ao conteúdo, alcançando um público para além da comunidade interna. O percurso físico permitiu uma interação mais imersiva com o espaço, estimulando lembranças e conversas entre usuários e usuárias da instituição. A articulação entre memória e espaço físico se mostrou uma estratégia potente para valorizar o patrimônio material e imaterial da ECI. Além disso, o projeto favoreceu o engajamento coletivo, o compartilhamento de experiências e a ativação de memórias pessoais e institucionais. Ao integrar memórias orais, registros fotográficos e documentos históricos, a exposição também contribuiu para a sistematização e organização da memória institucional da Escola.

Essa perspectiva encontra respaldo nas reflexões de Matos (2004), que destaca a ausência de uma cultura de valorização da memória institucional nas universidades brasileiras. A autora ressalta que a memória arquivística, frequentemente dispersa e não sistematizada, raramente é considerada um recurso estratégico para a gestão e o planejamento universitário. Nesse sentido, iniciativas como "Memórias Edificadas" têm o potencial de contribuir para uma mudança de paradigma, ao demonstrar como a curadoria de memórias pode ser uma ferramenta de gestão, identidade institucional e participação democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construir a exposição "Memórias Edificadas" evidenciou o potencial dos processos curatoriais como ferramentas de educação patrimonial, produção de sentidos e fortalecimento de vínculos institucionais. A proposta conseguiu aliar investigação histórica, reflexão crítica e afeto, em uma narrativa acessível e plural. Como desdobramento, parte do material reunido deve integrar futuras publicações e a ampliação do acervo digital da memória da ECI.

PALAVRAS-CHAVE

exposição. memória institucional. curadoria. patrimônio. educação.

REFERÊNCIAS

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto. Memória institucional e gestão universitária no Brasil: o caso da Universidade Federal da Bahia. 2004. 279 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10976>. Acesso em: 15 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Ciência da Informação. Memórias edificadas: 75 anos da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2023. Disponível em: <https://memoria.eci.ufmg.br/memorias-edificadas/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Comunicação museológica online: Estratégias comunicacionais no Museu Universitário de Arte (MUnA/UFU)

Humberto Torres Gonzales (UFBA) - humbertogonzales@ufba.br

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste em um estudo de caso desenvolvido no contexto da pesquisa de mestrado do autor, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O objetivo do estudo, reside na investigação e análise das estratégias comunicacionais desenvolvidas pela gestão do Museu Universitário de Arte (MUnA) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ao longo do recorte de março de 2020 à maio de 2022, que corresponde ao período de atuação institucional exclusivamente remota do museu, em função das restrições de acesso do público às dependências físicas da instituição em função da pandemia de covid-19. A dissertação acima referida, voltou-se ao MUnA enquanto palco empírico de investigação, de modo a compreender o processo de migração forçada das estratégias de comunicação museológica pautadas na fisicalidade, para uma esfera totalmente mediada pela cibercultura (Lévy, 1999), pelas tecnologias digitais e pelas redes sociais. Moldando-se naturalmente às limitações de ordem folksonômica (Wal, 2004), midiática (Rogers, 2013) e técnica (Gonzales, 2024) das plataformas e ambientes utilizados enquanto canais em uma perspectiva de comunicação museológica que aproxima-se de uma abordagem interativa-emergente (Hooper-Greenhill, 1994), foi possível analisarmos o perfil comunicacional construído pela gestão do museu, a partir da ótica de que, a previamente citada migração forçada à esfera online, pode ser lida, não apenas no MUnA, mas igualmente em instituições análogas, enquanto um fenômeno de hibridação cultural (Canclini, 2007).

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo valeu-se da aplicação de questionários à equipe em atuação no MUnA durante a gestão 2020-2022, objetivando coletar dados a respeito do cotidiano museal pandêmico. Enquanto aporte teórico para coleta e análise de dados dos canais comunicacionais do museu na web, valemo-nos dos Métodos Digitais (Rogers, 2013) de modo que foi possível analisar a pluralidade extensiva de mídias e materiais veiculados nos respectivos canais do museu, sob o entendimento de sua natureza documental e informacional nato-digital, respeitando seu alinhamento específico enquanto hipertextos (Lévy, 1999) em rede. Por fim, valemo-nos das contribuições da folksonomia (Wal, 2004), para fins de quantificação e análise do material coletado, orientando-nos por tags, afim de criar parâmetros de dados que pudessem fornecer um panorama quali-quantitativo a respeito das intenções comunicacionais, das naturezas de mídia e das iniciativas às quais tais ações encontravam-se vinculadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados contabiliza 242 publicações veiculadas nas redes sociais do MUnA, e constata a elaboração de 14 projetos ao longo do recorte em análise: Acervo MUnA; #TBTMUnA; MUnA 25 anos; #ObraDoMês; Exposições Online; #VocêNoMUnA; Fala de Artista; Semana de Museus; Cursos e Oficinas Online; Museu em Debate; Mês da Mulher; MUnAcast e MUnA.doc. Estas ações foram agrupadas pela gestão do museu sob uma iniciativa única, denominada "#MUnAcomVocê", que contemplou as ações de comunicação museológica em uma esfera online, exclusivamente desenvolvidas em função da pandemia de covid-19, explorando novas dinâmicas na relação entre o museu e seu web-público. Dentre os aspectos analisados, o estudo foca-se na intenção comunicacional das postagens veiculadas nos canais e plataformas virtuais do MUnA. Diagnostica-se que 26,45% das publicações (82 posts) objetivaram o resgate da memória institucional, seguidos por 22,5% (69 posts) que tinham por intenção convidar o web-público para a participação em ações desenvolvidas pelo MUnA no contexto da iniciativa #MUnAcomVocê, externas ao seu perfil no Instagram¹. Por fim, faz-se válida a menção às publicações que intencionavam a comunicação do acervo do museu, uma vez que estas igualmente correspondem a um percentual significativo do volume em análise, correspondendo a 18,38% das publicações (57 posts). O aspecto das mídias visuais utilizadas, também foi analisado, considerando a conexão natural do museu com uma dimensão da comunicação visual, justamente por sua natureza de acervo e por lidar amplamente com um alto fluxo imagético em seu cotidiano e processos museológicos. Constatou-se que 50,93% das publicações (191 posts) consistiam em imagens gráficas construídas com o auxílio de softwares de design. Em sequência, 25,33% (95 posts) das comunicações no perfil do museu no Instagram consistiam em fotografias digitais de obras do acervo, sendo essas as mídias mais comumente utilizadas, não apenas pelo MUnA mas por demais instituições análogas conforme observação dos perfis de outros museus universitários de arte brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas constatações caminham no sentido de que o MUnA traçou um percurso notadamente positivo, valendo-se de tecnologias digitais e imagéticas objetivando transformar suas ações frente a seu público, agora online, sem desprender-se totalmente de um histórico institucional já bem instalado, questão identificada em sua trajetória de estabelecimento institucional e na hipótese inicial do estudo, que foi, ao final do processo de pesquisa, confirmada. A hipótese teorizava acerca das estratégias de comunicação no cotidiano museológico do MUnA estruturarem-se notadamente através de aspectos pautados por visualidades poéticas e informacionais, e que em um contexto pandêmico e de comunicação essencialmente remota, estes aspectos não apenas se manteriam, como se potencializariam, considerando a natureza característica do MUnA em ser um núcleo museológico

universitário, e por esta condição, configurar-se inerentemente enquanto um laboratório pedagógico e museológico em constante construção e reinvenção, pautado sobremaneira pela experimentação frente às novas mídias e à nova realidade comunicacional imposta.

PALAVRAS-CHAVE

Museus Universitários. Comunicação Museológica. Comunicação Online. Covid-19. Museu Universitário de Arte.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo financiamento da pesquisa. Ao Museu Universitário de Arte (MUNA/UFU) e seus funcionários pela colaboração no estudo. À Adriana Mortara Almeida pela leitura atenta do trabalho e participação na banca de qualificação e defesa. À Mauricio Candido da Silva pelo apoio referente ao repositório digital da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU). À Aninha Duarte, pela orientação e apoio durante o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: USP, 2007.

GONZALES, Humberto Torres. Do Presencial ao Virtual: A Comunicação em Museus Universitários de Arte em tempos de pandemia. (2024. 341 p.) Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

HOOPER-GREENHILL, Eileen. Museums and their visitors. Londres: Routledge, 1994.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ROGERS, Richard. Digital Methods. MIT Press, 2013.

[1] Embora a análise conduzida foque no perfil do museu na rede social Instagram, é válido salientar que este não era, à época, seu único veículo de comunicação. Dentro do âmbito dos 14 projetos previamente citados, algumas ações pontualmente se situaram em outras plataformas online, como YouTube e o Spotify, por exemplo.

Acervo do MUnA: aquisição, organização, acondicionamento e conservação das obras de arte

Luan Pisqueda Luis (UFU) – luanpisqueda@ufu.br

INTRODUÇÃO

O Museu Universitário de Arte (MUnA), localizado na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, e órgão complementar do Instituto de Arte da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), dispõe de um importante patrimônio artístico, com cerca de 885 obras, que foi sendo adquirido ao longo das últimas quatro décadas. Desde a fundação do museu, em 1996, a gestão do acervo se fez essencial para a manutenção e o registro dessas obras. Nesse sentido, concordamos com Heloísa Barbuy (2008, p.35), quando afirma:

“[...] a organização de sistemas de informação e sua acessibilidade podem não ser o objetivo final do Museu, mas são, por outro lado, condição intrínseca a todo trabalho que se queira desenvolver em torno de acervos museológicos.”

À vista disso, no ano de 2020, a gestão do museu desenvolveu o projeto “MUnA Online: do museu para o mundo”, com o incentivo do Programa Municipal de Incentivo à cultura (PMIC), objetivando divulgar o seu acervo artístico na internet por meio da plataforma Tainacam e da série “Depoimentos”, que foram minidocumentários dedicados à artistas do acervo. Portanto, a acessibilidade à essas informações ocorreram, mas o intuito dessa pesquisa de Iniciação Científica realizada, foi compreender como funcionavam as práticas museológicas do acervo, sendo elas a política de aquisição, a documentação e a salvaguarda das obras artísticas e torná-las acessíveis à comunidade em geral, principalmente após a percepção da carência de produções científicas sobre o MUnA e em especial, sobre a gestão do acervo no repositório institucional da UFU.

De acordo com Rússio (1981, p.125) “O museu tem sempre como sujeito e objeto o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas ideias e aspirações.” Nesse sentido é importante que os seres humanos tenham acesso à não só conhecimentos aparentes no museu, como as exposições, eventos, oficinas e visitas guiadas, mas também às práticas museológicas que compõem o seu acervo, de modo que mesmo sem serem da área e tiverem interesse, compreendam de forma básica esses processos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho teve início com uma visita in loco, em outubro de 2023, guiada pela extensionista do acervo do MUnA, Sofia Martins. Realizamos uma entrevista semiestruturada com o intuito de adquirir um primeiro entendimento sobre a história do museu e de como eram efetuadas as atividades do acervo. Posteriormente, fizemos levantamentos bibliográficos pertinentes sobre o tema, sendo algumas das autoras principais estudadas, a Adriana Mortara Almeida, Ana Paula de Andrade e Maria Cristina Oliveira Bruno. A partir disso, foi possível compreender de forma integral as primeiras impressões obtidas e formular outras. Após a finalização desse processo, realizamos uma pesquisa nos arquivos físicos do MUnA, ao qual tivemos o objetivo de apreender de forma mais precisa a história do museu e, conseqüentemente, o processo das aquisições das obras antes e depois da sua fundação, em 1996, assim como as atividades de organização, acondicionamento e conservação das obras artísticas a partir desta data. Paralelamente, em março de 2024, foram efetuadas entrevistas com a equipe vigente (2022-2024) e com a coordenadora de uma gestão anterior (2020-2022), a fim de construir uma visão atual de como estavam sendo desenvolvidas as práticas museológicas do acervo. A finalização do trabalho foi delimitada pela criação de um vídeo e está sendo desenvolvido um artigo sobre o estudo realizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível constatar que o MUnA possui uma formação distinta dos outros museus universitários do Brasil. Antes de sua idealização, havia diversos projetos de exposições artísticas e estímulo a cultura elaborados pelos(as) ex-professores(as) do curso de Artes Plásticas da UFU, que culminaram em doações das obras expostas. Com o tempo e o acúmulo dessas obras sem adequação correta, foi que o projeto do museu foi realizado e depois de muita luta, finalmente construído. Em relação as atividades museológicas do acervo, concluímos que as aquisições são integralizadas usualmente através de doações, porém, antes de efetivadas, o conselho gestor verifica se a obra está consoante com a missão do museu. Após ser aprovada e os trâmites administrativos concluídos, ela recebe o número de registro e em seguida é realizada a conservação preventiva e logo é acondicionada na reserva técnica da melhor maneira possível. A documentação da obra é realizada durante todo o processo. O vídeo produzido exibe de forma resumida a história do museu e o processo descrito acima. Além disso, foi perceptível que as atividades museológicas do MUnA são realizadas de acordo com a realidade imposta a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo foi possível compreender as atividades da gestão do acervo do MUnA, mas para além, estar ciente de outras ações importantes realizadas no

museu, como a comunicação e a expografia. Com o entendimento das atividades pesquisadas, pudemos realizar o vídeo publicizando-as. Sendo assim, desenvolver esse estudo foi muito importante, pois a teoria e a prática foram aplicadas, possibilitando uma visão mais abrangente a todos sobre as práticas museológicas realizadas no museu.

PALAVRAS-CHAVE

Acervo, Museu Universitário, MUnA, Práticas Museológicas;

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e a Universidade Federal de Uberlândia, por proporcionarem meios para o desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBUY, Heloísa. Documentação museológica e pesquisa em museus. Documentação em Museus - Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, v. 10, p. 34-43, 12 dez. 2008. A revista inteira possui 233p. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/933>. Acesso em: 18 fev. 2024.

RÚSSIO, Waldisa. A interdisciplinaridade em Museologia. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional, v. 1, 2010. Maria Cristina Oliveira Bruno: Coordenação Editorial. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/cat-WALDISA-volume-1-pags-simples.pdf>. Acesso em: 03 maio 2025.

Design Popular: Novas Estruturas Expositivas para a Representação da Cultura Popular no Museu de Arte da UFC

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau (UFC) - julialadislau@arquitetura.ufc.br
Graciele Karine Siqueira (UFC) - graciele@ufc.br

INTRODUÇÃO

Fundado em 1961 pelo professor e reitor Antônio Martins Filho, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) é uma das mais importantes instituições museológicas do estado e um marco na preservação e difusão da arte e da cultura cearense. Com um acervo diversificado que contempla obras modernistas brasileiras e as manifestações da cultura popular tradicional nordestina, o MAUC se constitui como um espaço dinâmico de memória, educação e experimentação estética.

Dentre os diversos núcleos expositivos do MAUC, a sala voltada à Cultura Popular ocupa um lugar central na preservação e valorização das expressões artísticas tradicionais do Nordeste, reunindo obras como xilogravuras, esculturas em madeira, ex-votos, cordéis e objetos de religiosidade popular. Apesar da relevância de seu acervo, o espaço apresenta limitações no que diz respeito aos elementos expositivos e ao mobiliário utilizado (planejados e construídos em 2008/09), e que não atendem às novas necessidades de fruição do público e a diversidade formal e simbólica da arte popular. Diante dessa lacuna, este estudo propõe-se a investigar e desenvolver soluções de design que possam qualificar a experiência expositiva e valorizar as múltiplas linguagens presentes nesse universo cultural.

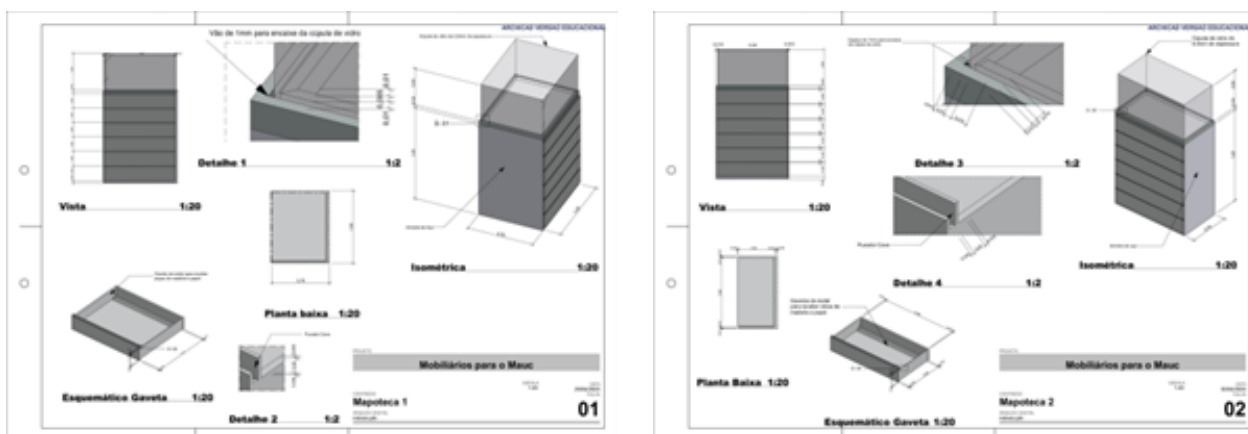
METODOLOGIA

A metodologia baseia-se na concepção de montagem expositiva de Luis Alonso Fernández, que entende a exposição como um sistema de comunicação visual, além da simples disposição de objetos. Segundo ele, a organização deve unir critérios científicos, didáticos e estéticos para criar uma narrativa clara e acessível. Nesse sentido, o mobiliário tem papel fundamental na mediação entre acervo e público, funcionando como suporte e parte do discurso. Assim, seu design e disposição devem facilitar a leitura, respeitar os aspectos formais e simbólicos das obras e estimular a interação do público. A partir disso, foram analisados os móveis atuais e as obras não expostas para desenvolver novos suportes mais adequados ao acervo.

RESULTADOS

Como resultados, apresentamos quatro novos modelos de mobiliário, propondo para dois destes, variações de tamanho, assim como acessórios expositivos que poderão ser utilizados para diversificar as exposições. Uma mapoteca com 6 gavetas, com uma cúpula de encaixe com 50 centímetros de altura em ambos os casos, as gavetas foram calculadas para receber peças de matrizes de xilogravura e impressões de xilogravura, a parte superior, sob a cúpula foi pensada para receber matrizes de xilogravura e esculturas de diversos tamanhos.

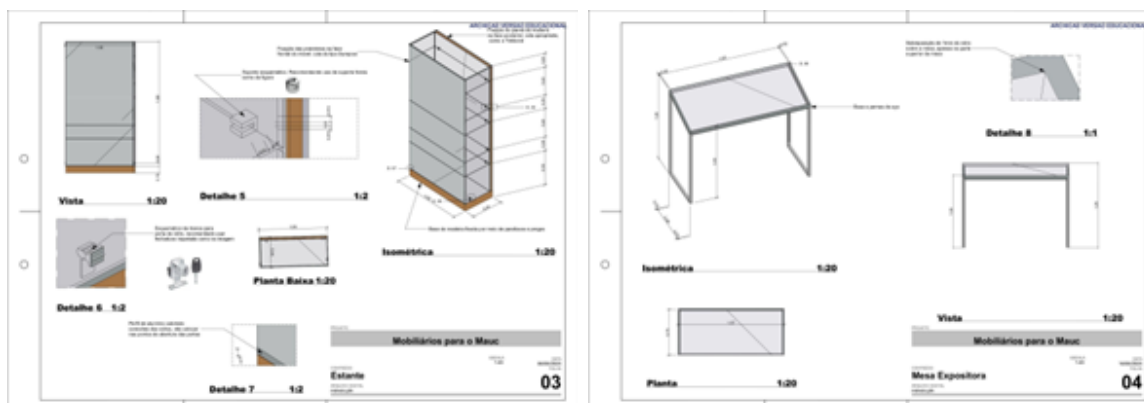
Imagens 1 e 2: Modelo de Mapotecas com cúpula na parte superior



Fonte: Elaborado pelas Autoras

Ainda, foram projetados, um armário de vidro, com base e placa de fechamento em madeira na face traseira, com prateleiras de vidro com fixação frontal com cola de vidro e fixação traseira por meio de suporte fenda de metal, o armário possui duas portas, uma em cada lateral e uma mesa expositora inclinada de aço com tampo de vidro. O armário foi elaborado tendo em mente as composições formadas pelas esculturas de um mesmo conjunto, podendo abrir peças de diferentes tamanhos, a mesa foi pensada para expor matrizes de xilogravura, impressões de xilogravura e principalmente, tapeçarias.

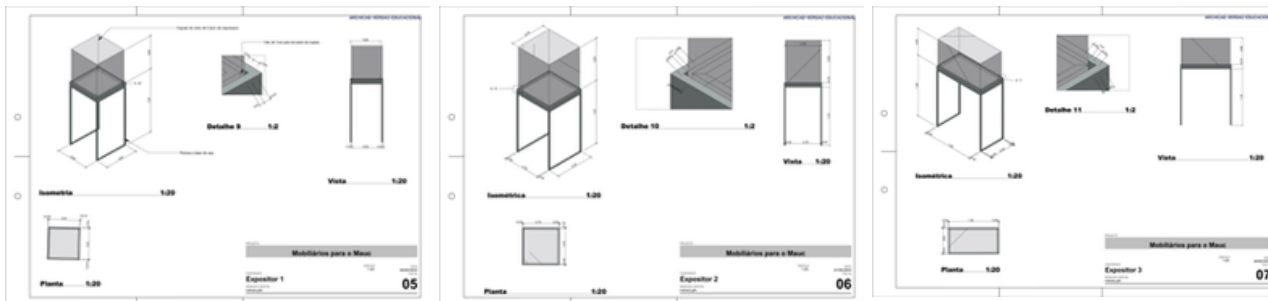
Imagens 3 e 4: Modelo de Armário de Vidro e Mesa Expositora



Fonte: Elaborado pelas Autoras

Ademais foram propostos três expositores de aço com cúpulas de encaixe de vidro em cima, a variação de tamanho proposta permite que os mobiliários atendam uma vasta gama de esculturas, matrizes xilográficas e outras peças do acervo.

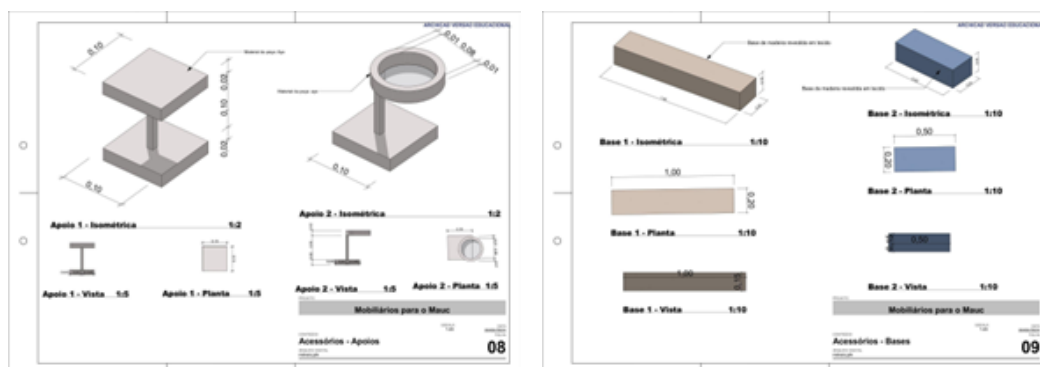
Figura 5,6 e 7: Modelo de expositores com cúpulas de vidro



Fonte: Elaborado pelas Autoras

Foram desenvolvidos quatro acessórios que podem ser utilizados com todos os mobiliários propostos: duas bases de madeira e dois apoios de aço. As peças têm o propósito de elevar as obras, possibilitando a criação de diferentes recursos expográficos.

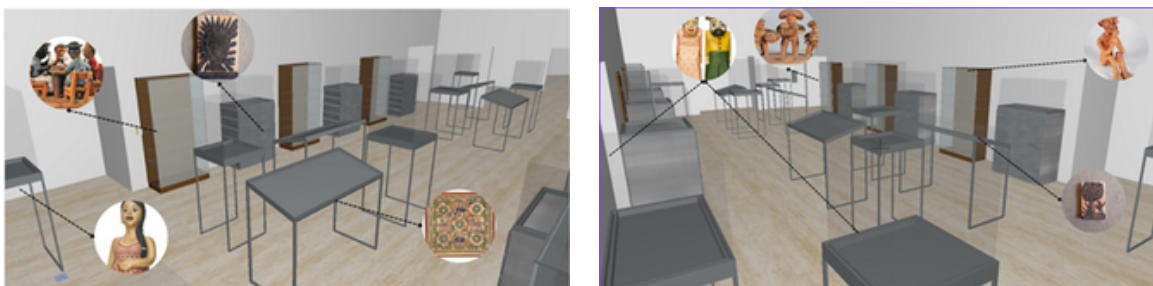
Figuras 8 e 9: Modelos das bases de madeira e dos apoios de aço



Fonte: Elaborado pelas Autoras

Dessa maneira foram elaboradas proposições e modelos de uso destes mobiliários dentro da sala de cultura popular do museu.

Figuras 10 e 11: Proposição de expografia para sala de cultura popular em software 3D



Fonte: Elaborado pelas Autoras

Esta proposta, contudo, ainda se encontra em fase de estudos preliminares, uma vez que surgiu de uma demanda interna, e assim, ainda não foi apresentada a todos os coordenadores do eixo cultural da instituição para uma discussão ampla. Dessa forma, o projeto pode passar por ajustes e alterações antes de sua efetiva materialização.

CONCLUSÕES

Este trabalho propôs sete novos móveis e suportes expositivos para a sala de cultura popular do MAUC, considerando a exposição como meio de comunicação, segundo Luis Alonso Fernández. As soluções visaram melhorar a funcionalidade, acessibilidade e mediação cultural, respeitando a diversidade e o simbolismo das expressões nordestinas. Verificou-se que a forma de expor é tão importante quanto o conteúdo, pois uma expografia inadequada compromete a mensagem. Conclui-se que um design museográfico bem fundamentado é essencial para valorizar o acervo e criar experiências significativas, fortalecendo a integração entre design, museologia e cultura popular.

PALAVRAS-CHAVES

mobiliário; exposição; cultura popular; MAUC

REFERÊNCIA

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Museología y museografía*. Madrid: Ediciones Istmo, 1999.

Arte, Patrimônio e Acontecimento: pautas no Museu Casa do Sertão UEFS sobre territórios e memórias

Cristiano Silva Cardoso (UEFS) - ccardoso@uefs.br

INTRODUÇÃO

Propõe-se aqui, um trânsito pelo patrimônio enquanto categoria de análise, alinhando informação, percepção e aprendizagem sobre a difusão de conhecimentos patrimoniais a partir de práticas pedagógicas de arte em Feira de Santana BA. Município que ocupa a região localizada na transição entre zona da mata e o sertão baiano, compõe o grupo das microrregiões pastoris do Território de Identidade Portal do Sertão, e se destaca entre os demais, tanto, pela dinamicidade e papel estratégico que desenvolve para o Estado da Bahia, quanto, por congregar riquezas e diversidades, advindas do encontro de pessoas e histórias, que retroalimentam imaginários entorno “do ser e do viver nordestino”. Tais aspectos moldam um peculiar cotidiano de feições híbridas e oscilantes entre o rural e o urbano, mas que, assim como nas demais cidades brasileiras, se firma numa estrutura econômica e social desigual, fazendo com que indivíduos e grupos constantemente, exercitem vivências de pertencimento e exclusão.

A presente proposta visa então, numa abordagem metodológica qualitativa, traçar um breve panorama reflexivo sobre este cenário, a partir de enfoque em duas, das muitas iniciativas que ocupam o espaço urbano feirense, conduzidas por Maristela Ribeiro e Luciano dos Anjos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A busca em fontes documentais, contextualização de autores, linhas interpretativas e levantamentos de campo, dispõe-se a discorrer sobre a organização e operacionalização de novas imagens, e discursos patrimoniais emergentes, que a propósito de Benjamim (1996, p. 225) “escovam a história a contrapelo” ressaltando-lhes: aspectos, que lhe dão forma e entendimento; imagens e a condição de representatividade; além de suas cenografias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Artistas que sob olhar atento do Museu casa do Sertão UEFS, materializam em inusitados espaços do município, a dinamização de imagens e um interessante ancorar de reminiscências, entendendo e pautando-as, enquanto conhecimentos (especialmente vagos, quase apagados e espontâneas) que retomado e/ou reiterado, são acrescidos de um ponto ali, subtraídos de uma fonte aqui, e assim, redimensionam, reexplicam “acolá”, enquanto memórias que se quer coletivas.

Ainda que neste trato, mantenham-se essências, aos poucos, a inevitável reescrita da história se consuma, que o diga os desdobramentos da sanha modernista, suas trincheiras e as imagens resultantes nestas paisagens (Leite 2016 p. 15). Mas, é Abreu (2015) quem chama atenção para o eminente processo de “patrimonialização das diferenças” que traz de arraste, novos sujeitos de direito coletivo, sobretudo advindos das mudanças constitucionais da década de 1980; bem como, das feições de um movimento ocidental em torno da reconfiguração de questões que envolvem o campo patrimonial.

Sobrepõe-se influência da UNESCO, em avolumar o contingente não só de agências locais, nacionais e internacionais, mas sobretudo, de indivíduos e coletivos, atuantes na definição e aplicação de políticas públicas de salvaguarda, especialmente voltadas a manifestações tradicionais e culturas populares.

Um imaginário museu nas vielas feirenses: as pinceladas de Luciano dos Anjos

O trabalho artístico de Luciano dos Anjos, toma corpo a partir das escritas do que ele chama de literatura de travas. Há uma década que as frases curtas e com teor ácido foram transportadas dos livros para seus experimentos de pinturas e dão visibilidade a crônicas visuais provocativas, trazendo para aridez do concreto urbano feirense, um colorido poético-visual que toma feições de manifesto, preenchendo de cor, cantos desta cidade, há muito povoada não só pelos viventes, mas, pelos enclaves, reclames do consumo, sintagmas e estigmas do ordenamento territorial, cidadão. O ato de colorir se associa ao de rememorar personalidades populares. Arrebatado o olhar, converge uma comunicação expositiva que transcende o verbal, por meios gráficos, figurativos e abstratos. A aparição de peças coletadas e reaproveitadas (como portas de guarda-roupas, antenas parabólicas, barricadas, toneis, pneus e antigos letreiros), considerados inservíveis e que a grosso modo, recobertos por tinta acrílica colorida, são transpostas em suportes estéticos, registram nos inusitados pontos da cidade, uma peculiar escrita museográfica e urbana, conforme quadro 1.



Quadro de Imagens 1. A Expografia urbana de Luciano dos Anjos em Feira de Santana.

Projeto Aviação: Fotografia e Identidade do Outro Lado da Margem

O projeto se propôs a realizar pautas discursivas sobre arte, valores culturais, identidade e patrimônio. Trataram-se de experiências articuladas entre 40 alunos da extinta Escola Estadual Juíza Lourdes Trindade no bairro Aviário; docentes e discentes do IFBA; servidores e discentes do CUCA UEFS; produtores e artistas locais. A interconexão de trajetórias objetivou a composição de atividades com valor estético e social, tendo o ambiente escolar como ponto de partida para questionamentos e reflexões a respeito das fronteiras do nosso sistema social: Arte a serviço de quem? O que se propõe e representa contemporaneamente? Não se tratando apenas de abordagens a conteúdos históricos e artísticos, mas, do esboçar de vivências entre memória, atualidade e protagonismo e decolonialidade, na alternância de papéis e poder comunicativo.

A metodologia envolveu a capacitação artística dos discentes, rodas de conversa sobre identidade e patrimônio, oficinas de fotografia e disponibilização de máquinas fotográficas analógicas descartáveis para que os mesmos registrassem, a partir de olhares autorias, seu patrimônio comunitário e afetivo, conforme quadro 2.



Quadro de imagem 2. Projeto Aviação Fotos: Maristela Ribeiro

Entre os resultados da experiência está a constituição de um acervo iconográfico do lugar que, testifica e comunica poeticamente, a existência de outros predicativos para aquela comunidade, que não só a alcunha perpetuada na mídia, de extrema vulnerabilidade e violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Denota-se que nesta junção propositiva entre patrimônio-acontecimento, há uma sensível esfera de produção e difusão de conhecimentos, que aproximada as ideias contemporâneas de circuito e ativismos culturais, pode fomentar o entrecruzar de narrativas domésticas que se tornam coletivas. A partilha imagética promovida por Luciano dos Anjos e Maristela Ribeiro, além reverberar as condições do “ato de ver”, transformam em processo artístico a materialização e socialização de pensamentos, sentimentos e visões de mundo, que ali inventariados, pontuam ações de afirmação, ante o território vivido e em seus atravessamentos: cotidianos, individuais e sobretudo, coletivos.

Registram-se entorno das suas metáforas, expectativa e repercussão, especialmente, nas que envolvem temáticas, muitas das vezes invisibilizadas pelos aparelhos de Estado e engrenagens do capitalismo.

Pode-se considerar que o vigor empregado nas iniciativas, coloca em cheque o uso depreciativo do adjetivo “artístico” destituindo-o de sentidos como inviolável e incompreensível, por meio de uma produção sistemática e reflexiva localizada nos intitulados por Dante Galeffi (2017) Territórios de Resistência, consubstanciando assim, manifestos contra hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE

Feira de Santana; Patrimônio; Educação; Arte.

REFERENCIAS

ABREU, R. Patrimonialização das Diferenças e os Novos sujeitos de Direito coletivo no Brasil. In: Tardy, Cécile, et Vera Dodebei, éditeurs. Memória e novos patrimônios. OpenEdition Press, 2015, <https://doi.org/10.4000/books.oep.417>.

BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

GALEFFI, Dante. (2017). A arte como território de resistência: uma perspectiva polilógica. Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales VIII, pp. 22 – 25. Recuperado en <https://iberoamericasocial.com/arte-territorio-resistencia-una-perspectiva-polilologica>;

LEITE, R.; SANTOS, A.; SILVA, M. Cidades do interior da Bahia modernidade, civilidade e sociabilidade. Feira de Santana UEFS editora, 2016

Extroversão e conservação “Cinema da Boca”: movimento social e comunidade

Beatriz Barradas Cordeiro (UFMG) – beacordeiro@ufmg.br

Jussara Vitória de Freitas (UFMG) – jussaravitoria@ufmg.br

INTRODUÇÃO

O projeto propôs contribuir com a valorização por meio da democratização do conhecimento produzido por professores e alunos da Escola de Belas Artes da UFMG sobre a coleção de cartazes e filmes do cineasta Tony Vieira recolhida ao longo dos 67 anos da Escola e dialogar com a comunidade sobre aspectos relevantes associado à chamada “Boca do Lixo”, termo utilizado para se referir ao movimento cinematográfico brasileiro caracterizado pela produção de filmes de baixo orçamento, mas de grande apelo popular, que se manifestavam pelos mais diversos gêneros. Tony foi integrante do movimento entre as décadas de 1970 e 1980, na mesma época o movimento respondeu por mais de 50% da produção brasileira explorando conteúdos ousados com temas contraculturais, questões sociais e de lutas políticas. O projeto projetou por meio da extroversão, a realização não apenas de uma exibição estética de materiais visuais, mas também uma reflexão profunda sobre a história cultural e social que essa coleção representa. Ao explorar a conexão entre cinema e os contextos históricos de sua produção, a exposição em cartaz oferece uma nova perspectiva sobre a importância do cinema como uma forma de arte que, ao longo do tempo, tem sido capaz de influenciar e ser influenciada pelas transformações sociais. A coleção do cineasta encontra-se desmembrada em três instituições, a Casa de Cultura Nair Mendes Moreira, em Contagem/MG, o Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte e o Acervo Imagens de Minas EBA-UFMG, em Belo Horizonte/MG, que realizam em parceria, a guarda e conservação da coleção contendo registros audiovisuais, cartazes e figurinos. A difusão e a preservação de acervos no contexto universitário é uma questão de grande importância para a manutenção do patrimônio acadêmico, cultural e histórico das instituições de ensino superior, pois através desses acervos, é possível resgatar e preservar o conhecimento acumulado ao longo dos anos, garantindo o acesso à história das práticas acadêmicas, científicas e culturais da universidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia se dividiu nas seguintes etapas: o diagnóstico do estado de conservação, inventário, conservação-restauração, documentação fotográfica e telecinagem dos filmes em 35mm. No diagnóstico foi registrado a identificação do objeto a partir do inventário da coleção, o mapeamento de danos, a definição do estado geral e as recomendações para tratamento. A documentação fotográfica foi realizada possibilitando mapeamento para as intervenções de conservação-restauração e posteriormente a documentação científica do acervo têxtil. Os cartazes

receberam a técnica de faceamento que foi fundamental para evitar perdas ou craquelamento durante a limpeza. Os filmes em 35mm foram telecinados quadro a quadro com captura de imagem e som em uma moviola telecine Prevost e posteriormente editados para compor o documentário Cinema da Boca. Em suma, durante a montagem da exposição foram adotados materiais que garantiram a segurança e proteção física de toda a coleção e a aplicação de parâmetros técnicos de conservação preventiva e o uso criterioso de práticas museológicas que respeitem os limites materiais das obras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este projeto propôs a interação com movimentos sociais que valorizem a democratização do conhecimento produzido por docentes e discentes da Escola de Belas Artes por meio do tratamento de parte de uma rica coleção do cineasta Tony Vieira. A equipe envolvida no projeto garantiu a qualidade das atividades de extroversão, tratamento e formação nas ações realizadas, levando em consideração o aspecto transdisciplinar.



Foto 1: Bainha de couro antes e depois da higienização.
Fonte: Beatriz Cordeiro, 2025



Foto 2: Esporas de metal depois da higienização.
Fonte: Beatriz Cordeiro, 2025



Foto 3: Cartaz "A Filha do Padre" presente na exposição.
Fonte: Acervo Imagens de Minas, 2025

A preservação da memória é um ponto central na conservação e restauração de bens culturais móveis, visto que a cultura material desempenha um papel essencial na continuidade e permanência do patrimônio coletivo. A conservação da coleção de Tony Vieira, assim como a realização da exposição "Cinema da Boca", contribuíram para a preservação de coleções audiovisuais no contexto tanto nacional como regional. Além disso, destacou-se a necessidade de preservação desses bens como forma de garantir a continuidade das narrativas históricas muitas vezes esquecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além do caráter de criação, o movimento Boca do Lixo se consolidou enquanto símbolo de resistência perante as censuras ditatoriais, considerando o

grande sucesso das produções mesmo com as restrições da época. Assim, reservar e permitir o acesso a esse acervo é garantir a permanência do movimento e do legado dos cineastas independentes que se firmavam em espaços que lhes foram negados utilizando a arte do cinema como entretenimento, principalmente voltado à população marginalizada, e forma de protesto. A expansão e o fomento desta coleção ao público faz parte de uma política de preservação cuidadosa, ao qual o objeto é desvendado não só do princípio da sua materialidade, mas também do seu simbolismo e representação como testemunha documental. Promover as manifestações artísticas que nascem no âmbito da universidade bem como as experiências compartilhadas entre docentes e discentes, evidenciam a liberdade de expressão acadêmica e incentiva discussões críticas em temas sensíveis.

PALAVRAS-CHAVE

Preservação audiovisual. Tony Vieira. Coleções universitárias. Cinema boca do lixo.

AGRADECIMENTOS

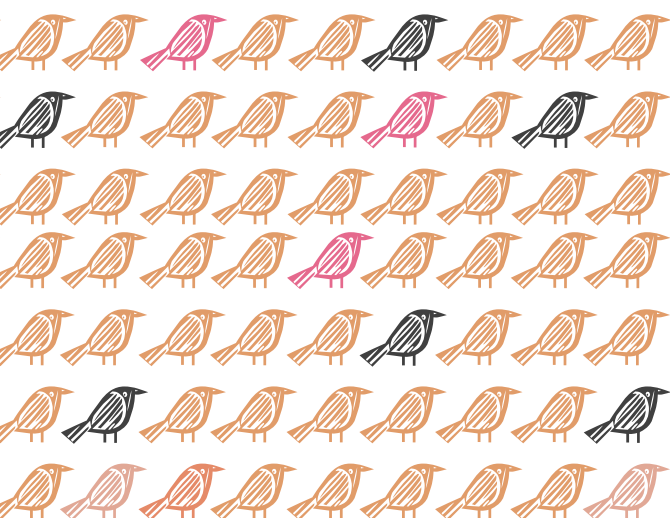
Pesquisa desenvolvida por meio do projeto "Desenvolvimento de Protocolos para revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas", Edital FAPEMIG 012/2023 e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC)/PRPQ/UFMG.

REFERÊNCIAS

COSTA, Sílvia. As ondas de destruição: a efemeridade do artefato tecnológico e o desafio da preservação audiovisual. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Soraia Nunes. A imagem cinematográfica como objeto colecionável: o colecionador na era digital. 2004. 2004. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)–Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, Sheila Mara da. A preservação da cultura material nas produções do cineasta Tony Vieira: Um estudo sobre o movimento “Cinema Boca do Lixo” nas décadas de 1970 e 1980. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.



SALA 3

SUSTENTABILIDADE, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EM MUSEUS

Mediador

Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez
Museu da Escola Catarinense da Universidade
do Estado de Santa Catarina MESC/UDESC.

Bolsista

Lilian de Sousa Leitão

Apresentamos um conjunto de trabalhos proposto a discutir ações inclusivas, sustentáveis e que ampliem a acessibilidade em museus. Essas ações são urgentes e necessárias numa perspectiva de acolhimento e respeito ao acesso de todas as pessoas em espaços educativos de memória, história, conhecimento e cultura que são os espaços museais.

O trabalho *Visitas a Museus no pós-pandemia: Estudo de públicos no Espaço do Conhecimento UFMG*, de autoria de Sibelle Diniz e Marcela Nascentes Possato, do Espaço do Conhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais, evidencia uma pesquisa com os frequentadores do Museu da UFMG, com o objetivo de identificar o tipo de público participante e sua opinião sobre a experiência no museu, com questionário indagando sobre interesses, acervo, receptividade, acolhimento, acessibilidade, dificuldades e sugestões. Essa pesquisa possibilitou repensar a forma como o museu se apresenta, mobilizou estudos e reuniões de reorganização da equipe e possibilita muitas outras ações referentes às melhorias necessárias para o atendimento ao público. O estudo evidenciou grande presença de crianças no museu e pouca visitação da população negra ao espaço, necessidade de mediação em libras, necessidade de investir na divulgação do museu, principalmente, para a população menos favorecida economicamente, dados que serão mobilizadores das próximas ações pensando na ampliação da inclusão de todas as pessoas.

Na perspectiva de propor ações sobre a acessibilidade é apresentado o projeto de extensão apresentando como 10 anos de ações acessíveis realizadas no Espaço do Conhecimento UFMG, de autoria de Priscila Gabriele Martins Silva, Wellington Luiz Silva e Jonathan Philippe, do Espaço do Conhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais. Esse trabalho mostrou um coletivo de ações no período de 10 anos do espaço para promover acessibilidade, ao longo do tempo, a equipe tem dados que aumentou o acesso do público com necessidades especiais, dados que atribuem às ações implantadas e dentre elas, sendo de grande relevância, a permanência de bolsistas com necessidades especiais que compartilharam ações que consideravam necessárias e também atraíram outras pessoas que se identificaram com eles e demonstraram afinidade e pertencimento com os bolsistas. O estabelecimento de ensino de libras semanalmente também contribuiu para a inclusão no museu e tanto o público externo quanto os servidores do museu se interessaram em participar. As reuniões de formação da equipe educativa se tornaram frequentes para possibilitar a qualificação maior da equipe. O conjunto de ações mostrou a importância de investir em práticas de acessibilidade ao longo do tempo, construindo uma cultura de cuidado, respeito e acolhimento no espaço museal universitário. Algumas ações foram a contratação de mediadores autistas, oferta de mapa tátil do museu, sessões especiais para autistas, oficinas de libras para crianças e para trabalhadores, impressão em braile, elaboração de orientações aos professores sobre práticas pedagógicas inclusivas e parceria com instituições que trabalham com pessoas com necessidades especiais.

O trabalho intitulado Agenda MAC USP 2030: Sustentabilidade Museal em suas dimensões culturais, sociais, econômicas e ambientais, de autoria de Juliana De Lucca, do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, apresenta o estudo dos dados de público do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, com a utilização do programa Ibermuseos (www.iber museos.org), de capacitação e avaliação na busca de identificar as ações necessárias e possíveis em coerência com as questões de sustentabilidade. O Ibermuseos possui um guia de autoavaliação em sustentabilidade em museus com 55 indicadores. Investir na sustentabilidade é uma meta para o museu alinhada com a nova definição de museus apresentada pelo ICOM, que traz a sustentabilidade como palavra-chave, seja ela em nível ambiental, econômica, social ou cultural. A partir deste estudo, foi criado um plano de ações do museu, com envolvimento de toda a equipe e da universidade, onde foram propostas 24 ações de sustentabilidade que foram aprovadas no Plano Acadêmico do Museu, com estabelecimento de metas a cumprir a curto, médio e longo prazo até o ano de 2030, quando objetivam ter efetivado o plano proposto.

“Contribuições do Museu da Geodiversidade para a democratização de acesso ao patrimônio geológico” foi o trabalho de autoria de Adriana Vicente da Silva de Souza, Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro, Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro que destaca por procedimentos de atração para o público, principalmente infantil, com apresentação de objetos que aguçam a curiosidade das crianças. Apesar de poucos recursos financeiros, as estratégias ampliaram o interesse do público, aumentaram a procura pelo museu e o público aumentou os conhecimentos sobre geologia. Foi incluído o plano de acessibilidade no plano museológico, considerando que acessibilidade não é trata de um projeto isolado, mas, necessita ser uma ação orgânica e permanente no museu. É preciso pensar em questões como: - os textos estão acessíveis? Quais são os pontos de descanso para as pessoas? Os expositores estão adequados aos cadeirantes? O acervo pode ser tocado? Tem autodescrição das obras? Tem mapa das salas? Algumas ações já iniciaram como caixa de recursos com lupa e lanternas, autodescrição das exposições, mediações específicas para surdos, idosos, crianças, deficientes visuais e outras formas estão sendo repensadas para possibilitar mais inclusão no museu.

No trabalho Limitações e possibilidades de inclusão e acessibilidade em museus instalados em patrimônio histórico: estudo de caso no museu de ciência e técnica da Escola de Minas – UFOP, da Universidade Federal de Ouro Preto, de autoria de Gilson Antônio Nunes, Lourdes Lorena Diniz Coelho Lopes, Ranielle Meneses de Figueiredo, foi relatada a situação de dificuldade com a estrutura antiga e deteriorada do prédio do Museu da Ciência e Técnica da Escola de Minas que impede sua sustentabilidade e democratização das mais diferentes formas, que ocasionaram o fechamento do museu. Em que condições os museus permanecem abertos ao público?

O trabalho de autoria de Ana Cláudia da Cruz Melo, Andreza Lennon Oliveira Melo, Carmen Lucia Souza da Silva intitulado Interações entre os museus universitários federais e as comunidades de baixadas: compreensões e possibilidades provoca a pensar o acesso das pessoas de baixadas ao museu, considerando a localização e entorno do museu da Universidade Federal do Pará. Quem é o público do museu? Como os museus se relacionam com as memórias pessoais das pessoas de baixadas? O conteúdo apresentado no museu precisa estar integrado com o entorno periférico. A forma como o museu trata ou apresenta as temáticas das comunidades de baixada evidencia uma ideia de museu e de público, evidencia uma concepção de conhecimento, educação e cultura. O espaço dos museus universitários precisa ser priorizado como espaço de escuta, de memória, de histórias e reconhecimento das pessoas.

Os trabalhos apresentados na mesa Sustentabilidade, Acessibilidade e Inclusão em Museus, no 8º. Fórum Permanente de Museus Universitários, em agosto de 2025, em Fortaleza-CE, se unem no objetivo de fortalecer os museus universitários como espaços inclusivos, respeitosos e de pertencimento ao povo, são espaços de memória e da história cultural de uma diversa população e, cada vez mais, é urgente e necessário pensar em ações sustentáveis, inclusivas e acessíveis a todas as pessoas.



Apresentações de comunicação oral, na sala 3 pela manhã, sobre Sustentabilidade, Acessibilidade e Inclusão em Museus - Fotografia: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 3 pela manhã, sobre Sustentabilidade, Acessibilidade e Inclusão em Museus - Fotógrafo: Flavio Almeida

Visitas a museus no pós-pandemia: estudo de públicos no espaço do conhecimento UFMG

Sibelle Diniz (Espaço do Conhecimento UFMG) - sibelle.diniz@gmail.com

Marcela Nascentes Possato (Espaço do Conhecimento UFMG) - marcelapossato@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Espaço do Conhecimento UFMG, inaugurado em 2010, é um museu universitário com vocação científico-cultural. Vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, conjuga ciência, cultura e arte, concebendo e apresentando programação diversa de exposições, sessões de planetário, observação dos astros em telescópios e ações educativas em diferentes temas e formatos. O desenvolvimento das ações parte da compreensão de que os museus são espaços de encontro, troca e debate onde o público deve se tornar protagonista.

Estudos recentes apontam para uma maior busca pelos espaços culturais e de uso público após o distanciamento social. No caso do Espaço, essa busca pode ter sido acompanhada pela diversificação do público, em função de ações de democratização e atração de novos públicos, realizadas a partir de 2020 - como a ampliação do horário de funcionamento aos sábados, até as 21 horas, bem como a ampliação de atividades e da divulgação online, permitindo que o museu se tornasse conhecido para além de seu entorno. Deste modo, a pesquisa propôs investigar as seguintes hipóteses de pesquisa: i. As pessoas passaram a visitar mais espaços de cultura no pós-pandemia; ii. As atividades de democratização e atração de visitantes, incluindo aquelas pelos canais digitais, as ações de itinerância e a mudança do horário de funcionamento, alteraram o perfil do público do museu, democratizando-o.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa realizada foi quantitativa, do tipo survey, com a aplicação presencial de questionários estruturados a 380 visitantes espontâneos do museu, entre agosto de 2024 e fevereiro de 2025. O instrumento de pesquisa continha questões com alternativas de respostas previamente indicadas aos entrevistados (estimuladas/fechadas), bem como perguntas de caráter exploratório (espontâneas/abertas). As questões destinavam-se a compreender os perfis socioeconômicos dos indivíduos em visitas espontâneas ao Espaço do Conhecimento UFMG, bem como analisar suas percepções e sua satisfação com a visita. A unidade amostral foi o indivíduo, considerados todos aqueles com idade igual ou superior a 18 anos.

A definição dos entrevistados foi realizada por amostragem sistemática estratificada^[1]. Seguindo essa técnica, foi feita a seleção sistemática das unidades amostrais, dentro de cada estrato, a partir da contagem dos visitantes quando eles finalizavam a visitação, no andar térreo do museu^[2]. A cada 16 pessoas que finalizaram a visita, a 17ª pessoa foi entrevistada. Caso o visitante selecionado não coubesse no recorte de idade adotado pela pesquisa ou recusasse a entrevista, era adotada a unidade amostral imediatamente posterior, e a contagem recomeçava a partir do próximo visitante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam para um aumento da visitação a museus e espaços culturais após a pandemia por cerca de 40% dos entrevistados. Dentre os principais motivos relatados, encontra-se a maior valorização das atividades de lazer fora do domicílio. Também são mencionadas alterações no curso de vida no período da pandemia, como mudança no local de domicílio, crescimento dos filhos ou aumento do interesse em função da maior idade ou do aumento do tempo disponível.

Além disso, em relação à pesquisa de público do museu realizada em 2017, observou-se a manutenção do perfil do público: majoritariamente feminino, de alta escolaridade e com alta frequência a museus e outros espaços culturais. Notou-se ainda uma pequena diversificação do público em termos de cor/raça. Esses resultados vão ao encontro dos achados da literatura em economia da cultura, inclusive para o Brasil, e apontaram para a necessidade de intensificação das ações de democratização do acesso e diversificação dos públicos do museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos confirmam as mudanças nos hábitos culturais dos visitantes do Espaço do Conhecimento UFMG após a pandemia de covid-19. Por outro lado, o

[1] A amostragem é estratificada quando o universo amostral é dividido em estratos e dentro de cada estrato é feita a seleção aleatória ou sistemática das unidades amostrais. Neste caso, a amostra foi dividida em dois estratos: um relacionado ao público durante a semana (terças e sextas-feiras) e outro associado ao público de fins de semana (sábados e domingos). Entende-se que os perfis de ambos os públicos podem ser distintos, uma vez que o público aos fins de semana pode não ter disponibilidade para a visita durante a semana, devido ao seu status ocupacional ou como estudantes.

[2] Nesse caso, as unidades amostrais foram selecionadas a partir de intervalos iguais. Para definição dos intervalos, o total de visitantes entre agosto e dezembro de 2023 (30.704 visitantes) foi dividido pelo número de horas em que o museu esteve aberto ao público nesse período, chegando a um público médio/hora de 30,3 visitantes. Em seguida, esse valor foi multiplicado pelo número de horas estimado para a aplicação dos questionários (200 horas, considerando 4 turnos de aplicação de 4 horas cada), o que levou a um público estimado de 6.068 pessoas ao longo dos turnos. Por fim, esse número foi dividido pelo tamanho da amostra desejada (380), chegando ao valor 15,968. Utilizando o limite desse valor, chegamos a um intervalo de 16 visitantes.

perfil do público espontâneo praticamente se manteve, ou seja, não houve evidências de diversificação deste. Ressalta-se, assim, os desafios no cumprimento da função social dos museus, especialmente por meio do seu trabalho educativo e de formação de público. Tais resultados contribuirão para o aprimoramento das ações dos diferentes núcleos de trabalho do Espaço do Conhecimento UFMG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos confirmam as mudanças nos hábitos culturais dos visitantes do Espaço do Conhecimento UFMG após a pandemia de covid-19. Por outro lado, o perfil do público espontâneo praticamente se manteve, ou seja, não houve evidências de diversificação deste. Ressalta-se, assim, os desafios no cumprimento da função social dos museus, especialmente por meio do seu trabalho educativo e de formação de público. Tais resultados contribuirão para o aprimoramento das ações dos diferentes núcleos de trabalho do Espaço do Conhecimento UFMG.

PALAVRAS-CHAVE

estudo de público, democratização do acesso, Espaço do Conhecimento UFMG

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Pró-Reitoria de Pesquisa e à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais pelo apoio ao projeto, por meio do Programa institucional de bolsas de iniciação científica em interface com a extensão para a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG (Edital Prpq 09/2024).

REFERÊNCIAS

- BÔAS, G. K. V. O saldo da pandemia: perspectivas de mudanças para os museus de arte. *Revistas UECE*, v. 19, n. 38, jan./abr. 2021.
- CASTELFRANCHI, Yuri. O museu como catalisador de cidadania científica. In: AMORIM, L.; MASSARANI, L.; NEVES, R. (Orgs.). *Divulgação científica e museus de ciências: o olhar do visitante - Memórias do evento*. (pp. 37- 46). Rio de Janeiro, RJ: RedPOP/Museu da Vida, 2016.
- CHOI, B.; KIM, J. Changes and Challenges in Museum Management after the COVID-19 Pandemic. *J. Open Innov. Technol*, v. 7, n. 148, 2021.
- DINIZ, S. C.; MACHADO, A. F. Analysis of the consumption of artistic-cultural goods and services in Brazil. *Journal of Cultural Economics*, v. 35, p. 1-18, 2011.
- GUIMARAES, A. D.; DINIZ, S. C. Equipamentos culturais, hábitos e território: um estudo de caso do Espaço do Conhecimento UFMG. *URBE Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 11, p. 1-16, 2019.
- ICOM BRASIL. Nova Definição de Museu. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?page_id=2776>. Acesso em: 7 jun. 2023.
- MARZIALE, Nicole P. A importância da reafirmação da função social dos museus antes, durante e depois da pandemia. *O Público e o Privado*, n. 38, jan/abr. 2021.

PAGLIOTO, B. F. et al. Ações educativas no Espaço do Conhecimento UFMG. INTERFACES - REVISTA DE EXTENSÃO DA UFMG, v. 11, p. 214-233, 2023.

RAFAEL, M. O futuro é hoje: reflexões para os museus no período pós-pandemia. In: JUNIOR, J.; MONTIGELLI, D. (Orgs.). Diálogos entre museus e tecnologia. São Paulo: Museu da Cidade de São Paulo, 2023.

ROLL, U. et al. COVID-19 lockdowns increase public interest in urban nature. Front Ecol Environ, 2021.

Agenda MAC USP 2030: Sustentabilidade museal em suas dimensões culturais, sociais, econômicas e ambientais

Juliana De Lucca (MAC USP) – julianalucca@usp.br

INTRODUÇÃO

O Marco Conceitual Comum (Programa Ibermuseus, 2019) define os museus sustentáveis como aqueles que valorizam o patrimônio museológico para as gerações presentes e futuras e que sejam comprometidos com a sustentabilidade nas seguintes dimensões: 1. Ambiental (incorporação da sustentabilidade em todas as atividades museais, contribuindo para a proteção e conservação dos recursos e da biodiversidade); 2. Cultural (diversidade de valores e particularidades das comunidades); 3. Econômica (recursos financeiros de fontes variadas e desenvolvimento da economia local); 4. Social (melhoria da qualidade de vida da população, acesso à cultura e diminuição das diferenças sociais. Entretanto, as instituições culturais enfrentam enormes desafios neste tema. Quais as soluções para preservar os acervos diante das mudanças climáticas? Como ser, de fato, um espaço inclusivo e representativo? Como minimizar as emissões de gases de efeito estufa nas operações diárias? Como diversificar as fontes de renda, garantindo estabilidade financeira? A partir destes questionamentos, o objetivo do projeto consistiu na implantação de um projeto de sustentabilidade para o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC USP, através das seguintes ações/indicadores:

1. Incluir o tema da sustentabilidade museal nas discussões internas da instituição, garantindo participação, pertencimento e diversidade (indicador de resultado: ao menos 04 reuniões, sendo cada uma relacionada mais especificamente a uma dimensão da sustentabilidade);
2. Formalizar a Agenda Sustentável MAC USP 2030 (indicador de resultado: proposição de ao menos 06 ações dentro de cada dimensão da sustentabilidade, a serem executadas até 2030);
3. Aprovar a Agenda Sustentável MAC USP 2030 no âmbito institucional (indicador de resultado: inclusão das ações em documento oficial da instituição, a ser revisitado anualmente).

Criado em 1963, o MAC USP é um museu público, universitário e gratuito. Considerado um dos maiores museus de arte contemporânea da América Latina, recebe anualmente um público estimado de 400.000 visitantes. Instalado em um complexo arquitetônico criado por Oscar Niemeyer, com mais de 35.000m² de área construída, possui um acervo de cerca de 10 mil obras de arte, patrimônio público tombado pelas 03 esferas (IPHAN, CONDEPHAAT e CONPRESP).

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto consistiu na elaboração de um programa institucional inicialmente intitulado “Agenda MAC USP 2030”, buscando incorporar a sustentabilidade na governança institucional ao propor ações práticas a serem desenvolvidas em cada uma das 04 dimensões da sustentabilidade previstas no Marco Conceitual Comum. Para tanto, o projeto dividiu-se em 03 etapas principais: 01. Aplicação do Guia de Autoavaliação de Sustentabilidade dos Museus do Programa Ibermuseus no MAC USP, de forma participativa (04 reuniões temáticas), a fim de conhecer o grau de sustentabilidade atual do MAC USP, fraquezas e fortalezas para cada uma das 55 questões do formulário; 02. Vivência no MACBA: 07 dias de intercâmbio no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, MACBA, Espanha, com recursos do Bolsas Ibermuseus de Capacitação - 5ª Edição: nesta etapa, por meio de reuniões e visitas técnicas, foram explorados aspectos relacionados à gestão sustentável do museu, como iluminação, climatização, preservação dos acervos, gestão de riscos, acessibilidade, gestão de resíduos; fontes de financiamentos, concessão de espaços museais, compras públicas sustentáveis; Projeto Planeta MACBA 2030; 03. Elaboração da Agenda Sustentável MAC USP 2030, a partir dos dados levantados nas reuniões iniciais, nos resultados do Guia de Autoavaliação e nas experiências do MACBA, e inclusão no Projeto Acadêmico do MAC USP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, foram propostas 24 ações de sustentabilidade museal, sendo 06 para cada uma de suas dimensões, incorporadas ao Projeto Acadêmico do MAC USP. Na tabela abaixo, a título ilustrativo, consta um exemplo de ação proposta para cada eixo da sustentabilidade:

Tabela 1. Recorte de 04 das 24 ações de sustentabilidade propostas para o MAC USP

Dimensão Econômica	Estimular contratações por registro de preços de serviços especializados para museus como painéis expositivos e transporte de obras, que proporcionarão economia de recursos e agilidade
Dimensão social	Aperfeiçoar sinalização, linguagem, tecnologias e recursos de mediação com o público, de forma a torná-los mais acessíveis
Dimensão cultural	Estimular a inclusão institucional do MAC em redes de museus
Dimensão ambiental	Estudo do custo energético do Museu, que fornecerá dados para melhoria do sistema de climatização e iluminação

Ainda como resultados imediatos, foi possível fortalecer a discussão da sustentabilidade no âmbito da instituição e apoiar a internacionalização das atividades meio do Museu, com o reconhecimento do projeto pelo Programa Ibermuseus, enriquecendo as perspectivas de gestão. A experiência também foi compartilhada na conferência “Meio Ambiente e Sustentabilidade nos Museus da USP e IEB” - USP Pensa Brasil 2024: COP 30: Desafios para o Brasil (Pensa Brasil, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus têm um grande potencial de conscientização do valor do patrimônio cultural e natural e da responsabilidade de todos os cidadãos na preservação e transmissão desses valores às gerações futuras e que podem ser agentes no desenvolvimento econômico (UNESCO, 2015). Os objetivos do projeto foram alcançados de forma participativa junto à comunidade MAC USP, e as ações de sustentabilidade museal propostas foram incorporadas ao Projeto Acadêmico do Museu, documento institucional norteador das ações do MAC USP, enquanto museu universitário, ao longo dos próximos anos. Espera-se que a inclusão da temática de sustentabilidade na governança institucional colabore com políticas mais fortalecidas em todas as dimensões da sustentabilidade, garantindo atender adequadamente as gerações futuras, de forma inclusiva, acessível e igualitária. Espera-se também que a experiência seja exemplo e estímulo para outros museus no tema.

PALAVRAS-CHAVE

Sustentabilidade museal. MAC USP. Ibermuseus. Governança. Gestão ambiental.

AGRADECIMENTOS

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP); Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) e Programa Ibermuseus.

REFERÊNCIAS

Pensa Brasil. Meio Ambiente e Sustentabilidade nos Museus da USP e IEB. 2024. Disponível em: https://www.pensabrasil.usp.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1296>. Acesso: 30 abr.2025.

Programa Ibermuseus. Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade. 2019. Disponível em: <www.ibermuseum.org>. Acesso: 28 abr.2025.

UNESCO. Recommendation concerning the Protection and Promotion of Museums and Collections, their Diversity and their Role in Society. Paris. UNESCO, 2015.

10 anos de ações acessíveis realizadas no espaço do conhecimento UFMG

Priscila Gabriele Martins (Belas Artes/UFMG) priscilamartins.gms@gmail.com
Jonathan Philippe Fernandes Barboza Dos Santos (UFMG) jonathanphilippe_6@hotmail.com
Wellington Luiz Silva (UFMG). wellluzpromestre@gmail.com

INTRODUÇÃO

O projeto: “Mediação em espaços culturais e acessibilidade: propostas de inclusão para pessoas com deficiência no Espaço do Conhecimento UFMG”, teve início em 2015 e, a cada ano, busca não apenas dar continuidade às suas ações consolidadas, mas também criar novos projetos visando a redução das barreiras atitudinais, comunicacionais e arquitetônicas ainda presentes em museus. A acessibilidade e a inclusão de pessoas com deficiência têm sido temas recorrentes na literatura acadêmica, que aponta que a exclusão desses sujeitos de espaços culturais não se restringe a aspectos físicos, mas abrange também dimensões comunicacionais e atitudinais. Pesquisadores como Luiz Lima (2006) e Juliana Santos (2016) revelam que a limitação à participação plena muitas vezes decorre do despreparo e do desconhecimento por parte dos mediadores culturais. Assim, a efetivação da acessibilidade exige uma abordagem integral, que contemple, além da adequação dos ambientes físicos, a eliminação de barreiras comunicacionais, bem como mudanças nas posturas e práticas institucionais. Tais dimensões continuam a representar entraves significativos ao acesso e à permanência qualificada de pessoas com deficiência em museus e demais espaços culturais. Como destaca o Guia de Práticas Hospitaleiras (2023), para que os espaços sejam verdadeiramente inclusivos, é fundamental escutar e compreender as experiências de quem vivencia barreiras impostas pelas condições de acessibilidade, comunicação e atitude presentes na sociedade. Trata-se de reconhecer que a exclusão não está na deficiência em si, mas nas estruturas que não consideram a diversidade dos corpos e modos de ser. Em consonância com essa perspectiva, o Espaço do Conhecimento UFMG tem buscado consolidar-se como um ambiente cada vez mais democrático, acessível e acolhedor para os mais diversos públicos, incluindo as pessoas com deficiência. Esse compromisso desafia constantemente seus educadores a desenvolver soluções acessíveis e a valorizar a democratização do acesso à cultura como princípio orientador de suas práticas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram adotadas metodologias de formação continuada, com a realização de encontros semanais voltados aos mediadores culturais. Nessas formações, foram abordados temas relacionados à acessibilidade e à inclusão de pessoas com deficiência nas atividades do museu. A programação incluiu, ainda, palestras ministradas por pessoas com deficiência, que compartilharam suas vivências e perspectivas, promovendo uma escuta qualificada e o aprofundamento das práticas inclusivas. Semanalmente, são promovidas atividades voltadas para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), com o objetivo de ampliar a comunicação com o público surdo e tornar a experiência no museu mais acolhedora, efetiva e inclusiva. Essas ações foram acompanhadas por processos contínuos de análise das práticas educativas, com foco na identificação e superação de barreiras atitudinais e comunicacionais. Ao longo dos anos, o projeto também contou com a participação ativa de estudantes com deficiência da UFMG como bolsistas, que contribuíram de forma significativa nos processos formativos e operacionais, reafirmando o protagonismo dessas pessoas na construção de uma cultura institucional mais acessível e inclusiva. As ações do projeto abrangem também a realização de oficinas e a produção de vídeos destinados à programação do “Sábado com Libras”, além do estabelecimento de parcerias com instituições e iniciativas comprometidas com a democratização do acesso e a promoção de práticas culturais inclusivas. Destaca-se, ainda, o acompanhamento de visitas de grupos diversos que incluem pessoas com deficiência, pessoas idosas, pessoas do espectro autista dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados no projeto indicaram avanços, principalmente em relação à participação do público com deficiência e à qualidade das atividades realizadas. Por meio das ações, especialmente a formação continuada e a implementação de estratégias de acessibilidade comunicacional, observou-se um aumento no número de visitantes com deficiência nas atividades do museu. O projeto “Sábado com Libras”, as oficinas inclusivas e outras atividades acessíveis, contribuíram para a conquista desse público, criando um museu mais diverso. As formações continuadas promovidas pelo projeto contribuíram significativamente para o aprimoramento do acolhimento e da condução das atividades educativas, fortalecendo a confiança dos educadores no trato com a diversidade e com as múltiplas necessidades dos públicos atendidos. Como desdobramento desse processo, foram produzidos relatos de experiência e artigos acadêmicos que evidenciam um aprofundamento na compreensão dos mediadores sobre acessibilidade e inclusão, refletido diretamente em suas práticas. Esses documentos passaram a compor um acervo valioso dos processos formativos, funcionando tanto como registro institucional quanto como instrumento de reflexão crítica. Além disso, contribuem para a ampliação do debate sobre acessibilidade no contexto museal e fomentam a produção acadêmica voltada à mediação cultural inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados acumulados ao longo de uma década evidenciam a relevância do projeto na promoção da acessibilidade e na efetiva inclusão de pessoas com deficiência no Espaço do Conhecimento UFMG. As atividades acessíveis e as formações continuadas desenvolvidas consolidaram práticas educativas comprometidas com a diversidade e o pertencimento. Inspirado no lema “Nada sobre nós sem nós”, o projeto reafirma o protagonismo das pessoas com deficiência, colocando-as no centro das decisões e ações que as afetam diretamente. A trajetória de dez anos ininterruptos não apenas fortaleceu parcerias e aperfeiçoou metodologias, como também reafirmou a importância da escuta ativa, da participação coletiva e do compromisso com uma cultura verdadeiramente inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE

Museu, educação museal, acessibilidade em museus, inclusão, formação de mediadores culturais.

AGRADECIMENTOS

Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT); Fundação Rodrigo de Melo Franco de Andrade (FRMFA). Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMG (NAI/UFMG) e Programa De Apoio A Inclusão e Promoção à Acessibilidade (Pipa).

REFERÊNCIAS

- LIMA, Luiz Henrique. Acessibilidade para pessoas portadoras de deficiências: requisito da legalidade, legitimidade e economicidade das edificações públicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE AUDITORIA DE OBRAS PÚBLICAS, 11. Foz do Iguaçu, PR, 2006. Disponível em: <https://revista.tcu.gov.br/ojs/index.php/RTCU/article/view/293>. Acesso em: 02 maio 2025.
- PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila; MARQUES, Ângela Salgueiro; JÁCOME, Phellipy Pereira. Comunicação e acessibilidade: um guia para práticas hospitalares. Porto Alegre: Fi, 2023. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/706-comunicacao-acessibilidades>. Acesso em: 02 maio 2025.
- SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya; SCHLÜNZEN Jr., Klaus. Formação para a educação inclusiva e especial. 2016. Disponível em: nasejournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1471-3802.12184. Acesso em: 02 maio 2025.

Limitações e possibilidades de inclusão e acessibilidade em museus instalados em patrimônio histórico: estudo de caso no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas - UFOP

Lourdes Lorena Diniz Coelho Lopes
Gilson Antonio Nunes
Ranielle Menezes de Figueiredo

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as possibilidades de adaptação do Museu de Ciência e Técnica da UFOP para torná-lo mais acessível e inclusivo, mesmo com as limitações de um edifício tombado. Busca-se alinhar a instituição à Lei nº 11.904/2009, que garante acessibilidade universal nos museus. A proposta mostra que é possível promover inclusão em espaços históricos, conciliando preservação e acesso para todos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Com base no Relatório de Acessibilidade em Museus e na Ferramenta de Autodiagnóstico de Acessibilidade para Museus, disponibilizados pelo programa Ibermuseus, programa de cooperação para os museus da Ibero-América, foi realizada uma análise detalhada dos espaços do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A metodologia adotada envolveu visitas técnicas presenciais ao museu, com observação sistemática dos ambientes expositivos, de circulação, acesso, serviços e infraestrutura. Durante as visitas, foram utilizados registros fotográficos e anotações de campo para documentar as barreiras arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais. Buscamos identificar indicadores de acessibilidade existentes e ausentes em diversas categorias, como sinalização, mobiliário, banheiros, acesso físico, comunicação e atendimento ao público. Além disso, foram consideradas as restrições legais e técnicas para modificações, tendo em vista que o edifício é tombado como patrimônio histórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da ferramenta de autodiagnóstico de Acessibilidade em Museus, identifica-se que o espaço físico da instituição apresenta adequações mínimas para o trânsito de visitantes com algum tipo de deficiência, apresentando um percentual de 8,86%. O museu possui um circuito expositivo vertical e horizontal, mas menos da metade pode ser acessada horizontalmente. A instituição não dispõe de elevadores e, devido às características históricas do edifício, sua instalação requer aprovação dos órgão de preservação do patrimônio cultural. A única rampa existente, localizada na entrada principal, não atende às exigências da norma técnica NBR 9050, norma que “visa proporcionar a utilização autônoma, independente e segura dos ambientes, edificações, mobiliário e equipamentos urbanos ao maior número possível de

peças, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção”. As escadarias também não apresentam adaptações que facilitem o trânsito de pessoas com deficiência, o que poderia ser corrigido com a instalação de corrimãos e sinalização adequada.

Diante das limitações impostas pelo tombamento do edifício do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, as soluções propostas devem priorizar intervenções de baixo impacto e caráter reversível, conforme orientações do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), por se tratar de um prédio tombado. Entre as medidas físicas e estruturais possíveis, destaca-se a instalação de corrimãos em aço pintado, de forma discreta e removível, respeitando a materialidade e a estética original da edificação. Também se propõe o uso de plataformas elevatórias verticais e rampas móveis em áreas com desníveis acentuados, com estruturas metálicas adaptáveis que dispensam fixações permanentes em elementos originais da construção. Além disso, os banheiros necessitam de um novo projeto que se preocupem em aumentar o espaço de circulação e cabines, além de adaptações como a instalação de barras de apoio e espelhos inclinados.

No campo das soluções comunicacionais e sensoriais, recomenda-se a implantação de sinalização tátil e em braille junto às exposições e fluxos de circulação, bem como a aplicação de piso tátil direcional e de alerta em corredores e pontos de transição, utilizando materiais aplicáveis sobre o piso original. A acessibilidade comunicacional também pode ser ampliada com a instalação de totens interativos acessíveis, dotados de comandos em áudio, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e texto ampliado, além da disponibilização de audioguias e dispositivos móveis com áudio-descrição, acessíveis via aplicativo ou empréstimo no museu. Vídeos institucionais e expositivos devem conter legendas e, quando possível, intérpretes de LIBRAS gravados. Para pessoas com deficiência visual, sugere-se o uso de réplicas táteis de objetos do acervo, respeitando as restrições de manuseio do patrimônio original. Complementarmente, experiências multissensoriais, como sons ambientes, aromas associados às temáticas das exposições e materiais com texturas variadas, podem enriquecer a fruição do público com diferentes necessidades sensoriais, desde que aplicadas com critério e respeito ao acervo.

Do ponto de vista institucional e programático, a acessibilidade deve ser incorporada como diretriz permanente da gestão museal. Isso inclui a criação de um Conselho de Acessibilidade do Museu de Ciência e Técnica responsável pela política de acessibilidade e inclusão da instituição. Esse conselho poderia ser constituído pelo Diretor do Museu, por um representante da Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão (CAIN), do Departamento de Museologia e por no mínimo uma entidade externa à UFOP que desenvolva ações ou represente segmentos das pessoas com deficiência. Dentre as ações do conselho pode discutir a capacitação contínua de mediadores, monitores e recepcionistas em práticas de atendimento inclusivo, a elaboração de um plano institucional de acessibilidade com ações progressivas de

curto, médio e longo prazo, e o estabelecimento de parcerias com instituições especializadas no atendimento a pessoas com deficiência, visando à cocriação e validação das estratégias propostas. Por fim, recomenda-se o fornecimento de cadeiras de rodas para empréstimo, a ampliação de zonas de descanso com bancos móveis e a garantia de mobiliário acessível distribuído de forma estratégica pelo percurso expositivo.

As propostas buscam atender às leis de acessibilidade e ampliar o acesso à cultura, respeitando o valor histórico do edifício. Sua aplicação gradual permite conciliar preservação e inclusão dos diversos públicos do museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu de Ciência e Técnica da UFOP enfrenta desafios de acessibilidade por estar em um prédio histórico adaptado. Mesmo com limitações, é possível realizar intervenções que melhorem o acesso. Tais mudanças são importantes para cumprir a legislação e garantir inclusão. As soluções envolvem aspectos estruturais, comunicacionais e sensoriais. A acessibilidade vai além das barreiras físicas, promovendo participação plena no ambiente museológico.

PALAVRAS-CHAVE

Acessibilidade. Adaptação. Museus

REFERÊNCIAS

IBERMUSEUS. Ferramenta de autodiagnóstico de acessibilidade para museus. Disponível em: <https://www.iber museos.org/pt/acoes/observatorio-ibero-americano-de-museus/ferramenta-de-autodiagnostico-de-acessibilidade-em-museus/>. Acesso em: 4 maio 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. Disponível em: https://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf. Acesso em: 6 maio 2025.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/92498/estatuto-de-museus-lei-11904-09>. Acesso em: 6 maio 2025.

Interações entre os museus universitários federais e as comunidades de baixadas: compreensões e possibilidades

Andreza O. Melo (UFPA) andrezoliveira1996@gmail.com

Ana Cláudia Melo (UFPA) acmelo@ufpa.br

Carmen Silva (UFPA) carmensilva@ufpa.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos os resultados de levantamentos e reflexões teóricas-metodológicas sobre possíveis interações e interseções entre os museus universitários e as comunidades periféricas, em especial de baixadas. Reflexões que acontecem no âmbito do projeto de pesquisa intitulado As memórias das baixadas como elos de aproximação entre o público e o Museu Universitário. O projeto que problematiza uma possível presença/ausência das memórias sociais e históricas de comunidades de periferia, em especial das baixadas, nos museus tem como objetivo identificar e compreender como os museus universitários tratariam ou se relacionariam com as memórias sociais destes grupos. Desta forma, buscou-se investigar se as baixadas estariam entre os focos das coleções dos museus universitários, especialmente aqueles vinculados às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que possuem cursos de Museologia. Foco, neste caso, compreendido como o modo de tratar, representar ou apresentar temáticas, objetos e/ou acervos à luz da compreensão de baixada, isto é, “uma espécie de periferia, ou seja, uma tipologia de comunidades em estado de vulnerabilidade, conectada com um elemento geográfico bem característico: os terrenos baixos” (Observatório, 2025).

O objetivo geral da pesquisa se desdobra ainda em outros três objetivos específicos: o de 1) identificar de que maneira a atuação museológica universitária estaria a visibilizar as histórias e memórias de comunidades periféricas; 2) a de refletir acerca da compreensão do que vem a ser um museu universitário, na perspectiva daquilo que pode se expandir para além do público acadêmico; e o 3) de pensar sobre o papel da Museologia como possibilidade de inclusão social e em diálogo com educação ambiental de comunidades localizadas em áreas vulneráveis de baixadas urbanas.

O estudo de Mendonça (2017), acerca da conceituação e a revisão de literatura sobre museus universitários, nos ajuda a refletir não apenas sobre os focos dos museus investigados, mas sobretudo quanto às novas frentes de produção de conhecimentos e de inovação que os museus universitários podem oferecer. Perspectiva que se abre, especialmente, quando a pesquisadora cita o texto do paleontólogo Craig Call Black, intitulado Dilemma for campus museums: open door or ivory tower? (O dilema para o museu do campus: porta de entrada ou torre de marfim?). Conforme Mendonça (2017), Black nos lembra que um Museu Universitário

pode ser tanto “uma torre de marfim fechado em si, a servir apenas a comunidade acadêmica” ou também pode proceder de maneira inversa, “ou seja, ser a porta aberta para a comunidade externa ou para novas frentes de investigação” (Mendonça, 2017, p. 37). Mendonça pontua que o Museu Universitário não pode mais ser como a “torre de marfim” no meio do campus e da comunidade que o hospeda. Ela nos lembra que o público “quer ver-se representado nos museus”, e que a “representatividade dos grupos sociais torna-se uma necessidade premente neste contexto” (2017, p. 294).

MATERIAIS E MÉTODOS

Com o objetivo de identificar como os museus universitários tratariam ou se relacionariam com as memórias sociais de comunidades periféricas, em especial de baixadas, nossa investigação, primeiro, buscou levantar o quantitativo de museus universitários por IFES. Para realizar este levantamento, foi essencial o Mapa Museus Universitários no Brasil (Brasil, 2025), resultado do projeto Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia e Museus Universitários: pesquisa, análise e caracterização de relações estratégicas. Após esse levantamento, o trabalho se concentrou na análise das informações divulgadas nos sites sobre os acervos de 109 Museus Universitários vinculados à 13 IFES que possuem curso superior de graduação em Museologia. Analisamos as classificações dos museus (se departamentais ou se universitários) e as origens das coleções (se de pesquisa, de ensino, históricas, de história da universidade, memorabilia, biográficas de personalidades, adquiridas).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado do levantamento demonstrou que a maioria dos museus universitários analisados tem como focos principais as coleções de ensino e de pesquisa voltadas ao público interno acadêmico ou aquelas adquiridas. O que pode, além de evidenciar o papel estratégico das universidades federais na constituição de espaços museológicos formadores e acessíveis, também reiterar a necessidade de os Museus Universitários irem mais ao encontro das comunidades externas à academia, entre as quais as comunidades de baixadas e periféricas, mesmo que estejamos tratando das coleções resultantes de projetos de ensino, de pesquisa, de extensão ou de coleções diversas, como aquelas advindas das doações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar acerca das Interações entre os museus universitários federais e as comunidades de baixadas nos conduziu à necessidade de refletir mais acerca da importância da inclusão de diversos grupos sociais nos museus universitários. Afinal, a dimensão histórica dos museus universitários brasileiros pode ser considerada como intrínseca ao desenvolvimento do sistema de educação superior no país. Premissa que nos conduz, inicialmente, a compreensão de que, assim como ainda se

debate sobre a necessidade de inclusão no país de diversos segmentos historicamente excluídos, como os sociais (baixa renda) e os raciais (pretos, pardos e indígenas), precisamos também pensar sobre como se dá a inclusão e o acesso ao conhecimento que as universidades produzem ou abrigam.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidades. Baixadas. Museus Universitários.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Observatório das Baixadas pelo suporte e incentivo na realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Mapa de Museus Universitários no Brasil, Gov.br 05 mai. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2021/janeiro/mapa-de-museus-universitarios-no-brasil>. Acesso em: 14 maio 2025.

MENDONÇA, Lúcia Glicério. Museus universitários e modernidade líquida: compromissos, desafios e tendências (Um estudo sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede, Brasil e Portugal). Orientadora: Alice Duarte. 333 f. Tese (Doutorado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/111042/2/256602.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

OBSERVATÓRIO das Baixadas. BAI.XA.DAS. Somos as comunidades mais afetadas pelo evento climático e ambiental mais destrutivo: geo-hidrológico. [2025]. Disponível em: <https://www.observatoriodasbaixadas.org/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PALAVRAS-CHAVE

Anuros. Fauna regional. Distribuição. Nordeste

AGRADECIMENTOS

UFDFar/Prex.UFDFar/CZDP

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Kássio C. et al. Herpetofauna of the Environmental Protection Area Delta do Parnaíba, Northeastern Brazil. *Cuadernos de Herpetología*, v. 34, 2020.
- BOYER, R., et al. The need for water quality criteria for frogs. *Environmental health perspectives*, v. 103, n. 4, p. 352-357, 1995.
- DALE, V., et al. Challenges in the development and use of ecological indicators. *Ecological indicators*, v. 1, n. 1, p. 3-10, 2001.
- DE SÁ, R., et al. Systematics of the neotropical genus *Leptodactylus* Fitzinger, 1826 (Anura: Leptodactylidae): phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology*, v. 9, n. s1, 2014.
- LUEDTKE, J., et al. Ongoing declines for the world's amphibians in the face of emerging threats. *Nature*, v. 622, n. 7982, p. 308-314, 2023
- STUART, S., et al. *Threatened amphibians of the world*. Barcelona: Lynx Edicions, 2008. 758 p.

Contribuições do Museu da Geodiversidade para a democratização do acesso ao patrimônio geológico

Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ) –
alinecastro@igeo.ufrj.br

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior - MEC/SESu) - damianesantos@mec.gov.br

Adriana Vicente da Silva de Souza (Museu da Geodiversidade - IGEO/UFRJ) -
adriana@igeo.ufrj.br

INTRODUÇÃO

O Museu da Geodiversidade (MGeo) integra o Instituto de Geociências (IGEO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e conserva e apresenta um acervo composto por fósseis, minerais, rochas, meteoritos e reconstituições em escala real. Esses elementos representam, de forma contextualizada, os ambientes geológicos e biológicos em que se originaram ou existiram. A exposição do MGeo, Memórias da Terra, narra a trajetória evolutiva do planeta Terra e dos seres vivos que nele habitaram nas eras geológicas. Ao evidenciar a vulnerabilidade da espécie humana frente à grandiosidade da história natural, a exposição reflete criticamente sobre a necessidade de preservar o planeta. Essa narrativa é enriquecida por meio da museografia com recursos estéticos e tecnológicos, a fim de captar o interesse do público e proporcionar uma imersão na história geológica do planeta (Castro et al., 2012).

A equipe do museu é interdisciplinar: museólogos, produtores culturais, educadores, auxiliares administrativos e profissionais da área de portaria e recepção. Adicionalmente, contam com bolsistas de extensão e de iniciação científica, discentes de projetos curriculares de extensão e pesquisadores colaboradores. Entre as iniciativas destacam-se a preservação do patrimônio científico do IGEO, o atendimento ao público, a elaboração de roteiros mediados para diferentes perfis de visitantes, a realização de atividades educativas, a concepção e promoção de ações de acessibilidade, inclusão e divulgação científica pelas redes sociais.

A vinculação do MGeo à UFRJ representa uma oportunidade de articulação com diferentes setores acadêmicos, permitindo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Embora o MGeo não possua orçamento próprio, a sua equipe mantém comprometimento com a acessibilidade. Buscam-se alternativas por meio da mobilização de capital humano, parcerias e cooperação institucional para a implementação de estratégias voltadas à inclusão e à comunicação acessível. Assim, este trabalho visa apresentar a forma como as ações empreendidas por um museu universitário contribuem para a promoção da inclusão na UFRJ.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este resumo apresenta e analisa as atividades de difusão da geodiversidade com a incorporação de recursos de acessibilidade desenvolvidas pelo MGeo, a partir da vivência pontual dos autores junto à instituição. A metodologia possui caráter exploratório, alicerçada na experiência prática e na experimentação, considerando a natureza empírica do objeto de investigação, o que exige observação direta e coleta de dados qualitativos (Gil, 1995).

A coleta dos dados foi realizada por meio de observação direta, com acompanhamento sistemático das ações educativas e expositivas promovidas pelo MGeo. Foi conferida atenção aos recursos de acessibilidade, às estratégias de mediação com os públicos e ao registro das interações entre visitantes, mediadores e o acervo, com o objetivo de identificar práticas que favoreçam a inclusão. A práxis dos autores foi articulada com referenciais teóricos, destacando-se a relevância da museologia crítica e da educação museal como ferramentas fundamentais para a valorização e a democratização do patrimônio geológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MGeo tem como diretriz fundamental oferecer acesso universal a todos os visitantes,. Com base nessa premissa, o museu promove a adaptação contínua de seus espaços museológicos, guiando-se por princípios de excelência no atendimento, compromisso com a divulgação científica e respeito aos direitos das pessoas com deficiência. Nesse contexto, a promoção de ações sustentáveis e inclusivas constitui um dos pilares de sua atuação institucional. As ações desenvolvidas são orientadas pelo lema “Nada sobre nós sem nós”, em consonância com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que preconiza a participação ativa dessas pessoas na formulação e implementação de políticas e programas, em igualdade de condições com os demais.

As práticas inclusivas implementadas no MGeo articulam diferentes saberes e metodologias de divulgação científica, abrangendo mediações educativas, recursos de acessibilidade e atividades voltadas às crianças, idosos, pessoas surdas, cegas e indivíduos com deficiência intelectual. Tais iniciativas convergem para um objetivo comum: ampliar o acesso ao conhecimento geocientífico por meio de estratégias que promovam a acessibilidade e assegurem a equidade de direitos no ambiente museológico, minimizando as barreiras existentes e atraindo um público até então excluído. Os projetos interagem de forma integrada, fortalecendo a proposta de tornar o conteúdo expositivo mais democrático e representativo. Entre as ações, destacam-se a mediação cultural acessível em Língua Brasileira de Sinais (Libras), o desenvolvimento e uso de ferramentas táteis — como mapas táteis, livros e legendas em Braille, maquetes acessíveis — e a criação de jogos educativos adaptados. Para o público com deficiência intelectual adaptou-se um roteiro de mediação, desenvolveram-se pranchas de comunicação alternativa, caixa de recursos e

treinamentos para os mediadores, assim como o curso de extensão “Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público infante-juvenil com Deficiência Intelectual” (Santos et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação científica e cultural consolidou-se como uma ferramenta essencial na construção de uma cidadania ativa e participativa, ao promover o direito à cultura e as políticas de inclusão social. Entendendo que a ciência faz parte da cultura, no contexto do MGeo, essa prática tem possibilitado o estreitamento das relações entre o público visitante, os profissionais envolvidos e os estudantes de graduação que, ao atuarem em conjunto, tecem redes colaborativas e contribuem para o fortalecimento de espaços museológicos mais inclusivos, acessíveis e representativos. Tais interações configuram-se como oportunidades para a construção coletiva de conhecimento, favorecendo a democratização do acesso à ciência e à memória geológica do planeta.

Nesse sentido, torna-se imprescindível repensar continuamente os processos de mediação, com o propósito de estabelecer formas mais eficazes de comunicação. Esse esforço de renovação deve considerar não apenas os conteúdos científicos, mas também as múltiplas identidades, vivências e subjetividades que interagem com o museu. Ao promover a aproximação entre o público e a história da Terra, os processos de mediação também contribuem para ampliar o reconhecimento do museu como um espaço plural, capaz de acolher diferentes perspectivas e experiências. Tais iniciativas reafirmam o papel social do museu como um agente de transformação e de promoção da equidade no acesso ao conhecimento, destacando sua relevância na formação de uma sociedade mais justa, informada e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE

Acessibilidade em museus; museu universitário; UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

REFERÊNCIAS

Castro, A. R. de S. F. de; Mansur, K. L.; Greco, P. D.; Pereira, E. M.R.; Diogo, M, C.; Carvalho, I. S. A museografia como ferramenta para a divulgação das Geociências: a experiência do Museu da Geodiversidade (MGeo - IGEO/UFRJ). In: Henriques, M. H.; Andrade, A. I.; Quinta-Ferreira, M.; Lopes, F. C.; Barata, M. T.; Pena dos Reis, R.; Machado, A. (Org.). Para aprender com a Terra. 1ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, v. 2, p.185.

Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995, 200p.

Santos, D. D. S. O., Castro, A. R. de S. F. de, de Souza, V. L. V., & Pelosi, M. B. (2021). Estratégias para recepção e mediação de jovens com deficiência intelectual no Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ). *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, 9(2), 244-256.



SALA 3

INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM MUSEUS

Mediador
Rossana Klippel de Souza José
(UFG)

Relator
Francisco Clenival da Silva Filho

Avaliador dos trabalhos indicados à premiação
Saulo Moreno Rocha (UFC)

A Sala 03, dedicada ao tema Inovação e Tecnologias Digitais em Museus, reuniu apresentações diversas que exploraram repositórios digitais, cibersegurança, museus virtuais e práticas de curadoria com suporte tecnológico.

O primeiro trabalho apresentado foi “Panorama dos Repositórios Digitais Brasileiros de Acesso Aberto Desenvolvidos com o Software Tainacan”, de Tiago Silva de Carvalho e Ana Cecília Rocha Veiga. A pesquisa mostrou a predominância de repositórios voltados às ciências humanas e sociais, a ampla presença no setor público (83%) e a concentração geográfica sobretudo no Rio Grande do Sul. Os acervos são majoritariamente museológicos, com coleções que variam, em muitos casos, entre mil e cinco mil itens. O perfil dos gestores também foi mapeado: maioria mulheres, brancas, entre 30 e 39 anos, com formação em Museologia ou História.

Embora o software tenha sido avaliado de forma positiva pela facilidade de uso, foram apontadas dificuldades relacionadas à gestão de acervos e relatórios.

Em seguida, foi discutido o trabalho “Gestão Inclusiva da Cibersegurança, Privacidade de Dados e Inteligência Artificial nos Museus e Universidades”, de Ana Cecília Rocha Veiga. O estudo destacou a vulnerabilidade das instituições a ataques cibernéticos, as falhas associadas ao uso de senhas fracas e a necessidade de práticas de segurança inclusivas, considerando, por exemplo, especificidades de usuários com deficiência visual. Também foram apresentadas reflexões sobre regulamentação e ética no uso da inteligência artificial.

O próximo trabalho, intitulado “Museu Digital UNILA”, de Ingrid Lopes de Souza, abordou um projeto de extensão multidisciplinar motivado pela ausência de museus na região, com exceção do Ecomuseu de Itaipu. A iniciativa reúne cerca de mil itens catalogados e promove exposições tanto na universidade quanto em instituições parceiras, incluindo uma dedicada aos grafites do campus.

Na sequência, foi apresentado “Seridó Revela: o Museu do Seridó na palma da mão”, de Anna Claudia dos Santos Nobre, Kaio Oliveira de Azevedo, Relyson Medeiros de Lucena, Rogério de Araújo Lima e Thaysa Karla Alves dos Santos. O museu, fundado no final da década de 1960, está fechado para reformas desde 2024. O trabalho relatou as estratégias utilizadas para manter a relação com a comunidade nesse período, como publicações semanais no Instagram sobre museologia, arqueologia, memória e educação. Foram discutidos ainda aspectos ligados à documentação, expografia, acessibilidade, uso de repositórios digitais, inteligência artificial e redes sociais.

Após o intervalo, estava prevista a apresentação de “Educação e Tecnologia na Extensão Universitária: o caso do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas”, de Lidiane da Costa Monteiro. Contudo, a autora não pôde comparecer.

O trabalho seguinte foi “Museus virtuais são efêmeros? Desafios de sustentabilidade no caso do Museu das Coisas Banais (2014–2025)”, de Adson Rodrigo Silva Pinheiro e Rafael Teixeira Chaves. Foram discutidos os desafios enfrentados por museus virtuais, como a desatualização, a obsolescência digital, a dependência do engajamento do público e questões de gestão. Como caminhos para a sustentabilidade, foram sugeridos o planejamento e a curadoria contínua, a gestão dos acervos, estratégias de aproximação com o público e o uso das redes sociais como extensão museológica.

Na sequência, foi apresentado “Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial, Humanidades Digitais e a Democratização de Acervos no Contexto Museológico Paranaense”, de Niltonci Chaves, Renê Wagner Ramos, Edson Armando Silva, Julia Graciela Machado e Robson Laverdi. O projeto destacou o uso da inteligência artificial para superar fragmentações, digitalizar acervos e democratizar o acesso. Entre os resultados, destacaram-se a implementação do Omeka S, a criação de um repositório compartilhado, a preservação digital e ganhos em eficiência, associados à capacitação contínua.

Encerrando a programação, o trabalho “Curadoria pública e mediação estética da obra de Panceri no Museu Deolindo Mendes Pereira (Brasil)”, de Michel Kobelinski, apresentou uma experiência de mediação pública e sensível a partir da obra de Sérgio Egídio Guevara Panceri (1998–2017). A proposta, que também dialoga com práticas de pop-up museums, buscou valorizar novas formas de aproximação entre público e acervo.

A sessão foi concluída com espaço de discussão, em que os participantes refletiram sobre os desafios e potencialidades das tecnologias digitais no campo museológico.



Apresentações de comunicação oral, na sala 3 pela tarde, sobre Inovação e Tecnologias Digitais em Museus - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 3 pela tarde, sobre Inovação e Tecnologias Digitais em Museus - Fotografia: Flávio Almeida

Panorama dos Repositórios Digitais Brasileiros de Acesso Aberto Desenvolvidos com o Software Tainacan

Tiago Silva de Carvalho (STJ) - tscarval@stj.jus.br
Ana Cecília Rocha Veiga (UFMG) – anacecilia@ufmg.br

INTRODUÇÃO

Este artigo buscou responder à questão de pesquisa “Qual o perfil dos repositórios digitais brasileiros de acesso aberto, desenvolvidos com a ferramenta Tainacan, e de seus respectivos gestores?”. Objetivou, assim, traçar um estado da arte que nos fornecesse um panorama nacional dos repositórios desenvolvidos com o Tainacan. Dentre os principais resultados, pôde-se perceber uma presença massiva de repositórios desenvolvidos por instituições públicas, correspondendo a mais de 80% da amostra, em sua maioria museus e universidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para esta pesquisa, selecionamos uma amostra intencional. Foram investigados, dos cem repositórios constantes da lista de ‘Casos de uso’ do Tainacan, à época da pesquisa, todos aqueles que fossem de desenvolvedores brasileiros e que estivessem acessíveis ao público – isto é, ativos e de acesso aberto. A amostra final era constituída por 65 repositórios.

Diversas informações foram coletadas diretamente a partir dos próprios websites e coleções on-line. Já outros dados, especialmente aqueles relacionados ao perfil dos gestores, precisaram ser obtidos através de contato direto com os desenvolvedores e suas instituições. Para isso, realizou-se um levantamento com envio de questionários.

Na primeira etapa de coleta dos dados da pesquisa, ocorrida entre 2021 e 2022, foram acessados, individualmente, cada um dos repositórios incluídos na amostra. Uma planilha única centralizou os dados coletados, de modo que fosse possível sua tabulação e comparação interinstitucional. Registrou-se, ainda, uma seção de contatos, a serem utilizados na etapa seguinte.

Neste segundo momento, procedeu-se à elaboração do questionário que, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, foi enviado inicialmente aos endereços eletrônicos dos desenvolvedores. O convite para participação na pesquisa foi reenviado, posteriormente, utilizando-se de diferentes canais de comunicação, objetivando atingir um significativo índice de participação.

Deste modo, os dados obtidos tanto na primeira quanto na segunda etapa da pesquisa, através de uma amostra representativa estatisticamente, puderam servir para nos oferecer um excelente retrato da composição da comunidade de acervos digitais brasileiros de acesso aberto desenvolvidos com o Tainacan.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os resultados, pôde-se perceber uma presença massiva de repositórios desenvolvidos por instituições públicas, correspondendo a mais de 80% da amostra, em sua maioria museus e universidades. Isto se reflete, inclusive, no próprio contexto dos autores, que desenvolveram esta pesquisa dentro de uma instituição que possui um laboratório digital dedicado ao Tainacan no curso de Museologia. E que conduz, no contexto dos museus universitários e fora dele, projetos de ensino, pesquisa e extensão que fazem amplo uso deste software.

A predominância de plataformas com temas vinculados às ciências humanas e sociais foi outro dos destaques.

Quanto ao perfil dos gestores, o levantamento realizado detectou uma preocupante desigualdade no quesito “cor/raça”, com grande predominância de brancos, em detrimento de outras denominações. Segundo dados do IBGE, a maior parte da população brasileira é composta por pretos ou pardos. Entretanto, dentre os gestores dos repositórios Tainacan, estes somavam apenas 21,6%, contra 75,7% de brancos. Chamou a atenção, também, o fato de os jovens não serem maioria dentre os profissionais que gerem os repositórios digitais (como não é raro de se observar em áreas associadas à Tecnologia da Informação), assim como o alto nível acadêmico destes gestores.

Enquanto quase todos os respondentes possuíam pelo menos o nível superior (bacharelado e/ou licenciatura), cerca de 80% possuíam pós-graduação (stricto e/ou lato sensu). Em sua maioria, estas eram das áreas da Museologia ou da História.

Estes são apenas alguns dos interessantes dados revelados por esta investigação, dentre outros descritos na dissertação, defendida e orientada pelos autores deste artigo, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que os resultados advindos da pesquisa possam auxiliar na divulgação deste software nacional, e conseqüente criação de novos repositórios, coleções on-line e bibliotecas digitais no país.

Almeja-se, também, que o estudo possa servir como forma de fundamentação à gênese de ações e políticas públicas de modo a incentivar boas práticas no setor e nos museus universitários. Pois, como observado, o potencial para a economia de recursos e redução de custos com o Tainacan é notável.

Por fim, no ciberespaço e através dos softwares livres, as coleções universitárias e as comunidades acadêmicas podem ampliar a inclusão social e a acessibilidade de seus conteúdos a toda gente. Trazendo o visitante para dentro dos museus e das universidades e, também, levando os museus aos quatro cantos do planeta através da Web.

PALAVRAS-CHAVE

Bibliotecas digitais, repositórios digitais, tecnologias da informação e comunicação (TIC), coleções on-line, Tainacan.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFMG, onde esta dissertação foi desenvolvida; à CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa concedida ao autor à época do estudo; e, também, à equipe do Tainacan e à toda a comunidade brasileira de gestores de repositórios digitais que participaram desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Tiago Silva de. Panorama dos repositórios digitais brasileiros de acesso aberto desenvolvidos com o software Tainacan. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, p.122, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS; UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Acervos digitais nos museus: manual para realização de projetos. Brasília, DF: Ibram, 2020.

MARTINS, Dalton et al. Information organization and representation in digital cultural heritage in Brazil: Systematic mapping of information infrastructure in digital collections for data science applications. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, v. n. 2022, p. 1-20, 2022. DOI: 10.1002/asi.24650

TAINACAN. Casos de uso do Tainacan. Disponível em: <<https://tainacan.org/casos-de-uso-do-tainacan/>>. Acesso em: 28 abril 2025.

TAINACAN LAB ECI UFMG, 2025. Disponível em: <<https://tainacan.eci.ufmg.br/>>. Acesso em: 28 abril 2025.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário. Comunicação Digital. Fotografia. História Regional. Seridó por Lentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da UFRN e ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) pelo apoio financeiro e institucional que possibilitaram a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA CULTURA; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Plano Nacional Setorial de Museus 2025–2035. Brasília: MinC/Ibram, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2025-a-2035.pdf>. Acesso em: 24 maio 2025.

MUSEU DO SERIDÓ. Museu do Seridó – UFRN. Instagram: @mds.ufrn. Disponível em: <https://www.instagram.com/mds.ufrn>. Acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2029. Natal: UFRN, 2020. disponível em: <https://www.ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-2020-2029.pdf>. acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução n.º 020/2023-CONSUNI, de 04 de dezembro de 2023. Aprova, à unanimidade de votos, o Regimento Interno do Museu do Seridó – MDS, Unidade Suplementar vinculada ao Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, 2023.

Gestão Inclusiva da Cibersegurança, Privacidade de Dados e Inteligência Artificial nos Museus e Universidades

Ana Cecília Rocha Veiga (UFMG) – anacecilia@ufmg.br

INTRODUÇÃO

Esta comunicação introduz alguns dos resultados inéditos de seis anos de nossas pesquisas sobre gestão de acervos e museus na Web (2019, em andamento), com foco nas questões envolvendo a segurança cibernética, lei geral de proteção de dados pessoais, uso da inteligência artificial e gestão inclusiva. Os trabalhos estão sendo realizados principalmente através das plataformas LavMUSEU UFMG e Webmuseum.org. A UFMG oferece graduação em Museologia e abriga dezenas de instituições e espaços culturais que compõem a sua Rede de Museus.

MATERIAIS E MÉTODOS

As investigações do subprojeto Recursos Web para GLAM (Galerias, Bibliotecas, Arquivos e Museus), da pesquisa Gestão de Museus e Acervos na Web, envolveram revisão bibliográfica, estudos de caso em instituições brasileiras e internacionais, análises comparativas, simulações, estudos exploratórios, desenvolvimento de protótipos e pilotos, testes de usabilidade e aplicações em casos reais, principalmente nas plataformas Webmuseum.org e LavMUSEU UFMG. Sobre estas plataformas, publicamos um artigo no dossiê do 7º FPMU, disponível nas referências. Destacamos, dentre as atividades do projeto, a visita técnica aos museus de arte de Harvard, realizada em 2019. E, dentre as contribuições da pesquisa para o avanço do conhecimento, o Toolkit for Managing Digital Collections, publicado em 2023 no website da Collections Trust. Trata-se de um manual com processos, recursos e ferramentas para gerenciamento de coleções digitais, desenvolvido como recurso associado do Spectrum. A coordenadora do LavMUSEU e autora deste artigo participou dos Workshops de Feedback, com fins na avaliação do manual pelos pares, sendo a única representante de uma instituição da América Latina. Algumas sugestões dadas foram incorporadas ao documento final. Sugestões estas oriundas das pesquisas que temos a alegria de apresentar agora neste fórum.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além do desenvolvimento de protocolos internos para nossos laboratórios e exposições didáticas, destacamos dentre os resultados do projeto as suas cartilhas e recursos on-line (link nas referências), tais como: Checklist de Cibersegurança para Usuários da Web (ex: funcionários e bolsistas de museus universitários), Checklist de Cibersegurança para Gestores (ex: Diretores de Museus), Curso de Tainacan, Template Acessível de Repositório Digital no Tainacan Lab, dentre outros. Como seria impossível destrinchar o conteúdo de todas estas cartilhas e recursos aqui, listamos a seguir alguns exemplos de questões relevantes abordadas no projeto.

Comportamentos, e não tecnologias, como principal fragilidade dos museus na Web

Um dos aspectos mais importantes para se garantir a cibersegurança é o uso de senhas seguras. Entretanto, é preocupante constatar que as pessoas com frequência escolhem senhas fracas (ex:123456, senha12, museu12#). Ou ainda, repetem a mesma senha para inúmeras contas, alterando somente o final. Por exemplo: Museu36#insta, Museu36#face, Museu36#tainacan. Por fim, foram encontrados casos em que toda a equipe utilizava uma única senha e login, disponíveis num post it colado no computador do museu. O uso de senhas fortes e softwares Gerenciadores de Senhas, dentre outras medidas, podem mitigar a maioria dos problemas. Não obstante, poucas são as instituições museais que conhecem as melhores práticas para se trabalhar na Web de forma segura. Pessoas, não somente tecnologias, são uma fragilidade na cibersegurança dos museus.

Plataformas do Museu na Web: Um compromisso de longo prazo

No caso de laboratórios e museus universitários, um aspecto importante que contribui para a fragilidade da segurança cibernética e para o não cumprimento das leis gerais de proteção de dados pessoais, como a LGPD no Brasil e a GDPR na União Europeia, consiste na incompreensão das demandas de médio e de longo prazo de uma plataforma (repositório digital, website, coleção on-line etc.). Um projeto do museu ou da universidade pode dispor de recursos iniciais e bolsistas engajados. Entretanto, quando o financiamento acaba ou a bolsa termina, a plataforma on-line fica estagnada, descontinuada. Esta estagnação compromete a credibilidade acadêmica das universidades e a função social dos museus, visto que o conteúdo continua muitas vezes acessível na Web, mas desatualizado e com usabilidade comprometida. Ou ainda, a plataforma “sai do ar”. Isto representa um enorme prejuízo para a divulgação do conhecimento produzido pelo museu, além de um grande desperdício de dinheiro, tempo, infraestrutura e esforços intelectuais.

Inteligência Artificial: Perigos e Benefícios do seu Uso nos Museus e na Universidade

O uso da Inteligência Artificial (IA), incluída no projeto em 2024, significa para os museus inúmeros problemas e desafios, envolvendo os dilemas que permeiam a economia da atenção e o capitalismo de vigilância, tais como a violação de

privacidade de dados, plágios, fake news, desinformação, vício digital, dentre outros. No projeto, estão sendo conduzidos estudos exploratórios com a IA envolvendo: gestão, diagnósticos, desenvolvimento e preenchimento de documentação, elaboração de textos, pesquisa sobre o acervo, acessibilidade, para mencionarmos alguns exemplos. Os resultados são inquietantes, na medida em que a IA tem se mostrado com potencial para substituir os funcionários de museus em inúmeras tarefas intelectuais especializadas. Entendemos que, num futuro breve, a IA pode gerar automação de atividades complexas nos museus, comprometendo a empregabilidade de todos aqueles que não apresentarem domínio das soft skills (habilidades relacionais), bem como conhecimento especializado profundo e excelência em patamares superiores aos da IA. O cenário é bastante preocupante e precisa entrar na pauta das discussões dos museus universitários, porque a IA já está sendo utilizada por muitos museus e veio para ficar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como reflexão final, pontuamos que, de todos os obstáculos que estes temas aqui discutidos nos apresentam, o maior deles nos parece ser a dificuldade de garantir a acessibilidade digital e a inclusão universal frente às demandas exigidas pela contemporaneidade. Um museu é feito por pessoas e para pessoas. Todas elas, sem exceção. Incluir todo mundo no universo digital de forma ética e segura – pessoas e museus – é hoje o nosso maior desafio.

PALAVRAS-CHAVE

Cibersegurança, privacidade de dados, inteligência artificial, gestão inclusiva, acessibilidade digital.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa agradece o apoio financeiro e/ou institucional da ECI/UFMG (Diretoria e TI), PPGCI-UFMG e PROGRAD UFMG. Agradece, ainda, aos pesquisadores, profissionais e estudantes que contribuíram com este projeto e às instituições/projetos que se dispuseram a ser estudo de caso.

REFERÊNCIAS

COLLECTIONS TRUST. Toolkit for managing digital collections. Disponível em: <<https://collectionstrust.org.uk/resource/toolkit-for-managing-digital-collections/>>.

Acesso em: 18 maio de 2025.

RECURSOS WEB PARA GLAM, 2025. Disponível em: <<https://webmuseu.org/recursos>>. Acesso em: 18 maio de 2025.

TAINACAN LAB ECI UFMG, 2025. Disponível em: <<https://tainacan.eci.ufmg.br/>>. Acesso em: 18 maio de 2025.

VEIGA, Ana Cecília Rocha. Gestão Inclusiva e Acessibilidade nos Repositórios Digitais: A Experiência do LavMUSEU, Webmuseu e Tainacan Lab ECI UFMG. Revista Arteriais, Belém, v.10, n. 18, p. 64-78, Out./Dez. 2024. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18542/arteriais.v0i0.17691>> Acesso em: 18 maio de 2025.

INTRODUÇÃO

O Museu Digital UNILA (MUD) é uma iniciativa extensionista e interdisciplinar voltada à sistematização, preservação e difusão do patrimônio científico, cultural e educacional da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Surge como proposta pioneira em uma universidade sem museu físico institucionalizado, contribuindo para práticas museológicas, educativas e curatoriais que fortalecem a memória institucional, a identidade universitária e a democratização do conhecimento.

A criação da plataforma digital fundamenta-se na necessidade de ampliar o acesso à informação científica, tecnológica e cultural da UNILA, por meio da organização de coleções digitais oriundas de ações de ensino, pesquisa e extensão. As coleções universitárias, além de documentarem saberes, são fontes essenciais de memória e referência cultural. O MUD propõe-se, assim, como laboratório de práticas museológicas críticas, voltadas à superação de estruturas hegemônicas e à valorização da pluralidade de identidades, memórias e narrativas.

Com foco na visibilidade de acervos produzidos por grupos culturais diversos, o MUD também se articula com debates urgentes sobre museus universitários, como repatriação de acervos, políticas de preservação e financiamento público. Para isso, adota o Tainacan, uma tecnologia livre e flexível, desenvolvida pela Universidade de Brasília em parceria com o Ibram, que permite modelagem customizada e interoperabilidade entre diferentes tipos de acervos (MARTINS; MARTINS, 2020). Essa ferramenta tem sido amplamente utilizada por universidades por sua facilidade de uso, capacidade de integração e contribuição para a salvaguarda de acervos (MARTINS; MARTINS, 2020, p. 35, 45).

O MUD busca consolidar-se como ação inovadora, alinhada à integração regional, à participação social e à valorização das memórias plurais da América Latina e Caribe, reafirmando o compromisso da UNILA com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e com a produção de conhecimento voltada à emancipação humana.

MATERIAIS E MÉTODOS

O Museu Digital UNILA (MUD) desenvolve suas atividades por meio de uma metodologia extensionista e interdisciplinar, que articula tecnologias digitais, práticas museológicas e estratégias educativas. A equipe atual é composta por uma docente coordenadora, uma servidora técnica-administrativa e uma discente bolsista de graduação. A proposta surge em um contexto institucional no qual ainda não há modalidades consolidadas de organização de coleções, fazendo do MUD a primeira iniciativa sistemática de natureza museológica na universidade.

Utilizando a plataforma Tainacan integrada ao WordPress, o museu estrutura e disponibiliza acervos digitais que abrangem diferentes tipologias — museológica, acadêmica, curricular e bibliográfica — organizadas em eixos temáticos: Arte; História, Tecnologias, Vida e Natureza; Territórios; Educação; e Exposições Curriculares. Cada coleção cadastrada é vinculada a um desses eixos. As exposições curriculares, por sua vez, têm natureza didático-formativa e visam atender à política institucional de curricularização da extensão.

Além de coleções institucionais, o MUD prevê parcerias com entidades externas, como museus e centros culturais, cujos materiais são incorporados aos acervos temáticos sob taxonomia específica e apresentados em subpáginas com informações sobre a parceria, sem a criação de repositórios isolados.

A metodologia contempla ainda a definição de metadados e taxonomias para cada repositório, permitindo a criação de filtros de busca e a organização dos itens de forma classificatória e acessível. O museu também mantém uma seção de notícias, que funciona como blog institucional para divulgação de ações educativas, exposições e conteúdos de interesse, além de uma biblioteca digital dedicada à produção acadêmica e publicações diversas sobre museologia e curadoria.

Todas essas etapas são desenvolvidas de forma colaborativa, com formação prática da discente envolvida e foco na construção de um museu digital acessível, participativo e socialmente comprometido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação do Museu Digital UNILA (MUD) desenvolve um conjunto de ações voltadas à construção de um repositório digital interdisciplinar, com base na plataforma Tainacan, que se mostra adequada por sua flexibilidade, acessibilidade e capacidade de modelagem customizada (CONRADO-MARTINS; LOPES-MARTINS, 2020). O trabalho envolve a formação de estudantes na parametrização da plataforma, organização de metadados e taxonomias, oferecendo uma experiência prática em catalogação e gestão de acervos digitais.

Ao adotar uma museologia crítica e participativa, o MUD coloca no centro de sua proposta a valorização de narrativas populares, com destaque para comunidades indígenas, camponesas e afro-latino-americanas e caribenhas. A produção de coleções colaborativas teve início por meio de oficinas e articulações com projetos de extensão e grupos de pesquisa da UNILA. Até o momento, 21 coleções foram publicadas, com mais de mil itens catalogados, entre imagens, documentos e registros audiovisuais.

O museu digital foi pensado não apenas como espaço de exposição, mas como um instrumento de transformação social e de questionamento das estruturas museológicas tradicionais. A curadoria coletiva, a valorização de saberes diversos e a integração com práticas educativas fortalecem a proposta de um museu como espaço vivo e em constante construção.

A equipe do MUD também promove ações formativas, como oficinas artísticas e mediação cultural, além da organização de mostras presenciais integradas à plataforma. Essas experiências contribuem para a formação crítica e prática dos estudantes, articulando ensino, pesquisa e extensão.

Entre os impactos da ação, destacam-se a ampliação do acesso à memória e à produção cultural da universidade, a valorização de acervos diversos e a articulação com a comunidade externa. O MUD reforça o papel da universidade pública como produtora e difusora de conhecimento socialmente comprometido, promovendo a visibilidade de coletivos historicamente marginalizados e fortalecendo a cultura como direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do Museu Digital UNILA (MUD) permite consolidar um espaço de organização, preservação e difusão de acervos digitais no contexto universitário, promovendo o acesso à informação científica e cultural por meio da tecnologia livre Tainacan (CONRADO-MARTINS; LOPES-MARTINS, 2020).

A ação contribui para a formação acadêmica dos estudantes envolvidos, ao integrar atividades de pesquisa, ensino e extensão, e possibilita o desenvolvimento de coleções digitais que valorizam narrativas plurais e identidades diversas.

Os resultados alcançados apontam para a relevância do MUD como laboratório de práticas museológicas na UNILA, promovendo inovação, inclusão e acesso ampliado ao patrimônio universitário. A continuidade do projeto depende do fortalecimento institucional e da articulação com outras iniciativas acadêmicas e sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Museu digital. Acervo. Patrimônio. UNILA. Museologia universitária.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Luciana Conrado; MARTINS, Dalton Lopes. Experimentações sociotécnicas para organização e difusão de coleções digitais universitárias: o caso do projeto Tainacan. Rev. CPC, São Paulo, v. 15, ed. 30 especial, p. 34-61, ago./dez. 2020. <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/173022>

Seridó Revela: o Museu do Seridó na palma da mão

Anna Cláudia dos Santos Nobre (UFRN/Museu do Seridó) anna.nobre@ufrn.br
Relyson Medeiros de Lucena (UFRN/Museu do Seridó) relyson.medeiros.131@ufrn.edu.br
Thaysa Karla Alves dos Santos (UFRN/Museu do Seridó) thaysakarla2002@gmail.com
Kaio Oliveira de Azevedo (UFRN/Museu do Seridó) kaiojis2019@gmail.com
Rogério de Araújo Lima (UFRN/CERES) rogerio.lima.1@ufrn.br

INTRODUÇÃO

O Museu do Seridó (MDS), em Caicó, RN, foi fundado em 1962 pelo padre Antenor Salvino de Araújo, após seu retorno de São Paulo com o objetivo de valorizar a cultura regional (Museu do Seridó, 2021). Hoje, é Unidade Suplementar da UFRN, vinculado ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) (UFRN, 2023). A região do Seridó potiguar, com cerca de 9.374 km² e 310.067 habitantes (IBGE, 2025), destaca-se por sua diversidade cultural, refletida no artesanato, festas populares e no acervo do museu (Museu do Seridó, 2021).

Hein (1998) ressalta que museus atuais devem ir além da exposição física, atuando na educação, inclusão social e diálogo com o público. No Brasil, a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) reforça o “estímulo à troca de experiências entre museu e sociedade, incentivando novas tecnologias e cultura digital” (Brasil, 2021, Art. 6º, III, f). Já o Plano Nacional Setorial de Museus 2025–2035 recomenda intensificar o uso de mídias digitais para ampliar o alcance e democratizar o acesso (Ministério da Cultura; IBRAM, 2025). Marty (2007) destaca que essas estratégias fortalecem a função social dos museus. Com base nesses princípios, o projeto Seridó Revela foi criado para manter a conexão do MDS com a comunidade durante seu fechamento temporário para obras, garantindo a continuidade das ações educativas, promovendo acessibilidade e ampliando o público do patrimônio cultural (Nobre et al., 2024). Assim, este trabalho relata esse projeto de comunicação digital.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto foi executado por meio de postagens semanais no perfil oficial do Museu do Seridó no Instagram (@mds.ufrn). Os conteúdos foram desenvolvidos com base em perguntas simples e respostas objetivas, adaptadas à linguagem da plataforma digital, abordando os bastidores do trabalho museológico nas quatro principais áreas de atuação do museu: museologia, arqueologia, memória e educação museal (Nobre et al., 2024).

Em 2024, os materiais foram produzidos por bolsistas do museu com apoio eventual de professores. A partir de 2025, a metodologia foi aperfeiçoada com a formalização

de parcerias institucionais, designando docentes da UFRN como orientadores temáticos das postagens, promovendo maior rigor técnico e aprofundamento conceitual.

A análise de desempenho das ações digitais baseou-se em dados extraídos diretamente do Instagram, no período de outubro a dezembro de 2024, incluindo métricas de alcance, engajamento (curtidas, comentários, compartilhamentos e salvamentos) e crescimento no número de seguidores (Nobre et al., 2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2024, o projeto, iniciado em junho (Museu do Seridó, 2024), gerou 28 postagens sob o título Seridó Revela (Museu do Seridó, 2025), abordando as quatro áreas de atuação do museu: museologia, arqueologia, memória e educação museal (UFRN, 2023). As publicações favoreceram a democratização do acesso à informação e a valorização do acervo e das práticas museológicas (Nobre et al., 2024).

Entre 2 de outubro e 30 de dezembro de 2024, o perfil @mds.ufrn teve média mensal de 9.474 visualizações e 821 interações (655 curtidas, 16 comentários, 26 salvamentos e 2 compartilhamentos). Nesse período, o número de seguidores cresceu 48, totalizando 3.060 ao final do ano. A colaboração com outros perfis institucionais contribuiu para ampliar o alcance das postagens (Nobre et al., 2024).

Os dados indicam que a ação digital manteve a visibilidade do museu e a aproximação com o público, mesmo durante o fechamento físico. Reforçam também o papel das mídias digitais como ferramentas de mediação cultural, educação museal e fortalecimento da função social dos museus, conforme literatura especializada (Hein, 1998; Marty, 2007) e diretrizes nacionais (Ministério da Cultura; Ibram, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que, em 2024, o projeto “Seridó Revela” alcançou seus objetivos ao manter o Museu do Seridó conectado à sociedade por meio de comunicação digital eficaz. A iniciativa superou o desafio do fechamento temporário do espaço físico, garantindo a continuidade das atividades educativas e a mediação cultural. O projeto também ampliou o engajamento qualificado, valorizando o acervo e as histórias do Seridó, importante região cultural do interior do Nordeste (Nobre et al., 2024).

A divulgação da cultura local, pouco visibilizada em âmbito nacional, foi potencializada pela presença digital, reforçando o papel dos museus de interior como agentes de preservação da memória e da identidade regional. Essa ação está alinhada ao papel do museu universitário como agente de extensão e democratização do conhecimento, fortalecendo sua função social. Além disso, o

projeto contribui para as metas do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2029 da UFRN, que prioriza a interiorização e a aproximação da universidade com a comunidade do Seridó, promovendo o desenvolvimento regional por meio da educação, cultura e pesquisa (UFRN, 2020).

Com a formalização de parcerias acadêmicas a partir de 2025, espera-se intensificar esses impactos, integrando ensino, pesquisa e extensão e inovando nas práticas museológicas digitais. Recomenda-se a continuidade e sistematização do Seridó Revela como prática permanente, garantindo seu papel como polo cultural e educativo para o público local e ampliado.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário. Comunicação Digital. Mediação Cultural. Seridó Revela. Inclusão Social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da UFRN e ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) pelo apoio financeiro e institucional que possibilitaram a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Turismo. Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Portaria nº 605, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal – PNEM e dá outras providências. Brasília: IBRAM, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/portarias/portaria-ibram-no-605-de-10-de-agosto-de-2021>. Acesso em: 24 maio 2025.

HEIN, George E. Learning in the Museum. Routledge, 1998.

MARTY, Paul F. Museum Informatics: People, Information, and Technology in Museums. Routledge, 2007.

MINISTÉRIO DA CULTURA; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Plano Nacional Setorial de Museus 2025–2035. Brasília: MinC/Ibram, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm-2025-a-2035.pdf>. Acesso em: 24 maio 2025.

MUSEU DO SERIDÓ. Museu do Seridó – UFRN. Instagram: @mds.ufrn. Disponível em: <https://www.instagram.com/mds.ufrn>. Acesso em: 24 maio 2025.

MUSEU DO SERIDÓ. O que é museu? @mds.ufrn. jun. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C74PleMxO22/>. Acesso em: 24 maio 2025.

MUSEU DO SERIDÓ. Plano museológico do Museu do Seridó: 2021-2026. Organização, coordenação e responsabilidade técnica: SILVA, Jacqueline Souza. Grupo de trabalho: SILVA, Jacqueline Souza (coordenadora); RIBEIRO, Isaias da Silva; SILVA, Tiago Tavares; TOLENTINO, Átila Bezerra; SANTOS, Veridiano Maia dos.

Colaboração: SPINOSA, Vanessa; CAVALCANTE, Christianne Medeiros; FREITAS, Nathalia de Lucena. Revisão: ROCHA, Rosélia Adriana Barbosa da. Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

NOBRE, A. C. S. et al. Relatório de gestão do ano de 2024. Caicó: Museu do Seridó, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2029. Natal: UFRN, 2020. disponível em: <https://www.ufrn.br/resources/documentos/pdi/PDI-2020-2029.pdf>. acesso em: 24 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução n.º 020/2023-CONSUNI, de 04 de dezembro de 2023. Aprova, à unanimidade de votos, o Regimento Interno do Museu do Seridó – MDS, Unidade Suplementar vinculada ao Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, 2023.

Museus virtuais são efêmeros? desafios de sustentabilidade no caso do museu das Coisas Banais (2014-2025)

Adson Rodrigo Silva Pinheiro (Secult CE) – adson.rodrigo@gmail.com
Rafael Teixeira Chaves (UFPel) - rafateixeirachaves@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo busca refletir sobre os entraves enfrentados pelos museus digitais, em especial o Museu das Coisas Banais (MCB), uma iniciativa de museologia digital colaborativa voltada à salvaguarda de memórias afetivas e objetos biográficos. Criado em outubro de 2014, no âmbito do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, o MCB foi concebido como um espaço experimental de memória coletiva, onde o público é convidado a participar ativamente, compartilhando narrativas pessoais e artefatos simbólicos de sua trajetória de vida. No entanto, ao longo do tempo, o museu passou a enfrentar um processo de enfraquecimento de sua presença digital, particularmente notório nas redes sociais como o Instagram.

A escassez de atualizações regulares compromete não apenas a visibilidade do projeto, mas também a continuidade de sua função essencial como repositório afetivo e participativo. Essa lacuna revela um dilema comum aos museus digitais: sua fragilidade diante da falta de estratégias sustentáveis de manutenção, curadoria e engajamento comunitário. Assim, este trabalho propõe uma análise crítica dos efeitos dessa descontinuidade. Argumenta-se que a ausência de uma curadoria dinâmica e de uma estratégia comunicacional contínua pode comprometer a legitimidade do museu enquanto espaço de memória e participação. Mais do que uma questão operacional, trata-se de um alerta para a necessidade de pensar a sustentabilidade dos museus digitais como parte intrínseca de seu projeto museológico, incorporando não apenas tecnologia, mas também afeto, compromisso institucional e políticas de cuidado digital.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, centrada na análise crítica do caso do Museu das Coisas Banais (MCB), um museu virtual colaborativo criado em 2014 no âmbito da Universidade Federal de Pelotas. A metodologia adotada envolveu pesquisa documental, análise de conteúdo e levantamento bibliográfico, com o objetivo de compreender os desafios enfrentados por museus digitais em termos de sustentabilidade, curadoria e presença digital. Foram analisados registros digitais públicos do MCB, incluindo postagens em redes sociais (Instagram e Facebook), informações institucionais

disponíveis online e materiais produzidos pelo projeto ao longo dos anos. A partir desse corpus empírico, foi realizada uma análise crítica que levou em consideração o histórico de atualizações do museu, os modos de interação com o público, a presença ou ausência de plano museológico e as estratégias (ou a falta delas) de preservação digital. Além disso, a fundamentação teórica foi construída com base em autores que discutem memória digital, museologia colaborativa e sustentabilidade de acervos digitais, como Besser (2000), Cameron e Kenderdine (2007), Lévy (1999) e Rosenzweig (2003). As contribuições desses estudiosos possibilitaram contextualizar o caso do MCB dentro de um debate mais amplo sobre a permanência e os riscos da efemeridade nos ambientes virtuais. O método de análise envolveu a articulação entre os dados coletados e o referencial teórico, permitindo uma interpretação crítica dos efeitos da ausência de estratégias sustentáveis sobre a relevância, a acessibilidade e a função social de museus virtuais como o MCB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os museus virtuais surgiram como uma alternativa inovadora à preservação e compartilhamento de memórias, rompendo com as limitações físicas e oferecendo acessibilidade ampliada ao público. No entanto, sua manutenção e continuidade dependem diretamente de atualizações constantes, tanto em termos de conteúdo quanto de infraestrutura tecnológica. A ausência dessas atualizações pode comprometer sua relevância e, em última instância, resultar na obsolescência e no esquecimento digital. A falta de atualização de um museu virtual implica, primeiramente, na perda de engajamento do público. Diferentemente dos museus físicos, cuja materialidade garante certa estabilidade, os espaços digitais necessitam de interação contínua para se manterem vivos. Se um museu virtual deixa de ser atualizado, ele corre o risco de se tornar um arquivo estático, afastando visitantes e reduzindo sua capacidade de provocar reflexões e diálogos sobre a memória. Além disso, a ausência de novas inserções e curadorias pode levar à descontextualização dos objetos expostos, fazendo com que seu significado perca conexão com as mudanças culturais e sociais ao longo do tempo.

Outro problema crítico está relacionado à dependência das plataformas e tecnologias digitais. Softwares e servidores evoluem constantemente, e a falta de manutenção pode tornar o museu virtual tecnicamente inacessível. Formatos de arquivos podem se tornar incompatíveis, links podem se tornar quebrados e, em alguns casos, a descontinuidade de uma plataforma pode levar à perda irreversível do acervo digital. Isso levanta uma questão fundamental: até que ponto a virtualidade pode garantir a preservação da memória a longo prazo? A obsolescência digital também impacta a credibilidade do museu. Sem atualizações, o projeto pode ser percebido como abandonado, o que compromete sua função educativa e patrimonial. Além disso, no contexto de um museu que se propõe a dialogar com a contemporaneidade, a falta de novas inserções pode resultar em uma desconexão com o presente, tornando sua abordagem desatualizada e limitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de uma presença digital contínua e de um plano museológico estruturado compromete gravemente a missão do Museu das Coisas Banais (MCB) de preservar memórias afetivas e culturais. Como museu colaborativo, o MCB depende do engajamento do público, o qual se fragiliza sem atualizações regulares e uma curadoria consistente. Em um cenário marcado pela obsolescência tecnológica, a preservação digital exige estratégias de gestão contínua. Sem esse compromisso, o acervo corre o risco de se tornar desatualizado ou mesmo perdido. A confiança dos colaboradores também é abalada, o que pode reduzir a participação e ameaçar a continuidade do projeto.

A falta de curadoria e organização afeta diretamente a interpretação e o valor simbólico dos objetos, desvalorizando o patrimônio afetivo ali contido. A relevância de um museu digital, como reforçam diversos autores, depende de sua constante adaptação, interpretação contextual e planejamento. Portanto, para que o MCB continue cumprindo sua função educativa e cultural, é imprescindível que adote um plano estratégico e uma curadoria ativa, garantindo a preservação e a transmissão eficaz das memórias que abriga.

PALAVRAS-CHAVE

Museu das Coisas Banais, Atualizações digitais, Memória coletiva.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, David. *A Common Wealth: Museums in the Learning Age*. London: Department for Culture, Media and Sport, 1999.
- BEARMAN, David; TRANT, Jennifer. *Museums and the Web 2002*. Pittsburgh: Archives & Museum Informatics, 2002.
- BEHRENDT, Berenice. *Gestão de Museus Digitais*. São Paulo: Editora SENAC, 2019.
- BESSER, Howard. *Digital Longevity*. In: *Museums and the Web 2000: Selected Papers*. Pittsburgh: Archives & Museum Informatics, 2000.
- CAMERON, Fiona; KENDERDINE, Sarah (org.). *Theorizing Digital Cultural Heritage: A Critical Discourse*. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- CHAVES, Rafael Teixeira. *Memória e Museus Digitais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2021.
- CUBITT, Sean; GIDDENS, Anthony. *New Media and Cultural Identity: Perspectives on Digital Heritage*. Londres: Routledge, 2018.
- EIDE, Lindy. *Digital Preservation and Museum Practices: A Global View*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- FUCHS, Christian. *Social Media: A Critical Introduction*. Londres: Sage, 2017.

GORGULHO, Maria Lúcia; SILVA, Jorge. Patrimônio Digital: Teorias e Práticas na Preservação de Memórias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANOVICH, Lev. The Language of New Media. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

ROSENZWEIG, Roy. Scarcity or Abundance? Preserving the Past in a Digital Era. *The American Historical Review*, v. 108, n. 3, p. 735-762, 2003.

RÜSEN, Jörn. História e Memória: Teorias e Práticas. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SILVA, Cláudia. Museus e Redes Sociais: Desafios e Oportunidades para a Cultura Digital. São Paulo: Editora Cultura, 2020.

Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial, Humanidades Digitais e a Democratização de Acervos no Contexto Museológico Paranaense

Robson Laverdi (MCN/UEPG) robson_laverdi@uepg.br
Niltonci Batista Chaves (MCN/UEPG) nbchaves@uepg.br
Rene Wagner Ramos (REMUP/SETI) rene.ramos@seti.pr.gov.br
Edson Armando Silva (MCN/EUPG) edsilva@uepg.br
Julia Graciela Machado (MCN/UEPG) juliagraciela17361@gmail.com

INTRODUÇÃO

As Humanidades Digitais vêm redefinindo as fronteiras da pesquisa e da divulgação cultural, oferecendo novas metodologias e ferramentas para explorar, analisar e conectar o patrimônio histórico e cultural na era da informação. Como campo interdisciplinar, elas se ocupam "das implicações culturais, sociais, epistemológicas, e dos usos e das aplicações das novas tecnologias digitais" (ALMEIDA; SANTOS, 2022, p. 4), desafiando instituições de memória como museus e arquivos a não apenas preservar seus acervos, mas também a torná-los acessíveis e significativos para públicos diversos. Este processo é fundamental para promover uma efetiva democratização do conhecimento, um ideal que encontra nas tecnologias digitais tanto potencialidades quanto complexidades (REVISTA ACERVO, 2022). O projeto "Conectando Memória e Inovação: Inteligência Artificial nos Museus e Centros de Documentação", em desenvolvimento no estado do Paraná desde 2024, insere-se diretamente neste debate, constituindo-se como uma prática em curso para instrumentalizar instituições locais com tecnologias avançadas, notadamente a Inteligência Artificial (IA).

Este resumo expandido apresenta a trajetória e os trabalhos tecnológicos em andamento do referido projeto, que busca superar a fragmentação e as barreiras de acesso impostas pelos suportes analógicos tradicionais. A iniciativa foca na implementação e customização de uma plataforma digital unificada, baseada na ferramenta de código aberto Omeka S, e na integração progressiva de recursos de IA para enriquecer o tratamento e a disponibilização dos acervos. O Museu Campos Gerais (MCG) figura como um dos espaços centrais onde a aplicação dessas tecnologias está sendo explorada, buscando articular a expertise consolidada da instituição na organização de coleções e desenvolvimento de metadados com as potencialidades emergentes da IA. Esta abordagem alinha-se às discussões sobre História Digital, que não se limita ao uso de ferramentas, mas implica em refletir sobre como "as tecnologias digitais modificam e reconfiguram as condições de produção do conhecimento histórico" (SILVA, 2021, p. 4), abrindo novas perspectivas para a pesquisa e narrativa do passado.

A relevância desta prática em desenvolvimento transcende a mera atualização tecnológica. Trata-se de uma ação estratégica alinhada às políticas públicas estaduais de Transformação Digital, Cidades Inteligentes e Desenvolvimento Sustentável, que reconhece o papel crucial das tecnologias digitais na promoção da cidadania cultural (FRANCISCO, 2018). Ao facilitar a transição para o digital e incorporar criticamente ferramentas de IA, o projeto visa não apenas otimizar a gestão interna, mas fundamentalmente democratizar o acesso ao patrimônio cultural paranaense, fomentar a pesquisa científica interdisciplinar e fortalecer a rede colaborativa de instituições de memória do estado (REMUP). O objetivo central é demonstrar, através da prática contínua, como a sinergia entre o conhecimento especializado e as tecnologias digitais pode resultar em uma gestão mais dinâmica, aberta e participativa dos acervos, contribuindo ativamente para a democratização da cultura e do conhecimento.

MATERIAIS E MÉTODOS: UMA ABORDAGEM EM CONSTRUÇÃO

A metodologia do projeto "Conectando Memória e Inovação" caracteriza-se por uma abordagem interativa e adaptativa, em desenvolvimento desde 2024, combinando a implementação de infraestrutura tecnológica com a capacitação contínua de equipes e a pesquisa aplicada em IA e Humanidades Digitais. O pilar tecnológico central é a plataforma Omeka S, cuja implementação e customização vêm sendo realizadas para servir como um sistema robusto e flexível de gerenciamento e publicação web para os acervos digitais das instituições participantes. A escolha pelo Omeka S justifica-se por sua natureza de código aberto e sua capacidade de gerenciar múltiplos sites e coleções de forma integrada, utilizando padrões de metadados e dados abertos vinculados, essenciais para a interoperabilidade.

O processo de povoamento da plataforma está em andamento, envolvendo tanto a migração de dados de acervos previamente digitalizados quanto a implementação de fluxos de trabalho para a digitalização de novos itens, incluindo o uso de scanners de alta resolução e técnicas de fotogrametria e varredura 3D. Este esforço de digitalização é fundamental, pois, como apontado em estudos sobre museologia e tecnologias digitais, a criação de representações digitais permite não apenas a preservação, mas também "a circulação e o acesso à informação sobre os bens culturais de forma mais ampla e democrática" (MUSEOLOGIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS, 2021, p. 10).

Um componente crucial e em constante desenvolvimento é a integração de ferramentas de IA. O projeto vem explorando e adaptando soluções de código aberto para OCR e HTR (como Tesseract, Kraken, Calamari), buscando automatizar a transcrição de documentos. A pesquisa aplicada foca na viabilidade e no treinamento de modelos de HTR específicos para o português e suas variações históricas, enfrentando o desafio da "heterogeneidade e da falta de padronização dos documentos manuscritos" (SILVA, 2021, p. 15) como uma barreira significativa para a aplicação dessas tecnologias no contexto brasileiro. A criação de corpora de

treinamento (Ground Truth) é uma das atividades práticas em curso. Além da transcrição, investiga-se continuamente o uso de IA para tarefas como a geração assistida de metadados e a implementação de funcionalidades de busca semântica e interfaces conversacionais baseadas em LLMs.

Paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, a metodologia enfatiza a capacitação das equipes e a gestão da qualidade. Treinamentos contínuos sobre Omeka S, técnicas de digitalização, padrões de metadados e princípios de paleografia estão sendo oferecidos. Um comitê gestor acompanha a qualidade dos dados e metadados gerados. Esta abordagem metodológica, que integra tecnologia, capacitação e pesquisa aplicada, reflete os princípios das Humanidades Digitais como um campo onde "a colaboração interdisciplinar e a reflexão crítica sobre as ferramentas e métodos utilizados são fundamentais" (ALMEIDA; SANTOS, 2022, p. 15).

RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÃO CONTÍNUA

Em desenvolvimento desde 2024, o projeto "Conectando Memória e Inovação" já apresenta resultados preliminares e discussões relevantes no âmbito das Humanidades Digitais e da História Digital no Brasil. A implantação da plataforma Omeka S como repositório demonstra a visibilidade e integração de acervos, contribuindo para a coesão do patrimônio cultural paranaense.

A digitalização de acervos, incluindo modelagem 3D, avança na preservação e abre caminhos para novas formas de pesquisa e mediação cultural (MUSEOLOGIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS, 2021). A aplicação de IA para OCR/HTR, ainda em adaptação, indica ganhos potenciais de eficiência na transcrição, cruciais para o acesso a fontes primárias manuscritas, um desafio central para a História Digital no Brasil (SILVA, 2021; REVISTA ACERVO, 2022). A exploração de busca semântica e LLMs aponta para futuras interfaces que podem facilitar descobertas e conexões inesperadas.

Contudo, a prática levanta discussões importantes. A dependência de IA exige atenção aos vieses algorítmicos e à necessidade de curadoria humana crítica. Como alertam pesquisadores da área, "não há mais como as instituições de memória se manterem distantes das tecnologias digitais, mas essa aproximação demanda uma postura crítica e reflexiva" (PERIÓDICOS UNB, 2021, p. 370). A democratização do acesso transcende a disponibilização online, exigindo interfaces inclusivas e estratégias de mediação que alcancem diferentes públicos (FRANCISCO, 2018). O diálogo com a História Pública Digital é fundamental para pensar o engajamento social com esses acervos.

A colaboração interdisciplinar fomentada pelo projeto é essencial, pois a construção de soluções eficazes e éticas em Humanidades Digitais depende dessa troca

(ALMEIDA; SANTOS, 2022). O fortalecimento da REMUP e a contribuição para o portal Paraná Faz Ciência são resultados institucionais em construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS EM ANDAMENTO

O projeto "Conectando Memória e Inovação", como prática em desenvolvimento desde 2024, representa um esforço contínuo para inserir as instituições de memória do Paraná no cenário das Humanidades Digitais e da História Digital. Ao focar na implementação da plataforma Omeka S e na integração crítica de ferramentas de IA, a iniciativa aborda desafios históricos de preservação e acesso, explorando novas metodologias para a pesquisa e a democratização do conhecimento.

A narrativa "em andamento" reflete a natureza dinâmica do trabalho com tecnologias digitais e acervos culturais. Os desafios tecnológicos coexistem com os desafios conceituais e éticos da mediação digital do patrimônio. É fundamental reconhecer que "a tecnologia digital não é neutra e seus usos podem tanto ampliar o acesso e a participação quanto reforçar desigualdades existentes" (PERIÓDICOS UNB, 2021, p. 360). A articulação entre expertise local e potencial tecnológico é central, vendo as ferramentas como meios para potencializar o trabalho humano e ampliar o alcance social.

Os resultados preliminares indicam um caminho promissor, mas a consolidação e o potencial democratizador dependem de investimento contínuo, colaboração e reflexão crítica. O diálogo com as Humanidades Digitais e a História Digital fornece o arcabouço teórico para garantir que as ações tecnológicas promovam acesso equitativo, pesquisa inovadora e compreensão profunda do passado.

Em suma, "Conectando Memória e Inovação" é um processo contínuo de aprendizado e construção coletiva. As lições aprendidas têm o potencial de contribuir para discussões sobre patrimônio, tecnologia e sociedade no Brasil, reforçando o papel ativo das instituições de memória na construção de um futuro digital mais inclusivo e democrático.

PALAVRAS-CHAVE

Humanidades Digitais. História Digital. Inteligência Artificial. Democratização do Conhecimento. Acervos Digitais. Omeka S. Museus. Patrimônio Cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia; SANTOS, Jaqueline. As instituições de memória e as humanidades digitais. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2022.
FRANCISCO, Júlio Bittencourt. Humanidades digitais: O Brasil conectado e as perspectivas de interpretação dos museus em Porto Alegre. *RENOTE*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2018.

MUSEOLOGIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: dispositivos para a documentação e comunicação dos patrimônios. *ResearchGate*, Jun. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352502652_Museologia_e_as_tecnologias_digitais_dispositivos_para_a_documentacao_e_comunicacao_dos_patrimonios.

Acesso em: 23 maio 2025.

PERIÓDICOS UNB. Reflexões sobre Humanidades Digitais no contexto dos Museus e Arquivos. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 10, n. 20, p. 356-373, 2021.

REVISTA ACERVO. Ciência histórica e acervos digitais. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 1-23, maio/ago. 2022.

SILVA, Wilton C. L. da. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0201, 2021.

Curadoria pública e mediação estética da obra de Panceri no Museu Deolindo Mendes Pereira (Brasil)

Michel Kobelinski (UNESPAR) mkobelinski@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência nasce da inquietação diante da ausência de informações curatoriais sobre a obra Mundo Paralelo, do artista venezuelano-brasileiro Sérgio Panceri (1998–2026), integrante do acervo do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira (MDMP), em Campo Mourão-PR. A dificuldade de sua apropriação crítica, estética e sensível da obra de arte impulsionou a elaboração de estratégias compartilhadas, com o objetivo de propor ações educativas e curatoriais fundamentadas na história pública e na curadoria expandida (Kobelinski, 2021). Pretendeu-se, desta maneira, ampliar a acessibilidade e ativar sentidos estéticos da obra no contexto comunitário (Glicenstein, 2018; Adair, Filene, Koloski, 2011; Groot, 2016). Para a 18ª edição da Primavera dos Museus – setembro de 2024 –, cujo tema foi Museus, Acessibilidade e Inclusão, foi concebida uma proposta curatorial ancorada na obra literária O Null e nas pinturas de Panceri. A exposição permitiu que os visitantes interagissem, a partir de uma única peça, com uma ampla seleção de sua produção artística, marcada por forte expressividade emocional e reflexões sobre identidade e fragmentação do mundo contemporâneo. As estratégias curatoriais adotadas incluíram elementos imersivos — como recitais de flauta, relatos pessoais e geração de imagens por inteligência artificial —, de modo a promover acessibilidade sensorial e cognitiva.



Figura 1. Homenagem a Sérgio Panceri. Dez. 2024.
©Michel Kobelinski

Nessa perspectiva, a curadoria pública expandida deslocou os pesquisadores-curadores de um papel autoral para o de mediadores de experiências estéticas e de sentido (Favero e Theunissen, 2020). Os visitantes foram convidados a refletir sobre temas como exclusão, depressão, invisibilidade e solidão. Embora centrada em uma obra da coleção física, a proposta incorporou recursos digitais para possibilitar múltiplas formas de apropriação, interpretação e interação com as imagens de Panceri. A contemplação estética foi, assim, atravessada por uma relação ativa e sensível, na qual os públicos puderam reconhecer-se nas imagens, dialogar com elas e produzir significados a partir de suas vivências. Para tanto, foram desenvolvidos um catálogo digital e atividades virtuais colaborativas, com vistas à

democratização do acesso e à ampliação do prazer estético, sem abdicar do valor do diálogo, da escuta e da homenagem póstuma ao artista. (Fig. 1)

MATERIAIS E MÉTODOS

As obras de Sérgio Panceri foram mobilizadas na disciplina História Pública e Museus (PPGHP/UNESPAR) como disparadoras para a criação de estratégias curatoriais e pedagógicas voltadas à mediação acessível (Dallet, 2017). A partir desse processo, estruturou-se uma exposição acompanhada de um livreto no formato Easy-Read, com vistas à democratização do acesso e ao fortalecimento da agência interpretativa dos públicos do MDMP. A experiência com o grupo da Melhor Idade, em setembro de 2024, evidenciou a força das imagens como dispositivos de evocação sensorial e de ativação da memória. A etiquetagem qualificada de Mundo Paralelo foi enriquecida com a inserção de um QR Code, que direcionava ao catálogo digital. Em dezembro, o material foi finalizado coletivamente, redigido em linguagem acessível, com biografia do artista, análises de obras e propostas de atividades reflexivas. (Fig. 2) Como recurso complementar, imagens derivadas foram criadas com o uso de inteligência artificial (MidJourney) e disponibilizadas aos visitantes para colorir, compondo um mosaico colaborativo. Essa ação reposicionou os públicos como cocriadores, ativando práticas curatoriais baseadas na coautoria estética e na memória compartilhada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição Como Sérgio Panceri via e sentia o mundo? constituiu-se como dispositivo experimental de curadoria expandida e mediação crítica. A centralidade conferida à participação ativa dos visitantes — tanto no grupo da Melhor Idade quanto no momento de celebração com a família do artista — evidenciou o potencial das imagens como catalisadoras de sentimentos e narrativas autobiográficas, reafirmando a dimensão sensível da experiência museológica. O uso da inteligência artificial tensionou as fronteiras entre autoria, memória e reinterpretção coletiva, resultando em um mosaico participativo que dialoga com os princípios da curadoria pública e da escrita colaborativa enquanto práticas de descentralização epistêmica. Já o formato Easy-Read, aliado ao



Figura 2 . Conservações sobre a obra de arte. Set. 2024

©Michel Kobelinski

catálogo digital acessível por QR Code, consolidou dispositivos eficazes de acessibilidade textual e cognitiva, ampliando as possibilidades de fruição estética e apropriação simbólica da arte no museu. A convergência entre arte, tecnologia e educação ressignificou o museu como espaço de escuta, agência e produção polifônica de sentidos — lugar em que os visitantes não apenas observam, mas também se reconhecem, constroem e transformam memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição reafirma a potência política e pedagógica da história pública quando ancorada em práticas curatoriais participativas e acessíveis. A mediação estética converteu-se em campo de produção de subjetividades e memória coletiva, deslocando o museu de uma lógica de conservação para uma lógica de práticas colaborativas e engajada em valores. Ao conjugar tecnologias disruptivas, pedagogia crítica e escuta ativa, o projeto delineou um modelo de curadoria como prática ética, sensível e comprometida com a pluralização dos regimes de visibilidade e voz.



Figura 3. (R)encontros no museu Deolindo Mendes Pereira. Dez. 2024.
©Michel Kobelinski

PALAVRAS-CHAVE

História Pública; curadoria pública; educação museal; arte e tecnologia. leitura fácil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à família Panceri, especialmente a Izabel Cristina Panceri e aos irmãos do artista, pela participação sensível na ação educativa desenvolvida no Museu Deolindo Mendes Pereira. Reconhecemos com apreço a parceria da Prof.^a Dra. Ana Paula Peters, com quem co-ministramos a disciplina História Pública e Museus no Programa de Mestrado em História Pública (UNESPAR), no segundo semestre de 2023. Nossos agradecimentos aos mestrandos que atuaram ativamente nas atividades formativas e curatoriais: Camila Danuta Bernardi, Joaquim Manuel Francisco, Maria Eduarda Romanhuk Povodenhak, Rita Gabrieli de Godoi Lima, Silvestre Lissekeivo Manuel Gamba, Síntique Raquel de Castro Eleutério e Vinícius Gabriel Lírio. Por fim, destacamos a colaboração institucional do Museu Deolindo Mendes Pereira, na figura do historiador Jair Elias dos Santos Júnior.

REFERÊNCIAS

ADAIR, Bill; FILENE, Benjamin; KOLOSKI, Laura (org.). *Letting Go? Sharing Historical Authority in a User-Generated World*. Philadelphia: The Pew Center for Arts & Heritage, 2011.

DE GROOT, Jerome. *Consuming History: historians and heritage in contemporary popular culture*. 2. ed. Londres; Nova York: Routledge, 2016.

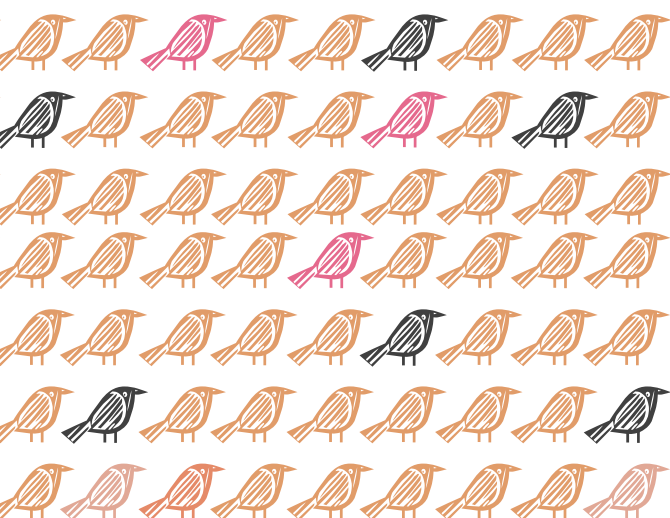
KOBELINSKI, Michel: Arte Brasileira e identidade cultural em Schiefelbein? in: *Public History Weekly* 9 (2021) 3, DOI: [dx.doi.org/10.1515/phw-2021-17822](https://doi.org/10.1515/phw-2021-17822).

_____. Dia do Museólogo. Instagram, [s. l.], 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDuNXlQxAj2/>. Acesso em: 16 maio 2025

GLICENSTEIN, Jérôme. *L'invention du curateur: mutations dans l'art contemporain*. Paris: PUF, 2015.

DALLET, Nancy. A call for proactive public historians. In: BUSCH, Rebecca; PAUL, K. Tawny (ed.). *Art and public history: approaches, opportunities and challenges*. New York: Rowman & Littlefield, 2017. p. 159-174.

THEUNISSEN, Eva; FAVERO, Paolo S. H. Between automation and agency: curatorial challenges in new terrains of digital/visual research. In: SANZI, Roger (org.). *Anthropologist as curator*. London: Bloomsbury Publishing, 2020. p. 195-210.



SALA 4
EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO
CULTURAL

Mediador
Adriana Mortara Almeida (UFMG)

Bolsista
Guilherme da Silva Linhares

Avaliadora dos trabalhos indicados à premiação
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista
(UFPR)

A sessão de comunicações orais com temática de “Educação e Mediação Cultural”, no período da manhã do dia 28 de agosto de 2025, contou com apresentações de cinco trabalhos, sendo três de Minas Gerais (dois da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e um da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ), um do Paraná (Universidade Federal do Paraná - UFPR) e um do Rio de Janeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ junto com Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ).

As relações entre museu e escola apareceram nas apresentações de pesquisas sobre o sistema de agendamento do Espaço do Conhecimento da UFMG e sobre formação para professores que interagem com os museus da UFRJ. Entre os vários pontos que podem facilitar ou dificultar a visita de grupos de escolares previamente agendados aos museus, foram destacados os custos de deslocamento (transporte) e alimentação (lanche para estudantes) como também a disponibilidade de espaços e equipes nos museus para receber os grupos. No caso do Espaço do Conhecimento, para dar chances iguais aos grupos escolares de agendar visitas, foi estabelecido um período de inscrições seguido de sorteio. A prática tem evitado que agências de turismo ocupem horários sem ter contratos já firmados com escolas, entretanto não resolve o gargalo de haver mais demanda por visitas do que a capacidade de atendimento do museu. É importante destacar que a determinação de atendimento de um número máximo de grupos por horário busca dar qualidade pedagógica às visitas educativas. A pesquisa, ainda em andamento, visa entender esses processos e desenvolver uma revista voltada a professores de ensino básico; por se tratar de um Programa de Mestrado Profissional (Faculdade de Educação da UFMG), é necessário fazer um produto, que neste caso será uma revista digital.

A pesquisa sobre formação de professores por museus ligados à UFRJ, comprovou a contribuição dos museus para ampliar a formação de professores, identificou as metodologias utilizadas e as limitações dessas ações. Um dos problemas evidenciados é a continuidade de financiamento, uma vez que a maior parte dos cursos ocorre a partir de editais pontuais. Como sugestões o estudo propõe parcerias entre escolas e museus, integração entre professores e educadores museais e o estímulo a práticas pedagógicas inovadoras.

A experiência do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR também é focada à formação de professores sobre os povos originários paranaenses. O curso foi desenvolvido em quatro etapas, envolvendo teorias e visita técnica à exposição montada na cidade de Curitiba, facilitando o acesso ao acervo já que o MAE-UFPR se localiza na cidade de Paranaguá. Todos os professores que fizeram o curso em 2024 levaram os seus alunos, já que o museu fez uma parceria com a prefeitura que garantiu a participação de professores e seus respectivos alunos. Além disso, houve a participação de grupos indígenas na concepção e realização do curso. Uma nova edição está planejada ainda para 2025.

As outras duas apresentações não estavam focadas necessariamente no público escolar. O jogo dos polinizadores que foi criado e instalado no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG tem como público-alvo visitantes espontâneos do museu, incluindo pessoas com mobilidade reduzida e com deficiências visuais. A apresentação descreveu o processo de concepção e construção do jogo, que contou com especialistas em biologia, em acessibilidade, em design, entre outros.

O “Museu do Barro” em São João del Rei é um projeto de extensão da UFSJ e atua como museu de território, promovendo a valorização da cerâmica e da cultura popular, realizando ações educativas, artísticas, arqueológicas e de preservação do patrimônio material e imaterial da região, com as comunidades. Oficinas de cerâmica que incluem queimas nos fornos construídos no museu, grupos de bordadeiras e rodas de capoeira são algumas das atividades coletivas com ampla participação das comunidades da região.

A parceria é uma característica de todas as ações apresentadas, ou seja, equipes dos museus constroem parcerias com escolas, com secretarias de educação, com coletivos, com organizações da sociedade civil, com pesquisadores, com comunidades indígenas para realização de atividades construídas no contexto das parcerias, promovendo a participação ativa de diversos atores.

Outro ponto comum é a utilização de financiamento por meio de editais, o que favorece a realização das ações, porém de maneira pontual, sem continuidade. E a continuidade é fundamental para a qualidade de qualquer ação educativa, social e participativa.



Apresentações de comunicação oral, na sala 4 pela manhã, sobre Educação e Mediação Cultural - Fotografia: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 4 pela manhã, sobre Educação e Mediação Cultural - Fotógrafo: Flávio Almeida

O potencial do agendamento de visitas: estratégias para a formação de novos públicos para os museus

Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos (UFMG) - jonathanphilippe_6@hotmail.com
Adriana Mortara Almeida (UFMG) - amortara@ufmg.br

INTRODUÇÃO

A presente apresentação é parte de uma pesquisa do Programa de Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Promestre-Fae) na linha de Educação em museus e divulgação científica e propõe discutir o potencial do agendamento de visitas para a formação de novos públicos para os museus, a partir da experiência do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade do Espaço do Conhecimento UFMG.

Esse museu fica localizado na Praça da Liberdade, regional centro-sul da cidade de Belo Horizonte (MG). Nesta regional há uma alta concentração de equipamentos culturais, e abriga dentro dos limites da avenida do Contorno, o “Circuito Liberdade”, com 35 equipamentos culturais, sendo que o Espaço do Conhecimento UFMG foi o primeiro equipamento a ser inaugurado dentro dessa proposta. O ensejo de pensar na reconfiguração de públicos vem a partir das leituras e experiências no recebimento de públicos nesse museu, em que atuo como educador há 10 anos. As autoras Guimarães e Diniz (2019), apontam que, apesar de ser um equipamento gratuito, está inserido em um bairro historicamente elitizado na cidade, o que pode dificultar a aproximação de alunos da rede básica de regiões periféricas da cidade.

A discussão sobre o acesso a museus por grupos periféricos e alunos das escolas públicas da educação básica é muito relevante aos museus, pois as parcerias entre escolas e museus ajudam os estudantes a conhecerem outras possibilidades de lazer para além dos seus próprios contextos (Cazelli, 2005; Grinspum, 2000). Essa pesquisa tem como objetivo observar, a partir das entrevistas a serem realizadas, as dificuldades e impeditivos que os professores do ensino público básico enfrentam para realizarem visitas aos museus, assim como, suas facilidades e inspirações para realizarem tais visitas com seus alunos. Busca-se então incentivar professores da rede de ensino pública básica para a realização de visitas mediadas com os educadores de museus.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa terá abordagens quantitativa e qualitativa: (1) O Estudo da literatura se estrutura para compreensão de termos, como por exemplo, o que é museu, educação museal, e mediação, possibilitando a reflexão sobre propostas pedagógicas que tenham convergências e divergências e as possibilidades que esses encontros proporcionam para ambas. (2) Análise quantitativa de dados obtidos por meio de formulários cedidos pelo Espaço do Conhecimento UFMG, sendo eles: relatório anuais de agendamento de 2019 a 2024; Formulários preenchidos no ato do agendamento, a fim de entender quem são os professores que procuram o agendamento e o público de alunos que eles levam a esses espaços e análise de questionários sobre o processo de agendamento, e do encontro formativo “Espaço Aberto a Educadores”, realizado pela instituição. (3) Entrevistas semi-estruturadas com 5 professores de diferentes níveis de ensino a fim de entender suas potencialidades e dificuldades ao realizar visitas com seus alunos. (4) Produção de um recurso educacional, em formato de revista, para informar e incentivar os professores do ensino básico a realizarem visitas, tendo como material base, as pesquisas bibliográficas e as entrevistas semi-estruturadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão da literatura está em andamento, assim como a análise de dados a partir dos relatórios gerados pelo Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade no recorte temporal de 2019 a 2024. Em uma análise inicial, identificamos que o público que visita o museu via agendamento de visitas é majoritariamente proveniente de instituições públicas, estaduais e municipais, com faixa etária de 09 a 11 anos, advindo da regional Pampulha, de Belo Horizonte.

Professores que realizaram a avaliação do processo de agendamento são, em sua maioria, mulheres na faixa dos 46 a 50 anos, que atuam de 16 há 20 anos no magistério, professoras de escolas públicas e que não participam do encontro pré-visita “Espaço aberto a educadores”. A preponderância de mulheres reflete a configuração da profissão, em que há mais mulheres que homens atuando como docentes^[1]. Entrevistas semi-estruturadas com 5 professores da rede básica de ensino de Belo Horizonte, ainda serão realizadas a fim de fornecer material para a produção de um recurso educacional voltado para atrair novos públicos e fortalecer a relação escola-museu.

[1] O ensino básico brasileiro é realizado por mulheres, na sua maioria. Do corpo docente, composto por 2.315.616 profissionais, 1.834.295 (79,2%) são professoras. É o que revelam os dados do Censo Escolar 2022, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento estamos analisando os documentos já existentes para em seguida realizar entrevistas com professores que já estiveram no museu com suas turmas, com objetivo de aprofundar o entendimento dessa experiência. O passo seguinte é confeccionar um recurso educacional, requisito para a obtenção do título de mestre, que será uma revista que dialogue com os professores que não realizam visitas com seus grupos e com professores que já realizam as visitas, a fim de reforçar a importância da relação museu e escola e ampliar a diversidade do público que visita esses espaços, democratizando cada vez mais esses lugares.

As entrevistas estão previstas para começarem em setembro de 2025, e a confecção do recurso a partir de janeiro de 2026. Será realizada uma parceria com a instituição Espaço do Conhecimento UFMG, para colocar a revista on-line em seu site, e a distribuição de alguns exemplares nos encontros pré-visita voltados a educadores, a partir de maio de 2026.

PALAVRAS-CHAVE

Educação museal. Agendamento de visitas. Museus e escolas. Formação de público. Espaço do Conhecimento UFMG.

AGRADECIMENTOS

Espaço do Conhecimento UFMG, por fornecer os dados gerados pelo Núcleo de Ações Educativas sobre o perfil dos públicos agendados.

REFERÊNCIAS

CAZELLI, S.. Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?. Tese (doutorado). Departamento de Educação. PUC/RJ. 2005.

GRINSPUM, Denise. Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola – Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. 131 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GUIMARÃES, A. D., & DINIZ, S. C. (2019). Equipamentos culturais, hábitos e território: um estudo de caso do Espaço do Conhecimento UFMG. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11, e20180093. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2018/03/2175-3369-urbe-11-e20180093-ALice.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Relatório Geral do Museu Antropológico do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará. Fortaleza: Universidade do Ceará, 1960/1973.

_____. Renda de Bilros. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2013

OLIVEIRA, Márcia Pereira de. Coleções Luíza Ramos e Rendas do Ceará: Narrativas sobre a valorização da cultura popular e o desenvolvimento regional (1935-1973). Monografia. Fortaleza: Instituto de Teologia Aplicada (INTA), 2010.

_____. Coleção Luíza Ramos: Um Nordeste imaginado em rendas. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2014.

RAMOS, Luíza e Arthur. A Renda de bilros e sua aculturação no Brasil: Nota preliminar e roteiro de pesquisas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia, 1948.

Curso de Extensão do MAE UFPR - Povos Originários em território paranaense

Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (MAE UFPR) tamara.evangelista@ufpr.br
Bruna Marina Portela (MAE UFPR) bruna.portela@ufpr.br

INTRODUÇÃO

A presente comunicação trará um relato de experiência sobre uma ação de formação continuada desenvolvida pelo Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE UFPR, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba - SME. Desde o começo da década de 2010, o MAE realizou de forma intermitente diversos cursos de formação em parceria com a SME. Os cursos foram planejados como parte das atividades desenvolvidas através dos projetos de extensão do museu e concebidos de forma interdisciplinar contando com a participação da equipe das Ações Educativas e dos Curadores especialistas das áreas temáticas do MAE: Arqueologia, Etnologia Indígena e Cultura Popular.

No segundo semestre de 2024 foi ofertado o “Curso Povos Originários em território paranaense”. A demanda da temática foi trazida pela SME, para suprir carências em relação a como os povos originários são representados nos materiais didáticos disponíveis para os educadores, e em alguns casos, atualizar o conteúdo formativo que esses educadores ou educadoras possam ter aprendido em relação a essas populações em suas formações originais.

METODOLOGIA

O curso foi estruturado em quatro encontros, uma vez ao mês, ao longo de quatro meses, culminando com a visita das turmas dos professores e professoras ao espaço expositivo do MAE-UFPR em Curitiba, visitando a exposição “Nhande M’byá Reko - Nosso jeito de ser Guarani”. A metodologia empregada para o desenvolvimento do curso foi a pesquisa bibliográfica. Já é uma prática estabelecida pelas Ações Educativas do MAE-UFPR no desenvolvimento de alguns de nossos materiais lúdico-pedagógico a pesquisa na base curricular do ensino fundamental do Paraná, mais especificamente o ensino de história para o quarto e quinto ano, uma vez que eles correspondiam aos anos de regência de nosso público-alvo.

O conteúdo do curso começou com a arqueologia, com uma atualização sobre as teorias mais recentes sobre o povoamento das Américas, dando o enfoque nas populações do Paraná. O segundo encontro foi em nossa Reserva Técnica e teve como objetivo trabalhar o conteúdo de História da base curricular associando-o a nossos acervos. Realizamos uma visita técnica com o grupo, podendo compartilhar um pouco sobre o funcionamento de uma instituição museal e como se dá alguns de nossos processos museológicos como pesquisa, curadoria e conservação de acervo. O terceiro encontro foi uma palestra sobre as populações indígenas do Paraná, dando um destaque sobre o povo Mbya Guarani, abordando de forma introdutória sua cosmologia, questões relevantes sobre processos de demarcação de terra e questões decoloniais. Por fim, o último encontro foi a visita mediada à exposição “Nhande M'byá Reko - Nosso jeito de ser Guarani”. Além da mediação, o principal objetivo da visita era a apresentação do circuito expositivo, das atividades de mediação que seriam ofertadas às crianças e a apresentação dos materiais pedagógicos desenvolvidos pelo MAE UFPR que poderiam ser utilizados como paradidáticos pelos educadores.

RESULTADOS

Durante o processo da visita foi possível observar como a ação de formação permitiu que os professores preparassem suas turmas para a visita ao museu. As crianças já chegavam livres de algumas noções do senso comum sobre as populações indígenas. Durante as visitas as crianças puderam fazer oficinas e levar para a escola uma atividade que foi desenvolvida pelo museu.

Os professores e professoras também puderam aproveitar o período da visita como um facilitador para realizar empréstimos de nossos materiais pedagógicos, em especial as Caixas Didáticas, material de maior procura das ações educativas, que são caixas temáticas com objetos e propostas de atividades. Durante o período da visita as caixas que ficam em nossa reserva técnica foram movidas temporariamente para o Espaço MAE. Os professores e professoras pegavam e devolviam as caixas quando traziam as suas turmas para as visitas.

Ao término do processo pudemos ter um feedback positivo tanto dos professores quanto da SME, que já previu a continuação da parceria para uma nova edição do curso ainda para esse ano de 2025. Alguns dos professores compartilharam conosco os diários de atividades feitos por seus alunos após a visita do museu e foi extremamente gratificante poder ler como as crianças gostaram da visita e ficaram encantadas com o que elas viram e aprenderam conosco.

CONCLUSÃO

A Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2021) compreende que é função das instituições museais realizar ações de educação museal. O curso é um exemplo

dentro de uma gama de opções que vão desde materiais lúdico-pedagógico a atividades de medição. Atividades formativas tal qual o curso realizado pelo MAE UFPR tem o potencial de estreitar a relação entre o museu e a comunidade que o circunda. O MAE, sendo um museu universitário, é por excelência uma instituição extensionista. O museu faz a ponte que externaliza para o público a produção de pesquisa e conhecimento realizada pela universidade. Ao fazer essa troca com o público externo, especialmente com estudantes da Educação Básica, o museu pode ser mais acessível para essas pessoas, servindo como porta de entrada para a universidade pública.

O MAE UFPR, cumprindo sua função social, busca atender as demandas trazidas pelo público, especialmente o escolar, uma vez que é um dos principais frequentadores de nossos espaços. Para além disso, o trabalho de base pedagógico tem o potencial de modificar a realidade dessas crianças que estão frequentando o museu.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Museal; Atividade Formativa; Educação Básica.

REFERÊNCIAS

IBRAM. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília: Ibram, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf> Acesso em: 15 jan. 2025.

Pérez Gil, L., Portela, B. . M., & Freire, G. de C. . (2020). Prática extensionista em museus universitários: a trajetória do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR). *Revista CPC*, 15(30esp), 247-277. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v15i30espp247-277>

Portela, B. M; Freire, G de C; Evangelista, T. F. C. (2023). Populações invisibilizadas, museus e possibilidades para o ensino de história. In: Nadia G. Gonçalves; Ana Cláudia Urban. (Org.). *Ensino de História: contribuições a partir da história local*. 1ed.Curitiba: Appris, 2023, p. 103-119.

Um jogo acessível, ao ar livre, em um museu universitário: o Jogo dos Polinizadores do MHNJB-UFMG

Adriana Mortara Almeida (UFMG) – amortara@ufmg.br

INTRODUÇÃO

Os setores educativos de museus costumam proporcionar experiências lúdicas por meio de jogos, brincadeiras e dinâmicas que estimulam o processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Jogos de mesa, desafios e brincadeiras que mobilizam todo o corpo de participantes, permitem o envolvimento emocional e corporal facilitando o engajamento e potencializando a aprendizagem.

Partindo da demanda do Setor Educativo do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG) para desenvolver jogos que, instalados na área externa, estivessem disponíveis para qualquer visitante predisposto a usufruí-los, coordenamos a concepção e execução de duas unidades dos “Jogos de Sílabas” e o “Jogo dos Polinizadores”. Abordaremos, neste texto, o desenvolvimento do “Jogo dos Polinizadores”.

O MHNJB-UFMG está localizado fora do campus da UFMG, em uma área verde urbana de cerca de 600.000 m² e tem sob sua tutela acervos de diversas áreas (arqueologia, geologia, botânica, paleontologia, entre outros), além do Presépio do Pípiripau[1]. Seus públicos são constituídos por grupos de escolares previamente agendados e visitantes espontâneos: famílias, grupos de amigos e turistas (Almeida et al., 2023).

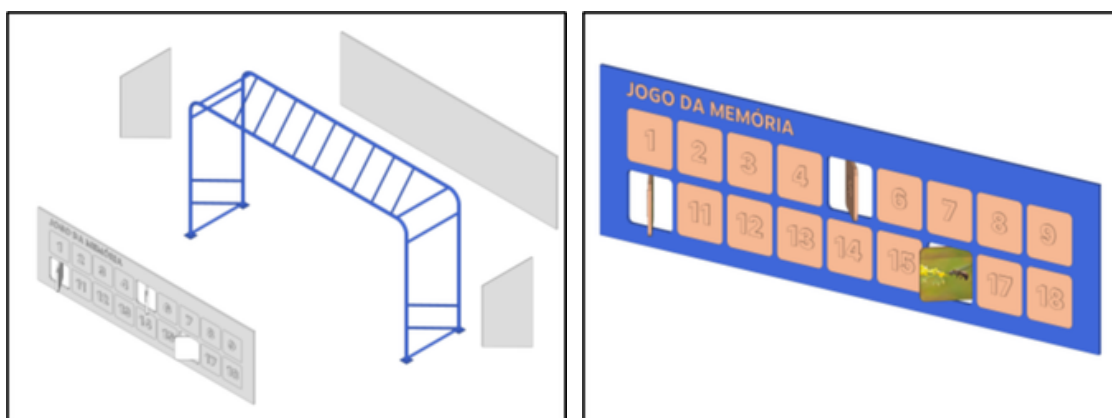
MATERIAIS E MÉTODOS

Inúmeras temáticas e formatos foram pensadas para o “Jogo dos Polinizadores”. Tomamos como referência os jogos de memória instalados no Parque Municipal Américo Renné Giannetti (Belo Horizonte), dedicados à flora e à fauna do parque. Nosso desejo, no entanto, era criar jogos que também fossem acessíveis para pessoas com deficiências. Em relação à temática, a partir de experiências e sugestões da equipe do Setor Educativo do MHNJB-UFMG, foi selecionado o tema da polinização. A ideia básica era estabelecer a relação de diferentes animais com as plantas por eles polinizadas: um tema complexo, cuja abordagem de maneira simples e correta se apresentava como um desafio.

[1] Para saber mais sobre o MHNJB-UFMG visite o seu website: <https://www.ufmg.br/mhnjb/>

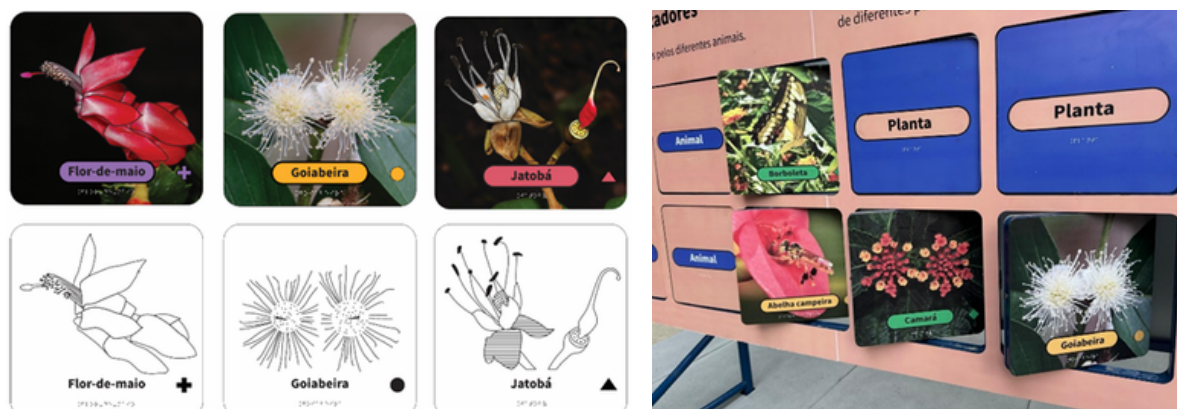
Com apoio e orientação de biólogos da Instituição (João Renato Stehmann, Fernanda Antunes e Theo Rolla Mota) foi possível selecionar animais e plantas para composição do jogo. Inicialmente pensamos em fazer pares, como num jogo de memória, porém a complexidade das interações nos levou a optar por um jogo de associação em que um animal pode polinizar apenas uma planta e outro polinizar três. A quantidade de peças, 18, foi definida a partir de proposta elaborada pela empresa Micrópolis (Figura 1). O tamanho das peças foi definido para conter as imagens que, feitas em relevo, pudessem ser manipuladas por pessoas com deficiência.

Figura 1 - Partes do projeto do Jogo dos Polinizadores feito pela empresa Micrópolis



As fotografias, cedidas graciosamente por seus autores, foram impressas em relevo (Figura 2) e acompanhadas por legendas e textos em braile. A altura da estrutura foi pensada para que pessoas com deficiência visual ou mobilidade reduzida pudessem jogar. Gravações de audiodescrição, contendo informações acessadas por meio de três QR Codes, foram inseridas no jogo de maneira a ampliar sua acessibilidade. Com apoio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFMG e consultoria da especialista em acessibilidade Amanda Tojal, foi possível inserir recursos que tornaram o “Jogo dos Polinizadores” acessível ao público PCD.

Figura 2 – Destaque dos contornos a serem impressos em relevo e visão de peças finalizadas



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Jogo dos Polinizadores foi instalado no MHNJB-UFMG em novembro de 2024. Com o passar do tempo, fizeram-se necessários ajustes e manutenções nos materiais e estrutura: lubrificação e construção de cobertura contra chuvas.

Em relação ao conteúdo, propõe-se que o jogador possa identificar, por meio de pistas fornecidas por formas e cores, quais animais polinizam quais plantas. No lado oposto às figuras, há um painel com explicações sobre o processo de polinização e com as “respostas” como, por exemplo: “Os morcegos lambem o néctar do pequizeiro e do jatobá”. As várias possibilidades de organização do jogo, assim como as questões “biológicas” que ele envolve, foram trabalhadas num texto/manual que orienta os educadores do museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de terem participado da elaboração do Jogo, os consultores do NAI e Amanda Tojal avaliaram o produto final: além de considerarem a acessibilidade do jogo como satisfatória, eles contribuíram para a redação dos textos que, acionados por QR Codes, podem ser ouvidos pelos jogadores/visitantes. Aos sábados, em observações informais, verificamos o poder de atração do Jogo para grupos com crianças e adultos, que se aproximam, mexem, mas parecem ter dificuldades em compreender suas “regras”. Até o momento, entendemos que o Jogo cumpriu os objetivos que orientaram sua realização: propor brincadeiras que, acessíveis aos visitantes do MHNJB-UFMG, pudessem contribuir à compreensão das interações entre animais e plantas. Entretanto, a avaliação sistemática da usabilidade, entendimento e didática do jogo para pessoas com e sem deficiências ainda não foi finalizada.

PALAVRAS-CHAVE

Jogo acessível. MHNJB-UFMG. Polinização. Educação museal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o financiamento do CNPq (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 39/2022)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. LUCINDO, N.I.; AVELAR, E.A.S.; SANTOS, L.S.; NUNES, R.S. (2023). Públicos das visitas agendadas ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais: contribuições dos registros para a gestão de museus. *Revista Museologia e Patrimônio*, 16(2), 239-255.

O artigo apresenta um relato de experiência do Museu do Barro, programa de extensão vinculado à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), que integra ensino, pesquisa e extensão a partir de práticas sociomuseológicas e de articulação com a comunidade local. Sediado no Fortim dos Emboabas, o museu atua como espaço de valorização da cerâmica e da cultura popular, promovendo ações educativas, artísticas, arqueológicas e de preservação do patrimônio material e imaterial da região.

Ao longo do último ciclo de atividades, o Museu do Barro consolidou sua estrutura institucional, com regimento próprio, conselho gestor e presença ativa em redes sociais e páginas institucionais. Mesmo com mais de uma década de atuação, o museu segue em processo de formalização de seu plano museológico, compreendido não como um produto final, mas como processo contínuo de construção coletiva. A experiência do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI inspirou novas abordagens participativas e interdisciplinares para essa elaboração, ressaltando o museu como um espaço vivo de pesquisa, ensino e extensão.

Entre os marcos importantes do período recente, destacam-se as visitas técnicas ao MUQUIFU e ao Instituto Inhotim, que contribuíram para o amadurecimento da equipe em relação às práticas educativas, curadoria compartilhada e manejo do acervo. Essas experiências influenciaram a formulação dos eixos estruturantes do plano museológico do Museu do Barro, fundamentados na sociomuseologia, na sustentabilidade, na participação comunitária e na valorização dos saberes locais.

Dentre as atividades desenvolvidas, destaca-se o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Cerâmica (GTP), oficina semanal aberta à comunidade, que promove formação artística e técnica em cerâmica, com ênfase na autonomia criativa dos participantes. O grupo funciona como um espaço de criação, troca de saberes e fortalecimento das identidades locais, atraindo entre 15 a 20 participantes por encontro. Em paralelo, o museu atende a demandas de outras instituições, como a Universidade Federal de Lavras (UFLA), onde foram oferecidas oficinas e construída uma estrutura de forno permanente.

Outro núcleo relevante de atuação é o grupo de bordado e costura “Jandiras”, formado por mulheres dos bairros Alto das Mercês e Senhor dos Montes. O grupo promove encontros regulares, oficinas de bordado, costura criativa e exposições que celebram a memória e o fazer coletivo feminino. Esse trabalho contribui para a autonomia das participantes e a valorização dos saberes tradicionais e afetivos.

A prática de capoeira também integra as ações do Museu do Barro, com aulas regulares no Fortim dos Emboabas, voltadas especialmente à comunidade local. Essa atividade fortalece a presença da capoeira na vida cultural da cidade e propicia um diálogo entre patrimônio histórico e manifestações culturais de matriz afro-brasileira.

No campo da pesquisa, o projeto “Caminhos do Fortim” tem se destacado ao desenvolver um sistema de informações espaciais (SIG), utilizando ferramentas como o QGis para mapear e analisar dados arqueológicos, geográficos e históricos do território. A pesquisa busca compreender os fluxos históricos e transformações da paisagem urbana de São João del-Rei entre o século XVIII e o final do século XIX, cruzando informações de mapas antigos, dados do IBGE, registros afetivos e vestígios arqueológicos. Essa abordagem considera a paisagem como construção simbólica, fruto da interação dinâmica entre natureza, cultura e sociedade, dialogando com os referenciais teóricos de Thiesen (2017), Anschuetz, Wilshusen e Scheik (2001).

O Museu também dedica esforços à organização e salvaguarda do acervo do Almirante Max Justo Guedes. Após o remanejamento do acervo para reforma do imóvel, a equipe retomou o trabalho de higienização, descrição, registro e acondicionamento provisório das peças, com mais de 100 cerâmicas catalogadas recentemente.

Além das atividades permanentes, o Museu do Barro promoveu oficinas específicas, como “Barro com Fé”, “Ferramentas”, “Geleias” e “Torno”, e participou de eventos como a Semana de Museus, a Primavera dos Museus e o VIII FICC. As exposições e postagens sobre a memória institucional também ganharam destaque, como na mostra “Zulei – Caso de amor entre agulhas e linhas”, que homenageou uma das integrantes do grupo Jandiras.

A metodologia de atuação do museu prioriza a participação ativa da comunidade, o uso de tecnologias acessíveis (como Google Forms e grupos de WhatsApp) para gestão de inscrições e certificação, e o trabalho coletivo nas queimas cerâmicas, realizadas nos fornos do Fortim. Essas práticas reforçam o caráter comunitário e educativo do museu, promovendo autonomia técnica e articulação entre tradição e contemporaneidade.

Conclui-se que o Museu do Barro atua como um agente de transformação cultural e social no território onde está inserido, promovendo o diálogo entre universidade e comunidade, e ressignificando práticas artísticas e culturais. Sua consolidação como museu universitário de território revela a potência da museologia social e participativa, destacando o papel dos museus como espaços de criação, resistência e construção de novos saberes.

Chico da Silva entre muros e mares: mediação crítica e memória social

Nágila Gonçalves Lima (UFBA) – nagilainfu@gmail.com

INTRODUÇÃO

Francisco Domingos da Silva, conhecido como Chico da Silva, artista autodidata nascido em Alto Tejo (AC) e radicado no Pirambu, em Fortaleza (CE), representa um capítulo singular na história da arte brasileira. Reconhecido internacionalmente a partir da década de 1940 cujo parte acervo está sob a guarda do Museu de Arte da UFC (MAUC). O trabalho tem como objetivo refletir sobre os paradigmas que historicamente moldaram a recepção crítica da obra do artista, desde sua "descoberta" por Jean-Pierre Chabloz até os estigmas que marcaram sua trajetória, como o rótulo de arte "primitista", muitas vezes associado a discursos racializados. A proposta insere-se no campo da educação museal crítica, ao mobilizar a mediação como ferramenta de desmistificação de conceitos relacionados a território, etnia e arte, revelando uma cosmogonia visual própria do artista, ancorada em memórias amazônicas, fabulações, ritos e um léxico imagético de forte densidade simbólica.

Apesar de sua trajetória expressiva, Chico da Silva foi frequentemente enquadrado dentro de categorias limitadoras, que desconsideram tanto a complexidade de sua poética quanto sua atuação como agente cultural em seu território. No contexto de sua revalorização, a exposição no Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE), realizada em 2023, proporcionou uma oportunidade de desenvolvimento de uma proposta de mediação que, para além da fruição estética, buscasse a construção de outras narrativas sobre o artista e sua obra. O presente relato apresenta uma experiência de mediação cultural crítica, desenvolvida ao longo da mostra, em diálogo com visitantes diversos e orientada por metodologias educativas comprometidas com a escuta sensível, o território e a justiça simbólica, atravessada por narrativas sobre a trajetória do artista e por reflexões sobre os silenciamentos e apagamentos sofridos diversos artistas no campo das artes visuais brasileiras.

MATERIAIS E MÉTODOS

A mediação foi desenvolvida no MIS-CE, entre os meses de junho e setembro de 2023, durante a exibição da obra de Chico da Silva em uma instalação imersiva. A proposta partiu da metodologia dialógica de Paulo Freire (1996), aliada a pressupostos da museologia crítica e das pedagogias descoloniais, conforme Chagas (2003) e Gouvêa (2020), priorizando a construção de sentido junto ao público, com base em suas experiências, memórias e afetos. A ação foi orientada por perguntas norteadoras que tensionavam as narrativas hegemônicas da história da arte, como: "Quem define o que é arte?" e "De quem é a voz que conta essa história?".

As mediações foram realizadas com públicos escolares, grupos de idosos, pessoas com deficiência, visitantes espontâneos e integrantes de coletivos culturais periféricos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as mediações, foi possível identificar a potência do espaço expositivo como catalisador de debates sobre a descolonização do olhar no museu. Os visitantes se mostraram profundamente impactados pela biografia de Chico da Silva, especialmente pelo fato de ele ter criado “escola” no bairro do Pirambu, onde compartilhou sua técnica e imaginário. A imersão sensorial, aliada ao conteúdo crítico da mediação, permitiu o questionamento de categorias como “ingenuidade” e “primitivismo”, revelando como essas classificações foram atravessadas por preconceitos raciais e sociais. As trocas geradas apontam para a importância de valorizar saberes locais e trajetórias periféricas na construção do patrimônio artístico.

A percepção recorrente de que Chico da Silva havia sido “domesticado” pelo mercado da arte, no qual sua trajetória foi, em parte, instrumentalizada por discursos exotizados e eurocentrados, emergiu nas falas dos participantes, especialmente nos grupos vindos de diversos territórios para as visitas ao museu, que destacaram a presença viva da obra em seus próprios repertórios visuais e afetivos, principalmente aqueles que tinham alguma ligação com o bairro do Pirambu ou com memórias da cidade nas décadas de 1960 e 1970. A relação entre arte e território, expressa na figura do artista como mestre formador de novos pintores em sua comunidade, foi um dos elementos mais destacados pelos participantes, suscitando debates.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada aponta para a importância das mediações críticas nos espaços museológicos contemporâneos, sobretudo quando se trata de revisitar trajetórias artísticas historicamente marcadas por apagamentos, exotizações e leituras coloniais. A obra de Chico da Silva, ao ser reenquadrada por meio da escuta, da partilha e da valorização de suas raízes territoriais e simbólicas, revela-se atual e transformadora, desafiando os cânones da arte ocidental e os paradigmas normativos de apreciação estética.

No contexto de museus universitários, como o MAUC/UFC, uma instituição que abriga parte significativa da coleção de suas obras, essa abordagem se torna ainda mais urgente, dado o compromisso social e epistemológico dessas instituições com a democratização da cultura e a produção de conhecimento crítico. Ao construir experiências mediadas que articulem arte, território e memória, contribuímos para uma museologia mais plural, sensível e comprometida com as lutas por reconhecimento e reparação simbólica.

PALAVRAS-CHAVE

Chico da Silva; mediação; arte e território; memória social.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA), sob orientação da Prof^a Dr^a Maria das Graças da Silva Teixeira. A autora agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo apoio financeiro concedido por meio de bolsa de mestrado. Estende, ainda, seus agradecimentos ao Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS CE) pela oportunidade de atuação educativa durante a exibição da obra de Chico da Silva, e ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC/UFC), instituição que salvaguarda parte significativa do acervo do artista, cuja trajetória inspira e fundamenta as reflexões apresentadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Rita. A arte popular e o discurso primitivista. São Paulo: Edusp, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CHAGAS, Mário. Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial. *Revista do Patrimônio, IPHAN*, n. 25, p. 121–136, 2017.
- CASSUNDÉ, Bitu. Chico da Silva e as rotas do desassossego. *ARTE!Brasileiros*, São Paulo, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/chico-da-silva-e-as-rotas-do-desassossego/>. Acesso em: 25 maio 2025.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOUVÊA, Maria Célia M. Museus e descolonização: práticas em curso. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 13, n. 2, 2020.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Coleção Chico da Silva. Fortaleza: MAUC, 2022. Disponível em: <https://mauc.ufc.br/pt/acervo-colecoes/colecao-chico-da-silva/>.
- GOUVEIA, Inês; PEREIRA, Marcelle. A emergência da museologia social. *Políticas Culturais em Revista, Salvador*, v. 9, n. 2, p. 726–745, jun./dez. 2016.
- OLIVEIRA, Gerciane Maria da Costa. Chico da Silva: estudo sociológico sobre a manifestação de um talento artístico. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

Museus e Formação de Professores: estratégias para o desenvolvimento profissional docente

Patricia Regina Garcia (UFRJ) – patriciaregina.ufrj@gmail.com

Cristina Carvalho (PUC-Rio) - cristinacarvalho@puc-rio.br

INTRODUÇÃO

A pesquisa investigou as ações e estratégias formativas promovidas por museus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para professores da Educação Básica. Os museus selecionados integram o Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (SIMAP). O estudo enfatiza a importância da Educação Museal no desenvolvimento profissional docente, realiza o mapeamento das ações dos museus universitários e analisa a contribuição dos espaços museológicos na formação continuada dos docentes. A tese utiliza metodologia de abordagem qualitativa, com fundamentação teórica entre formação docente, museus e práticas culturais. A motivação da pesquisa surgiu pela observação da ausência de familiaridade de grande parte dos docentes com os espaços culturais na visita escolar e na formação docente. Entende-se que a relevância do estudo reside na necessidade de integrar os museus como espaços educativos para a formação humana e cultural que, por meio de suas estratégias, contribuem para a construção de uma educação em consonância com as necessidades contemporâneas. Com base na literatura sobre Educação Museal e desenvolvimento profissional docente, busca-se compreender como os museus universitários contribuem para a qualificação de professores, analisando suas ações formativas, metodologias utilizadas e desafios enfrentados. A pesquisa constituiu sua base teórica em diferentes referenciais, incluindo: Paulo Freire (educação dialógica e transformação social); Bernard Charlot (educação, humanização e transformação civilizatória); António Nóvoa (formação de professores); Dario Fiorentini (desenvolvimento profissional docente); Vera Candau (formação intercultural crítica para docente); Cristina Carvalho (cidadania cultural na formação de professores); George Hein (museus como espaços construtivistas de aprendizagem); Hooper-Greenhill (pedagogia crítica dos museus); Fernanda Castro, Andréa Costa e Ozias Soares (Educação Museal); PNEM (Política Nacional de Educação Museal); Martha Marandino (Formação de professores em Museus de Ciências); Luciana Martins (A constituição da Educação em Museus). Destaca-se que estes são os referenciais teóricos, entre outros, que subsidiam a presente pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo segue uma abordagem qualitativa, com diferentes técnicas de coleta e análise de dados. Inicialmente, foi realizado um levantamento preliminar dos museus da UFRJ que ofertam ações formativas para professores. Em seguida, aplicou-se um questionário estruturado no Google forms para os responsáveis pelos setores educativos dessas instituições, com o intuito de mapear as propostas existentes. Na outra etapa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com

educadores museais, responsáveis pelas ações formativas, buscando entender as concepções pedagógicas adotadas. Para verificar a aplicação prática dessas iniciativas, fez-se uso de observações diretas de três ações formativas voltadas aos docentes. Também foi aplicado um questionário de percepção aos professores participantes dessas formações, permitindo compreender o impacto das atividades no desenvolvimento profissional docente. Por fim, utilizou-se análise documental de materiais educativos elaborados pelos museus, como apostilas, roteiros de visita e materiais audiovisuais. Todas as etapas da pesquisa foram realizadas com ações planejadas para 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que seis museus que integram o SIMAP/UFRJ, dentre os 10 pesquisados, promovem ações voltadas para a formação docente, ainda que de maneira pontual. As atividades mais frequentes incluem visitas mediadas, rodas de conversa, oficinas interativas e cursos específicos. No entanto, não há um programa estruturado de formação continuada, dificultando a regularidade e o alcance das iniciativas. A análise dos questionários aplicados aos professores revelou que a participação nas atividades formativas tem impacto positivo na prática pedagógica. Os docentes destacaram a ampliação do repertório cultural e científico, o aprimoramento de estratégias didáticas e a motivação para incluir visitas museológicas como recurso de ensino. Entretanto, fatores como falta de tempo, transporte para os alunos e baixa divulgação das formações foram identificados como desafios para a participação docente. A entrevista com educadores museais revelou que muitas ações são financiadas por editais de fomento, tornando sua realização dependente da captação de recursos externos. Assim, a criação de políticas públicas mais robustas, que garantam a continuidade dos programas, é essencial para consolidar a Educação Museal como parte da formação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que os museus universitários investigados desempenham um papel significativo na formação continuada de professores, proporcionando espaços de reflexão e inovação pedagógica. Contudo, para ampliar o alcance dessas iniciativas, recomenda-se: a criação de um programa estruturado de formação docente com calendário fixo e continuidade de ações; o fortalecimento da parceria entre museus e escolas, incentivando uma maior integração curricular; o uso de tecnologia e plataformas digitais, para ampliar o acesso às formações; o estabelecimento de políticas públicas, assegurando financiamento contínuo para a Educação Museal; e a criação de comunidades de aprendizagem, fomentando colaboração entre docentes e educadores museais. A pesquisa evidencia que os museus universitários podem se configurar como espaços estratégicos para a formação docente, contribuindo para práticas pedagógicas inovadoras e a valorização cultural dos professores. No entanto, aponta que é essencial um esforço maior para consolidar políticas educacionais que garantam a continuidade e expansão das ações formativas.

PALAVRAS-CHAVE

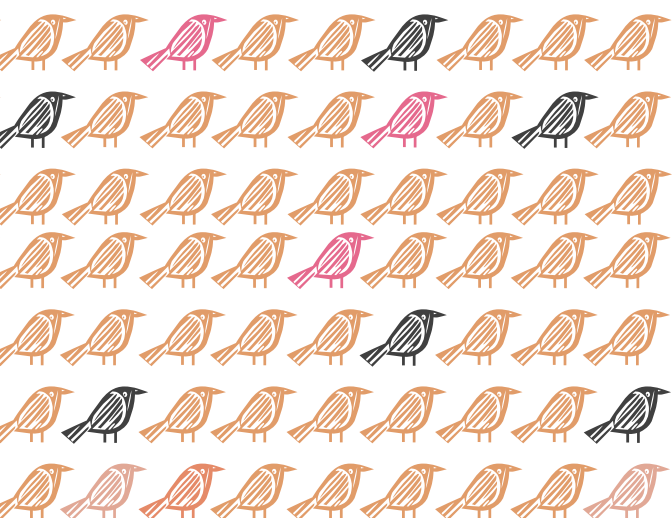
Museus; Formação de professores; Ações estratégicas; Educação Museal; Desenvolvimento profissional docente; Cultura.

AGRADECIMENTOS

O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) (Código de Financiamento 001), além de auxílios concedidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, C. Cidadania Cultural e a Formação de Professores*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 75-87, 2001.
- CHARLOT, B. Educación o barbarie. Pensar la pedagogía más allá del bricolaje de supervivencia. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 32, n. 122, e0244542, p. 2-16, 2024.
- COSTA, A.; CASTRO, F.; SOARES, O. Por uma História da Educação Museal no Brasil. In: Educação museal: conceitos, história e políticas organizadores. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. v. 1. 35
- FIORENTINI, D. A pesquisa e as práticas de formação de professores de Matemática em face das políticas públicas no Brasil. Bolema, Rio Claro, v. 21, n. 29, p. 43-70, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HEIN, G. The Constructivist Museum. Journal for Education in Museums, Londres, n. 16, p. 21-23, 1995.
- HOOPER-GREENHILL, E. The Educational Role of the Museum. London: Routledge, 1999b.
- MARANDINO, M.; MARTINS, L. Museus e Educação: políticas públicas e formação de professores–exclusivo. Pensar a Educação em pauta, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2020/03/>
- NÓVOA, A. Os Professores e sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.
- SOARES, O. J. Reflexões sobre a Relação Museu-Escola: Na Direção de um Museu Permeável. Educação On-Line (PUC-RJ), v. 18, p. 27-44, 2015.



SALA 4 **EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO** **CULTURAL**

Mediador
Adriana Mortara Almeida (UFMG)

A sessão de comunicações orais com temática de “Educação e Mediação Cultural”, no período da tarde do dia 28 de agosto de 2025, contou com apresentações de sete trabalhos, sendo dois do Rio Grande do Sul (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA), um do Pará (Universidade Federal do Pará – UFPA), um de Minas Gerais (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), um do Rio Grande do Norte (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN) e dois da Universidade Federal da Bahia – UFBA (um executado em Salvador e outro em Fortaleza, Ceará).

Dois relatos são de experiências que foram realizadas durante a Primavera dos Museus de 2024: um do Museu Surrupira (UFPA) e um do Projeto Raízes da Cultura Sertaneja junto ao Museu da Cultura Sertaneja (UERN). Na experiência do Pará foram realizadas oficinas de produções artísticas a partir do imaginário da cabocla encantada Mariana, que incluíram a produção de peças de roupas, adereços, teatralização, poemas, fotografias e vídeos, produtos disponibilizados pelo Museu Virtual Surrupira de Encantaria Amazônicas. No caso do Rio Grande do Norte, as atividades foram realizadas no interior do estado, na cidade de Pau de Ferros e, seguindo a temática da primavera dos museus “Museus, acessibilidade e inclusão”, focaram em públicos com deficiências ou pouco contemplados pelo museu. Foram realizadas brincadeiras, jogos e danças populares com crianças e famílias ligadas a entidades assistenciais, além de oficina de audiodescrição para interessados. Grupos de idosos também foram contemplados com visita guiada ao Museu da Cultura Sertaneja e rodas de conversa (prosas) sobre brincadeiras tradicionais. As duas ações são iniciativas de projetos de extensão das universidades, que têm potencial de integrar pesquisa, ensino e extensão, porém não têm continuidade garantida.

O Guia para educadores/as do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG foi elaborado para contribuir com a formação contínua de estudantes de graduação que se tornam bolsistas educadores no museu. A partir da análise de materiais já produzidos por outros museus e pelo próprio MHNJB, foi elaborado um guia em formato de e-book contendo apresentação do museu e conteúdos relacionados à educação museal. Trata-se de um esforço de qualificar a formação de graduandos bolsistas que atuam como educadores dos museus universitários, que comumente têm pouco tempo para se preparar para os atendimentos aos diversos públicos.

As duas apresentações da UFCSPA trataram da criação, trajetória e ações educativas do Museu de Anatomia. A partir de demandas pontuais, que foram se ampliando, um laboratório criou um projeto em 2008 e foi organizando suas coleções e abrindo a mais grupos para visitas; posteriormente conseguiram um espaço mais amplo e em 2024 o museu foi institucionalizado. Trabalhando com temas delicados, o

estigma de lidar com cadáveres e a curiosidade sobre o corpo humano, o museu desenvolveu inúmeras atividades para atender grupos escolares. Por meio de pesquisas de públicos foram aperfeiçoando suas ações e identificaram que um dos impactos positivos alcançados foi a percepção de estudantes de ensino médio de que poderiam ser também graduandos de uma universidade. Este resultado se dá principalmente pelo contato dos graduandos que atuam como educadores do museu e os estudantes de ensino médio. Nas ações educativas também foi ampliado o tempo do acolhimento, da conversa inicial, com muito diálogo, vídeos e dinâmicas de grupo para facilitar a discussão de temas controversos e muitas vezes alvo de desinformação.

Duas pesquisas que tratam de questões raciais e coloniais envolveram o Museu de Arte Sacra da Bahia (UFBA) e a trajetória do artista Chico da Silva, cujas obras estão em diversos museus, incluindo o Museu de Arte na Universidade Federal do Ceará (MAUC). A pesquisa no Museu de Arte Sacra questiona a não representação imagética de mulheres, negros, entre outros grupos invisibilizados e como isso afeta a mediação, ou melhor, como é possível construir mediações decoloniais no museu. Para desenvolver a pesquisa foi feito um estudo no Museu Etnográfico Juan B. Ambrosetti da Universidade de Buenos Aires, com diálogos com a equipe educativa, observação de visitas orientadas e troca de experiências.

A pesquisa sobre a trajetória do artista Chico da Silva e de suas obras buscou entender como a imagem do artista como “primitivo” foi construída por um olhar europeu, que rebaixa o artista e invisibiliza suas pesquisas e ações de formação realizadas em Pirambu, cidade onde se estabeleceu. Por meio de revisões de críticas, pesquisas em jornais e entrevistas com pessoas próximas ao artista, uma nova visão se constrói retirando a marca de “naif” repetida por especialistas e até incorporada pelo próprio artista.

Em todas as apresentações ficou muito evidente a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade que configura as ações educativas museais. Profissionais e estudantes de diversas áreas de conhecimento atuam em conjunto na concepção e realização de ações educativas em museus, com museus e a partir de acervos de museus.

Outro tema presente é a necessária construção de novos olhares para as coleções existentes nos museus e a incorporação de novos objetos que incluam segmentos invisibilizados por visões eurocentradas e coloniais.

São muitos os desafios que vem sendo enfrentados por profissionais e pesquisadores da educação museal e nessa mesa foi possível conhecer como parte deles estão sendo enfrentados e ultrapassados.



Apresentações de comunicação oral, na sala 4 pela tarde, sobre Educação e Mediação Cultural - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 4 pela tarde, sobre Educação e Mediação Cultural - Fotógrafo: Flávio Almeida

Escritas e visualidades do imaginário da cabocla encantada Mariana: arte e ancestralidade na Museologia Social Amazônica

Cássio Alexandre Souza dos Santos (UFPA) – kcosantos@gmail.com

Gisele Nascimento Barroso (UEPA) – gisa.barroso@gmail.com

Diogo Jorge de Melo (UFPA) – diogojmelo@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma análise da oficina “Escritas e visualidades do imaginário da Cabocla Encantada Mariana”, realizada pelo Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas durante a 16ª Primavera de Museus. A atividade teve como objetivo valorizar a cultura religiosa afrodiáspórica por meio de práticas artísticas coletivas e de narrativas do imaginário amazônico relacionadas à figura da Cabocla Mariana.

A proposta da oficina, articulando oralidade, visualidades, performance e musicalidade, insere-se nas práticas de museologia social e decolonial que promovem espaços de escuta, criação e reconhecimento de saberes ancestrais. Inspirados pela perspectiva de João de Jesus Paes Loureiro (2001), compreendemos o imaginário amazônico como uma realidade encantada, que se manifesta nas visualidades e poéticas da floresta, nas entidades encantadas e nas expressões simbólicas do cotidiano.

Dialogando com as pedagogias insurgentes de matriz afro-brasileira, o trabalho também se ancora nas proposições de Allan da Rosa (2011), que define a pedagogia como um caminhar coletivo, tático, criativo, em que a autonomia e a mocambagem orientam os processos de ensino-aprendizagem enraizados na oralidade, na ancestralidade e na sabedoria dos terreiros e das quebradas. A partir desse horizonte, compreendemos a oficina como uma prática pedagógica de encruzilhada, como propõe Luiz Rufino (2019), em que diferentes saberes e linguagens se encontram para gerar outras epistemologias e modos de existir no mundo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A oficina foi realizada em quatro encontros presenciais, ao longo da programação da 16ª Primavera de Museus. No primeiro dia, foram apresentados pontos cantados dedicados à Cabocla Mariana, seguidos de um momento de escuta sensível e livre expressão dos participantes. A partir das impressões evocadas por esses cantos, os participantes produziram desenhos, textos e poesias.

No segundo dia, o grupo foi estimulado a criar representações visuais utilizando tecidos, roupas, acessórios e elementos associados à cabocla Mariana, compondo cenas que seriam fotografadas em um ensaio coletivo no qual as imagens serviriam como tradução visual dos pontos cantados.

O terceiro dia foi dedicado à musicalização: os textos e poesias criados pelos participantes foram retrabalhados com auxílio de facilitadores para a criação de um novo ponto cantado, dando origem a uma obra musical inspirada na entidade homenageada.

No quarto e último dia, foi realizada uma roda de conversa intitulada “A presença dos Mouros no Tambor de Mina”, com a participação do sacerdote Welbe – Babá Ode Onigbosinã do Ilê Axé Nagô Igbolama e Oxum –, que compartilhou saberes sobre as camadas mítico-religiosas dessa tradição e sua intersecção com o culto às caboclas encantadas. Foram também exibidos os resultados das oficinas, no qual tanto o ensaio fotográfico, como a obra musical composta durante o evento e nomeada como “Mariana Princesa Guerreira”, foram apreciadas e debatidas, provocando reflexões relevantes acerca da temática trabalhada durante o evento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina promoveu múltiplas produções artísticas e pedagógicas a partir do imaginário da Cabocla Mariana, que emergiram do encontro entre memória, religiosidade afrodiaspórica e linguagem simbólica. Nos primeiros dias, os participantes criaram desenhos, textos e poesias inspirados pelos pontos cantados apresentados, o que possibilitou uma escuta sensível e ativa das expressões espirituais e culturais evocadas pela Cabocla encantada. Essas criações, associadas às materialidades simbólicas trabalhadas no segundo dia – como roupas, tecidos, adornos e objetos – resultaram em um ensaio fotográfico coletivo, no qual as visualidades do imaginário foram registradas como potência estética e política.

Como desdobramento dessa experiência, foi produzido um documentário de curta duração intitulado “Mariana Guerreira do Mar: uma resignificação mitopoética” que registra todas as etapas da oficina, assim como a gravação da roda de conversa “A presença dos mouros no Tambor de Mina”, ambas já disponíveis na página do YouTube do Museu Surrupira de Encantarias Amazônicas. Essa documentação audiovisual amplia o alcance das ações formativas e fortalece o compromisso do museu com a democratização do conhecimento, das práticas ancestrais e da arte produzida a partir de epistemologias do território.

Outro desdobramento previsto é a publicação de um Artbook, que reunirá as fotografias do ensaio imagético construído pelos participantes da oficina. A proposta visa consolidar uma memória visual da experiência, reconhecendo a potência da arte como meio de valorização da cultura religiosa afrodiáspórica, do imaginário caboclo e das práticas educativas antirracistas e decoloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos da oficina foram plenamente alcançados, com destaque para a articulação entre diferentes formas de expressão artística e o fortalecimento do sentimento de pertencimento e respeito às religiões de matriz africana e afro-indígena. A proposta metodológica colaborativa permitiu aos participantes protagonizarem narrativas em torno da Cabocla Mariana, ativando memórias, afetos e saberes coletivos.

O Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, ao promover essa atividade durante a 16ª Primavera de Museus, reafirma seu compromisso com uma educação museal de base intercultural, decolonial e antirracista, reconhecendo a pluralidade de vozes e territórios que compõem a Amazônia.

A experiência se configura como uma importante estratégia de valorização das expressões simbólicas das religiões afro-amazônicas e de promoção de práticas educativas sensíveis ao contexto sociocultural dos povos de terreiro.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia social. Cabocla Mariana. Cultura afro-amazônica. Produção artística. Interculturalidade.

REFERÊNCIAS

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. 2. ed. Belém: Editora Cejup, 2001.
- ROSA, Allan da. Pedagogia, autonomia e mocambagem. São Paulo: Editora Aeroplano, 2011.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia da encruzilhada. 3. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

Wellington Luiz Silva (UFMG) - wellluzpromestre@gmail.com
Adriana Mortara Almeida (UFMG) - mortaraalmeida@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB-UFMG), fundado em 1969, localizado na região leste de Belo Horizonte, em Minas Gerais, possui exposições e acervos de arqueologia, paleontologia, geociências, cartografia histórica, botânica, plantas medicinais e arte popular. Além disso, a área onde o museu está inserido engloba um Jardim Botânico com coleções vivas de plantas, e com a documentação de parte dessa coleção.

O MHNJB-UFMG realiza atividades de preservação e difusão do acervo natural, científico e cultural sob sua guarda. A instituição desenvolve projetos e ações de extensão universitária, com o intuito de promover a educação ambiental e museal. Tanto as exposições como a área verde estão abertas à visitação pública, nas quais são recebidos visitantes espontâneos e grupos agendados; estes, em sua maioria, oriundos de instituições escolares. Além dessas visitas, são realizadas oficinas e atividades formativas a partir de seu acervo e sua pesquisa.

Entre os diversos setores existentes para o funcionamento da instituição, há o setor educativo composto por técnicos administrativos e bolsistas de extensão de diferentes cursos orientados por docentes, que realizam grande parte das ações destinadas ao público do museu. Para a elaboração e realização das atividades educativas, a dimensão da formação da equipe é muito importante, uma vez que são as ações educativas que promovem e ampliam o acesso aos patrimônios do museu e contribuem para diálogos entre a universidade e seus diversos públicos (Almeida; Silveira; Silva, 2024). Assim, há a necessidade de pensar em estratégias diversas para a formação da equipe educativa, seja por meio de palestras, rodas de conversas, compartilhamento de relatos de experiências entre os educadores e a elaboração de materiais de referência para apresentar o universo da educação museal. O presente resumo relata o processo de elaboração do e-book “Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG”.

O e-book em questão foi viabilizado por meio de um projeto submetido ao “Programa de Apoio a Museus e Centros de Ciência e Tecnologia e a Espaços

Científico-Culturais”, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no ano de 2022. O projeto “Materiais educativos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG: rompendo fronteiras” tinha, entre as propostas, a confecção de um “Guia do educador” e a ampliação de atividades de acessibilidade do museu. O e-book tem como principal objetivo introduzir conceitos como educação museal, educação ambiental e a discussão referente à acessibilidade e inclusão em espaços culturais, assim como os conteúdos das exposições, trilhas, espaços e roteiros de visita do MHNJB/UFMG.

Vale destacar que o “Guia” não visa ser um manual ou sanar todas as dúvidas dos educadores que atuarão no museu, mas ser uma base de introdução no campo da educação museal e dos conteúdos do museu (Almeida; Silveira; Silva, 2024). A proposta é que o material seja disponibilizado para formação e estudo dos bolsistas que atuarão no educativo. A publicação também está disponível para consulta e leitura da comunidade externa.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto teve início em abril de 2023 e estruturou-se em três frentes principais: a produção do material educativo, e-book, com foco na formação dos educadores do museu; a realização de ações formativas sobre acessibilidade para os funcionários do MHNJB/UFMG e a comunidade externa; e o desenvolvimento de duas estruturas de jogos educativos expostos nas áreas de Jardim Botânico. Contudo, descreveremos no presente resumo a metodologia para o desenvolvimento do “Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG”. Para a elaboração do e-book, houve uma pesquisa documental sobre os conteúdos das exposições e atividades do museu, análise de materiais de referência de outros museus brasileiros e revisão de textos disponibilizados para os bolsistas quando eles iniciavam as suas atividades no setor educativo do MHNJB/UFMG. Aconteceram também reuniões com a equipe educativa e acompanhamento de visitas mediadas com grupos escolares.

Houve uma etapa de coleta de dados, por meio da aplicação de questionários com os bolsistas do educativo, para compreender hábitos de leitura digital, recursos de acessibilidade necessários e sugestões de conteúdo. As respostas subsidiaram o design gráfico do Guia, com atenção à responsividade e ergonomia. Os dados obtidos indicaram a necessidade de elaborar uma formatação com uma alta adaptabilidade a diversos dispositivos, para facilitar a leitura.

O material foi escrito com o intuito de ser introdução no campo da educação museal e dos conteúdos do MHNJB/UFMG. A versão final do material apresenta o histórico

do MHNJB/UFMG, as regras de visitação e de agendamento para visitas ao museu, a discussão sobre o que é um museu e um jardim botânico. Além disso, os conceitos de “museu de história natural”, da educação museal, patrimonial e ambiental. Há também uma parte do material destinada à acessibilidade e inclusão, assim como a indicação de abordagens para diferentes públicos do museu. O “Guia do Educador” apresenta os temas que podem ser abordados nas visitas educativas considerando o acervo do MHNJB-UFMG: Paleontologia, Cartografia Histórica, Arqueologia, Arte Popular, Botânica, Ecologia, Geociências e Zoologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material foi finalizado e disponibilizado para a equipe do museu em abril de 2025 e o esperado é que o material consiga potencializar o trabalho de educação museal já desenvolvido pelo MHNJB-UFMG. A formação de educadores é um dos desafios compartilhados pelos museus universitários, uma vez que a maior parte de suas equipes é composta por bolsistas, estudantes de diversos cursos para atuar na mediação do patrimônio universitário. Nesse contexto, alunos de graduação têm pouco tempo para conhecer os conteúdos das exposições e se preparar para a mediação educativa para os públicos, bem como para compreender aspectos importantes da educação museal. Assim, a elaboração de materiais como cartilhas, guias, dentre outros, é uma estratégia para complementar as formações in loco e pelo contato com os bolsistas mais experientes da equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto permitiu avanços significativos na qualificação das ações educativas do MHNJB-UFMG, contribuindo para a formação inicial e continuada dos educadores, levando-os a compreender a diversidade dos públicos. A construção do “Guia do Educador(a)” representa uma tentativa de sistematizar saberes, práticas e conceitos importantes para o educador museal, mesmo partindo da realidade do MHNJB/UFMG o e-book poderá servir de inspiração para outros museus universitários. A incorporação da acessibilidade como valor transversal também representa um ganho institucional importante, reforçando o papel social do museu e sua função educadora.

PALAVRAS-CHAVE

educação museal; formação de mediadores; museus universitários

AGRADECIMENTOS

Agradecemos os apoios de: CNPq, FAPEMIG, PROEX-UFMG e UFMG.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Adriana Mortara; SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da; SILVA, Wellington Luiz. A mediação do patrimônio universitário: desafios da formação de bolsistas de graduação. In: NASCIMENTO, Flávia Brito do; MELLO, Joana; FERNANDES, Gabriel; RIBAS, Elisabete (org.). Anais do III Seminário Patrimônio Cultural Universitário. São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo, 2024. p. 469–481. ISBN 978-85-85026-09-7.

Na primavera dos museus o florir de experiências culturais inclusivas e formativas

Katielle Costa de Souza (MCS/UERN) – costakatieele37@gmail.com
José Gevildo Viana (MCS/UERN) – josegevildo@uern.br
Artur Martins de Oliveira (MCS/UERN) artur20240045630@alu.uern.br
Valéria Inajara Costa Fernandes (FAPERN/MCS/UERN) email@ufaa.br
André Felipe Barros e Queiroz (FAPERN/MSC/UERN) – lipebarrosqueiroz.15@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Projeto Raízes da Cultura Sertaneja - (PROCULT/CAPF/UERN)^[1], e o Museu Acadêmico de Cultura Sertaneja (MCS), ambos vinculados à UERN com sede no Campus Avançado de Pau dos Ferros, trabalham em parceria com o propósito de promover atividades acadêmico-pedagógicas que fortaleçam e deem notoriedade à cultura popular por meio de temáticas voltadas para o sujeito sertanejo.

Considerando, portanto, as atividades desenvolvidas pelo PROCULT e MCS no ano de 2024, objetivamos para com esse trabalho, fazer um relato de experiências sobre a realização da 18ª Primavera dos Museus, realizada de 23 a 29 de setembro de 2024, com o tema “Museus, acessibilidade e inclusão”. A proposta enfatiza o museu como espaço de acolhimento da diversidade e de construção da formação acadêmico-cultural por meio da vivência com diferentes grupos sociais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para efeito metodológico, nos pautamos na ideia de um relato de experiências, feito por alunos bolsistas de extensão, vinculados ao PROCULT – por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN, e ao MCS, por meio da - Fundação de Amparo e Promoção da Ciência, Tecnologia e Inovação do RN - FAPERN, tendo em vista as atividades desenvolvidas na programação em alusão à 18ª Primavera dos museus, e sob a supervisão do professor coordenador do PROCULT e do MCS. Bolsistas e professores participaram ativamente da organização do evento, alinhando as atividades às temáticas da 18ª Primavera dos Museus – “Museus, acessibilidade e inclusão” e da 9ª edição do PROCULT “Danças e brincadeiras populares do Alto Oeste Potiguar: entre na roda, dance e conte suas memórias”.

^[1] É um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas (DLV), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Tem como objetivo pesquisar e criar atividades extensionistas sobre a cultura sertaneja e seus efeitos na construção de identidades do sujeito sertanejo.

No dizer de Mussi; Flores; Almeida (2021, p. 65), o relato de experiência é uma produção de conhecimento que descreve vivências acadêmicas ou profissionais nos pilares do ensino, pesquisa e extensão. Assim, registramos aqui experiências acadêmicas vividas na 18ª Primavera dos Museus, destacando atividades de extensão como formas de intervenção crítica e valorização do museu como espaço cultural e formativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A 18ª Primavera dos Museus, promovida pelo IBRAM, visa democratizar o acesso à cultura por meio de programações especiais em museus de todo o país. O MCS, em parceria com o PROCULT, elaborou atividades alinhadas à temática do evento, promovendo reflexão, inclusão e a participação de grupos socialmente excluídos, com pouco acesso a bens culturais, como os museus. Para tanto, na programação ocorreu a **oficina: “Audiodescrição e Acessibilidade Cultural”**. Tal oficina tratou de um tema essencial para os dias de hoje: a audiodescrição como meio de tornar o ambiente cultural acessível para pessoas com deficiência visual. Voltada para agentes culturais, curadores e guias de museus da região.

Teve também a **oficina intitulada: “Brincadeiras e Danças Populares”**. Essa oficina tinha como público-alvo, alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE da cidade de Pau dos Ferros/RN. Foi um momento de muita diversão e aprendizado, pois os alunos, que em sua maioria tinham algumas deficiências, puderam vivenciar experiências importantes com a prática de brincadeiras e danças populares, construindo saberes e processos de autonomia na arte de brincar.

A outra atividade da programação foi a **tarde recreativa: brincadeiras e inclusão**, esse evento focou em criar um ambiente acolhedor para crianças e mães da Associação Elo de Famílias de Rafael Fernandes/RN. Trata-se de uma associação de apoio as mães atípicas que têm filhos com espectro autista. A oficina proporcionou atividades com foco nas brincadeiras e danças populares, com a apresentação e participação do público, em danças, cantigas de rodas, brincadeiras de pula corda, amarelinha.

Foi realizada ainda mais uma outra **oficina: danças e brincadeiras populares com idosos** do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do grupo Conviver, da cidade de Rafael Fernandes/RN. Foi um momento único e de grande participação dos idosos, que adentraram no espaço da universidade, em contato com o museu, e puderam, por meio de gestos, memórias e narrativas, socializar experiências vivas sobre as danças, cantigas e brincadeiras do passado.

Na oportunidade ocorreu com todos os grupos que participaram das atividades da programação, a saber; alunos da APAE de Pau dos Ferros/RN, crianças com espectro autistas, mães atípicas da Associação Elos, bem como os idosos do CRAS de Rafael Fernandes, as visitas guiadas ao MCS. Tais visitas foram oportunidades únicas para que eles pudessem conhecer mais sobre a história e as tradições do sertão e das comunidades negras e quilombolas pela exposição vigente no MCS.

A visita guiada reafirma o compromisso do MCS com a acessibilidade e o direito à cultura, conforme o artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que garante a todos o acesso à vida cultural e às artes. (Dudh 1984, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessas atividades presentes na programação da 18ª primavera dos museus realizada pelo MCS em parceria com o PROCULT no ano de 2024, fez florir, como objeto do relato de experiências vividas, uma série de questões pertinentes e de grande valia para o nosso processo de formação acadêmica cultural, sobretudo no contexto da cultura popular. Pois ao promover o encontro entre saberes populares e conhecimento científico, o MCS e o PROCULT da UERN assumem uma função estratégica na construção de uma universidade plural, sensível às realidades locais e comprometida com a valorização da cultura do nosso povo. Mais do que lugar de preservação da memória, o museu deve ser um espaço de acolhimento da diferença, onde as diversas vozes e experiências possam se expressar livremente. A democratização do acesso ao seu acervo e à sua programação é condição essencial para que se consolide como território de pertencimento e diálogo. Promover acessibilidade e inclusão não é apenas garantir o acesso físico e comunicacional, mas reconhecer que todos – independentemente de suas condições, origens ou identidades – têm o direito de participar, fruir e produzir cultura.

PALAVRAS-CHAVE

Museu. Extensão. Cultura Popular. Acessibilidade. Inclusão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró reitoria de Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (PROEX/UERN), à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), ao Museu de Cultura Sertaneja (MCS) e ao Campus Avançado de Pau dos Ferros.

REFERÊNCIAS

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento. In REVISTA PRÁXIS EDUCACIONAL v. 17, n. 48, p. 60-77, OUT./DEZ. | 2021 VITÓRIA DA CONQUISTA | BAHIA | BRASIL

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS (1948). Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm> Acesso em: abril de 2025

Acolher para humanizar: um relato de experiência do trabalho educativo do acolhimento no Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Pedro Hernandez Lopes(UFCSPA) - pedro.lopes@ufcspa.edu.br
Henrique Silva Lovera (UFCSPA) - henrique.lovera@ufcspa.edu.br
Morgana Silveira Bartz (UFCSPA) - morgana.bartz@ufcspa.edu.br
Ana Paula da Silva (UFCSPA) - paulabio@ufcspa.edu.br
Andrea Oxley da Rocha (UFCSPA)- oxley@ufcspa.edu.br

INTRODUÇÃO

O Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) é um espaço de extensão universitária que se propõe a divulgação do conhecimento científico da Anatomia Humana através da exposição de corpos e de peças humanas reais, compartilhando com o público visitante conhecimentos que não se limitam à anatomia e a morfologia, mas também cumprindo um propósito de educação em saúde acerca do corpo humano e de autocuidado relevantes para os indivíduos.

As peças do acervo advém do programa de doação de corpos da UFCSPA, um programa de referência no Brasil e no mundo que em seu funcionamento recebeu mais de 140 corpos e conta com mais de 1200 doadores cadastros (LUCAS, B. 2023). Estas peças são produzidas (dissecadas) por alunos da universidade, com supervisão de docentes especializados, durante a oficina de dissecação, curso de ensino oferecido anualmente, desde 2010. O uso dessas peças é fundamental para a realização das atividades expositivas e educativas do MAUPoA.

Com mais de 16 anos de história, o MAUPoA iniciou suas atividades como um projeto de extensão, que organizava exposições temporárias, durante duas semanas, anualmente, oferecendo visitas mediadas, com foco nas escolas da rede pública de ensino fundamental e médio. Em vista do grande público recebido nestas exposições e da grande procura das escolas pelas visitas guiadas, desde 2023, o Museu de Anatomia recebeu um espaço permanente e passou a ficar aberto ao público durante todo ano letivo, 5 dias por semana e no primeiro sábado de cada mês. O museu disponibiliza o agendamento para visitas guiadas para grupos de mais de 10 pessoas, escolas e projetos sociais. As visitas são mediadas por tutores e monitores treinados, que são alunos da graduação da UFCSPA, vinculados ao projeto, guiando os visitantes por um acervo de peças anatômicas reais, com correlações estabelecidas com temáticas de saúde individual e coletiva. Assim, através do

agendamento e realização destas visitas, foram estabelecidas conexões com escolas públicas e privadas do estado do Rio Grande do Sul, tornando-se um espaço consolidado de compartilhamento do conhecimento científico e de prática da extensão universitária.

Em 2024, o Museu de Anatomia da UFCSPA recebeu mais de 6800 visitantes agendados para visitas mediadas, sem contar o público avulso, e público em eventos especiais como o UFCSPA Acolhe e a Noite dos Museus. A maioria das visitas agendadas é composta por alunos do ensino básico de escolas públicas da região metropolitana de Porto Alegre. O registro do público é feito por meio de “livros-atas” em que são descritas as atividades realizadas diariamente.

Além da visita mediada à exposição, é desenvolvida com as escolas visitantes um momento de “Acolhimento” cujo objetivo inicial era informar e orientar os visitantes quanto ao material exposto, e a forte ligação entre anatomia e arte ao longo da história, desmistificando a utilização do corpo humano para fins de ensino. Ao longo do tempo, percebeu-se que esse espaço poderia ser usado, também, para o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação em saúde, sendo criadas várias oficinas de curta duração (15 a 30 minutos), aplicadas no momento de recepção das escolas, com excelente receptividade, tornando-se uma experiência muito positiva. Diante disso, foi criado, em 2024, um Projeto de Extensão específico para a atividade de Acolhimento, criando, dessa forma, uma iniciativa permanente e organizada de recepção e mediação ativa conduzida por monitores treinados que participam de Ligas Acadêmicas ou outros Projetos de Extensão desenvolvidos dentro da UFCSPA. Estes monitores, alunos dos cursos de graduação da universidade, atuam no desenvolvimento das atividades de acolhimento, realizando-as de acordo com as demandas e necessidades apresentadas pelas escolas visitantes. A participação deles é fundamental para o desenvolvimento do projeto, já que são os responsáveis pela sua execução. As oficinas são elaboradas com supervisão de professores universitários, discutindo-se sua realização em reuniões semanais.

Inspirado nos princípios da Educação Museal^[1] e da humanização do ensino em saúde, o projeto tem o objetivo de transformar o museu em um ambiente de escuta, diálogo e cuidado. Este resumo apresenta o relato da experiência com o acolhimento, destacando seus impactos educativos, sociais e afetivos no espaço museal universitário.

[1] Educação Museal diz respeito aos diversos processos que contribuem para que o museu assuma plenamente sua tarefa de mediador e referencial para a sociedade. É o conjunto das abordagens, das metodologias e das ferramentas próprias ao desenvolvimento das ações educativas realizadas em museus.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de acolhimento foi estruturado como uma prática educativa contínua, realizada por discentes previamente capacitados instituída em 2012 e institucionalizada em 2024. As ações envolvem a recepção dos visitantes logo na entrada do museu, quando são conduzidos a uma sala de acolhimento, onde são apresentadas as normas de visita, os objetivos educativos do acervo e os princípios éticos que norteiam o uso de corpos humanos na ciência, visando demonstrar a importância do gesto dos doadores para o ensino e para a produção de conhecimento. Um vídeo breve, que discorre sobre a história e desenvolvimento do MauPOA, é exibido aos visitantes. Em seguida são desenvolvidas as atividades de acolhimento, que fazem uso de metodologias diversas. A ação é desenvolvida pela disponibilização, no momento anterior à visita ao acervo, de um espaço para receber ações de extensão, educação em saúde ou ensino promovidas por projetos e ligas acadêmicas. Este momento propicia o contato inicial do público com temas relevantes da saúde, como as doenças sexualmente transmissíveis e a importância das vacinas, por meio de atividades educativas e interativas, que funcionam como uma antessala para a dessensibilização do público antes do contato direto, no museu, com peças anatômicas reais. O projeto também visa educar acerca da importância do conhecimento anatômico para a emancipação, enquanto conceito freiriano, para compreensão do funcionamento do corpo, educação em saúde e prevenção de doenças através da educação.

Além disso, ao final da visita é ofertado o preenchimento de um questionário de pesquisa de satisfação, com perguntas relacionadas à qualidade e ao aproveitamento das atividades de acolhimento e da visita. Os dados coletados por meio de uma pesquisa de satisfação, buscam não somente avaliar as atividades desenvolvidas ao longo do acolhimento, mas também durante toda a visita, em conjunto, e além disso, orientam a continuidade e o aprimoramento da prática, que também pode servir de modelo para outras instituições com acervos sensíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2023 e 2024 foram recebidos aproximadamente 14.000 visitantes, sendo a maioria do público oriundo de escolas públicas do Rio Grande do Sul. No mesmo período, 3089 visitantes responderam à pesquisa de satisfação, o que corresponde a 22% do total de visitantes.

De todos esses visitantes, 90% classificou a atividade de acolhimento como “muito boa” ou “boa”, sendo que 2660 dos questionários respondidos indicaram que a atividade vivenciada proporcionou a aquisição de um novo conhecimento da área da

saúde. Além disso, aproximadamente 2500 alunos (80%) dizem ter adquirido algum conhecimento que ajudará na escola, assim como mais de 2000 (65%) se sentiu motivado a ingressar no Ensino Superior após a visita e a participação na atividade de acolhimento.

Essas ações de acolhimento visam fortalecer a integração entre universidade e sociedade, aliando o acervo anatômico do museu de anatomia ao protagonismo discente e à educação em saúde. Neste contexto, a criação de um espaço permanente de educação em saúde no circuito de visita do museu representa um avanço na consolidação de um modelo educativo dialógico, acessível e transformador, em sintonia com as necessidades contemporâneas da sociedade brasileira, como a urgência do combate às desinformações na área da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Acolhimento demonstrou ser uma estratégia eficaz no contexto museal universitário. Além de qualificar a experiência do visitante, contribui para a formação cidadã dos estudantes da graduação e reforça o compromisso social da universidade pública. Ao transformar o encontro com o acervo em um momento de diálogo e reflexão, o acolhimento reafirma o museu como espaço educativo, acessível e plural. Assim, a atuação neste espaço busca potencializar a experiência dos visitantes, oferecendo ações interativas, oficinas, palestras curtas, jogos pedagógicos e outros recursos que aproximem os saberes da saúde das realidades da população.

PALAVRAS-CHAVE

Educação museal. Acolhimento. Anatomia humana. Museus universitários.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão da UFCSPA pelo apoio continuado à nossa iniciativa. Agradecemos também aos doadores de corpos e seus familiares pelo gesto inestimável que viabiliza a nossa ação e aos visitantes que compartilham suas experiências conosco.

REFERÊNCIA

LUCAS, B. L.; ROCHA, A. Gap analysis and perspectives on body donation programs: experience report in Brazil. *Rev. bras. education. med*, Brasília, v. 47, n. 3, e (102), 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v47.3-2022-0375.ING>. Acesso em: 21 de maio de 2025

Ferramentas para a Educação Museal: Oficinas, atividades e materiais dialógicos e sua aplicabilidade no contexto de um museu de Anatomia

Morgana Silveira Bartz (UFCSPA) - morgana.bartz@ufcspa.edu.br
Pedro Hernandez Lopes(UFCSPA) - pedro.lopes@ufcspa.edu.br
Mathias Parussolo Boniati (UFCSPA) - mathias.boniati@ufcspa.edu.br
Ana Paula da Silva (UFCSPA) - paulabio@ufcspa.edu.br
Andrea Oxley da Rocha (UFCSPA)- oxley@ufcspa.edu.br

INTRODUÇÃO

O Museu de Anatomia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) é um projeto de extensão universitária que promove exposições voltadas à conscientização em saúde, compartilhando com o público visitante conhecimentos não apenas sobre anatomia e morfologia, mas também com o propósito de educar sobre o corpo humano de forma ampla. As peças do acervo são provenientes do Programa de Doação de Corpos da UFCSPA, reconhecido como referência nacional, com um número expressivo de doadores cadastrados.

Desde 2024, tornou-se protocolo a prática de atividades de acolhimento que antecedem as visitas ao Museu de Anatomia. As atividades, compostas por oficinas, jogos e rodas de conversas, visam contar aos visitantes a história do museu assim como endereçar temas de desinformação na área da saúde. Para a maioria dos visitantes, o museu representa o primeiro contato com cadáveres reais — uma experiência que pode provocar medo, ansiedade ou resistência. A etapa de acolhimento busca desensibilizar os visitantes por meio de estratégias educativas, emocionais e sensoriais, promovendo uma aproximação ética e respeitosa com o corpo humano. A concepção expositiva adotada pelo museu busca integrar conteúdos científicos com experiências sensoriais e afetivas, considerando o papel ativo do público na construção do conhecimento. Como destaca Cury (2006), uma exposição eficaz deve articular seus elementos formais e conceituais de modo a favorecer a compreensão e a apropriação dos conteúdos pelos visitantes, respeitando seus saberes prévios e promovendo uma mediação dialógica entre o objeto, o espaço e o público.

Com o intuito de ampliar o impacto dessas ações, diversas ligas acadêmicas e projetos institucionais foram convidados a colaborar na elaboração das atividades de acolhimento para os grupos com visita agendada ao museu. O presente manuscrito tem como objetivo compartilhar as experiências de aplicação dessas atividades, bem como apresentar os materiais produzidos nos encontros dialógicos.

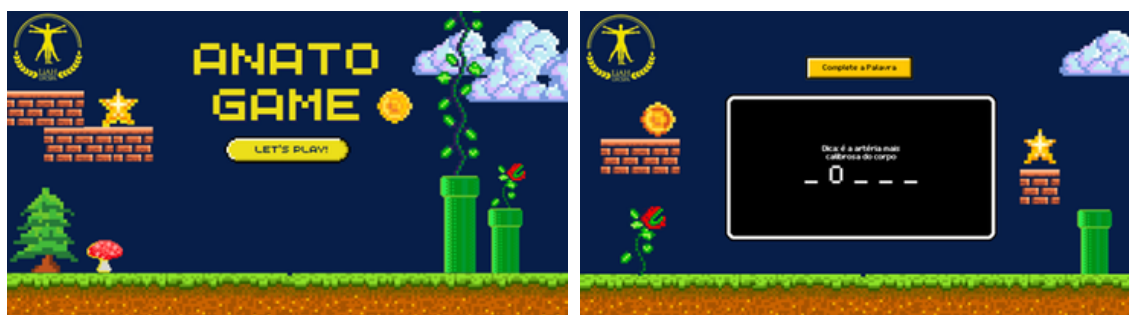
MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades são pensadas em conjunto com as escolas visitantes, visando responder dúvidas comuns na área da saúde, combater a desinformação no campo da ciência e exemplificar como o conhecimento anatômico pode reverter em cuidados com a saúde e prevenir doenças. As oficinas são planejadas considerando as necessidades e características do público visitante agendado, com o objetivo de construir um conhecimento relevante e contextualizado, alinhado à proposta freireana de educação problematizadora e não bancária (FREIRE, 1996). As atividades são planejadas e adequadas para cada faixa etária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a institucionalização do projeto de acolhimento, no final de 2024, foram desenvolvidas atividades em parceria com a Liga Acadêmica de Anatomia Humana da UFCSPA (LiAH), a disciplina de Doação de Órgãos e Transplantes e o Núcleo UFCSPA do Projeto Rondon.

A Liga Acadêmica de Anatomia Humana elaborou um jogo interativo com 3 modalidades: Curiosidades Anatômicas, em que os alunos votam se informações surpreendentes acerca da anatomia são verdadeiras ou falsas, seguido de explicações acerca dos fenômenos discutidos; Encontre a Estrutura, onde os alunos são convidados a apontarem onde em seus corpos residem os ossos mostrados; e por fim, Complete a Palavra, um jogo de forca com temática anatômica.



Figuras 1A e 1B. Demonstram a atividade de videogame interativo, uma das atividades criadas para o acolhimento para conscientização acerca da anatomia humana produzida em parceria com a Liga de Anatomia Humana da UFCSPA (LiAH). O jogo já foi aplicado a pedido de mais de 10 turmas de número variado de alunos.

A disciplina de transplantes e doação de órgãos, elaborou um jogo no modelo de quiz para conscientização acerca de concepções errôneas que permeiam a temática, como quais os aspectos necessários se analisar para a compatibilidade de um órgão, como funciona a fila de transplantes no país e quais órgãos são passíveis de doação em vida.

O Núcleo da UFCSPA do Projeto Rondon, que conta com atuação nacional, levando atividades de educação em saúde para todos os lugares do Brasil, desenvolveu uma atividade utilizando como base o jogo “Jenga”. Nela as perspectivas dos alunos em relação ao futuro foram trabalhadas, levando em conta a importância do indivíduo ser protagonista de sua própria história e como aproveitar os recursos existentes, como a universidade federal, são fundamentais nessa trajetória.



Figura 2. Atividade de acolhimento produzida pelos alunos da disciplina de Transplante de órgãos, para aplicação no museu. A atividade já foi aplicada juntamente com duas turmas de 100 alunos. Figura 3. Atividade de acolhimento produzida pelo projeto Rondon, envolveu uma roda de conversa, gincana e explicação acerca da entrada no ensino superior bem como o funcionamento das atividades extensionistas

Foram coletados dados juntamente às ligas e projetos participantes, bem como com os guias do museu, para avaliação das atividades e oficinas conduzidas, com intuito de avaliar a impressão de engajamento dos participantes e para obtenção de sugestões para melhora das atividades. Os dois jogos produzidos foram amplamente aceitos pelas turmas, e na totalidade das aplicações os ligantes relataram alto engajamento do público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A institucionalização de um projeto que, por 12 anos, foi desenvolvido informalmente na instituição conferiu maior visibilidade à iniciativa e nos possibilitou a construção de parcerias entre o museu e membros da comunidade docente e discente para a produção de materiais dialógicos para aplicação como ferramenta de educação museal.

PALAVRAS-CHAVE

Educação museal. Acolhimento. Anatomia humana. Museus universitários.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão da UFCSPA pelo apoio continuado à nossa iniciativa, assim como agradecemos a Liga de Anatomia Humana da UFCSPA (LiAH) e

o Núcleo da UFCSPA do Projeto Rondon pela participação. Também agradecemos aos doadores de corpos e seus familiares pelo gesto inestimável que viabiliza o projeto do nosso museu.

REFERÊNCIAS

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume. 2006

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Questão Racial e Mediação Cultural: Perspectivas Museais entre dois Museus Universitários (Brasil-Argentina)

Antônio Marcos de Oliveira Passos (UFBA) - antonio.passos@ufba.br

INTRODUÇÃO

Em 2023, em diálogo com as direções do Museu de Arte Sacra, da Universidade Federal da Bahia e do Museu Etnográfico Juan B. Ambrosetti da Universidade de Buenos Aires, foi enviado o projeto Intercâmbio Profissional via Mediação Decolonial em Museus Brasil-Argentina para seleção no Programa de Bolsa de Capacitação Ibermuseus. Proposta voltada para mediação cultural com recorte na questão racial. Após tratativas nos meses finais de 2023 o projeto obteve aprovação.

No período de 2024 foi realizando a Observação Participante junto a equipe de mediação do Museu Ambrosetti. Debruçamos sobre a Exposição Entre Exotismo y El Progreso no museu argentino, que desencadeou aprofundamento da questão racial. Fato que amplificou reflexões sobre o trabalho de mediação no Museu de Arte Sacra da UFBA.

A questão problema da pesquisa se configurou: Por que trazer a questão racial para pensar a educação, os museus e os processos educativos? A inquietude dos anos de trabalho nos museus trouxe sempre a questão de invisibilidade, apagamento e ou des-humanidade da ancestralidade negra e indígena, mesmo residindo na cidade do Salvador, cidade mais negra fora do continente africano. Estar nesses museus, trabalhar na exaltação da cultura material dos povos colonizadores, sempre pareceu uma perversão de valores, perversão da ética e perversão da moral.

Logo, a pesquisa, que prossegui no pós-doc, preocupava-se com a questão racial e a mediação, possibilitando a ambos museus oxigenar suas perspectivas e ampliar seu raio reflexão em sociedades afetadas pelo colonialismo e colonialidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

O Plano de Trabalho desse projeto se concentrou na Observação participante. Para tanto foram estabelecidos: reuniões com os integrantes do Serviço Educativo do Museu Ambrosetti; Uso de questionário para observações individuais com os profissionais desse setor; acompanhamento das visitas de diferentes grupos de

usuários do museu; entrevistas individualizadas; reunião entre as equipes dos serviços educativos dos dois museus (Ambrosetti e Arte Sacra da UFBA), realizada na modalidade remota – on-line - para traçar futuras parcerias entre esses dois museus universitários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Aprimoramento de processos de ações de mediação em museus com e junto aos diferentes públicos, especialmente das periferias de Salvador;
- Intercâmbio formal entre esses dois museus fortalecendo suas práxis museais (Em Processo);
- Fomento de produção científica no formato paper e/ou artigo sobre experiência do Estágio Técnico no Museu da Universidade de Buenos Aires (Realizado);
- Reprodução dos conteúdos desse estágio técnico por meio de oficina junto a Equipe do Museu de Arte Sacra e sociedade local (Realizado);
- Participação e publicação dos resultados em congressos, colóquios, seminários nacionais e internacionais (Realizado nacional e internacional);
- Ampliação desse projeto e plano de trabalho a partir do pós-doutoramento em universidade brasileira (a ser realizado em 2025);
- Fortalecimento do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão dentro do fazer educativo do Museu de Arte Sacra da UFBA.

Ao concentrar a questão racial como motor de articulação para pensar a educação em/nos Museus, possibilita-nos oxigenar a existência do museu enquanto instituição, lugar e espaço na sociedade brasileira cada vez mais plural e atenta às precariedades econômicas para algumas áreas e altos investimentos financeiros nas áreas que beneficiam aqueles que sempre tem e querem mais: a branquitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse giro que estabelece uma outra posição política e epistemológica, via questão racial, amplifica expectativas para uma outra ética de produção de processos educativos em/nos museu, que devem buscar serem cada vez mais brasileiros.

Giro e girar que propiciam fundamental abandono das paralisantes posições da colonialidade, onde a cegueira e irracionalidade fazem morada. Entretanto, tudo isso exigirá coragem política, construção de uma nova ética, projeto sistemático que incluam as heranças das populações odiadas até esse momento, e que permanecem em suas lidas por esse imenso Brasil.

Nessa condição, apostamos no Museu-Inquietude, nascido na crítica à racialidade e ao racismo, que estabelecem força motriz para repensar as instituições, os agentes históricos, as precariedades sociais e econômicas, via as necessidades das populações subalternizadas.

Inquietude que busca quebrar as colonialidades nos museus instituídos, chamando esses a repensar e incluir outras narrativas dos que permaneceram apagados, silenciados e excluídos dos processos de escolha das temáticas, exposições, ações educativas e gerência dos museus.

PALAVRAS-CHAVE

Questão Racial. Museus. Branquitude. Colonialidades.

AGRADECIMENTOS

Programa de Bolsas Ibermuseus de Capacitação

Museu Juan Bautista Ambrosetti

Museu de Arte Sacra - UFBA

REFERÊNCIAS

BENTO, M. A. S. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, M. A. S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PEGORARO, A. S.; BERÓN, M. A. El Patrimonio del Museo Etnográfico Juan B. Ambrosetti de la Universidad de Buenos Aires – Argentina: Actividades y Reflexiones em um Museu Universitario em el marco de la inclusión. Revista CPC, São Paulo, v.16, n.32, p.144-169, jul./dez. 2021.

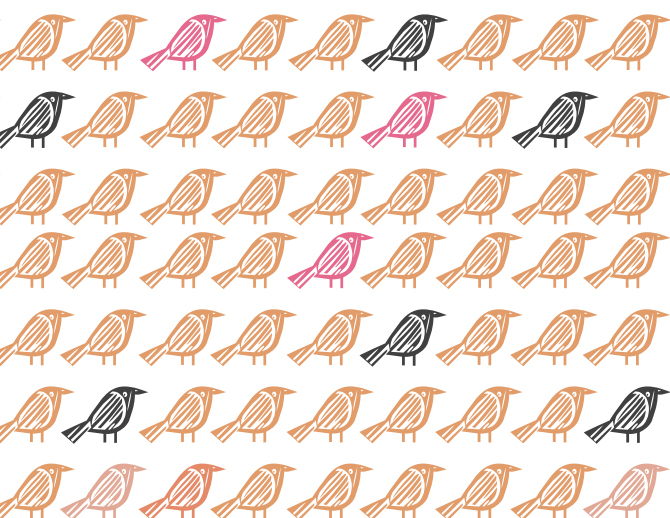
PASSOS, A. M. O. A. A Inquietude da questão racial: para uma outra educação e um outro Museu. In: OLIVEIRA, J. C. de (org.). Patrimônio, Culturas e Memória. Rio de Janeiro: Autografa, 2025. No prelo.

SODRÉ, M. O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

GALVÃO, S. A. S. et al. EL CONSUMO DE CANGREJO *Ucides cordatus* (LINNAEUS, 1763) EN FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL. In: Boletim Técnico-Científico do CEPNOR, 2010. v. 10, p. 9 - 19.

LIMA, A. R.; FALEIRO, B. T. Coleções biológicas científicas. In: Princípios de sistemática zoológica. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. p. 69-77.

SOARES, M. O.; RABELO, E. F. PRIMEIRO REGISTRO DE BRANQUEAMENTO DE CORAIS NO LITORAL DO CEARÁ (NE, BRASIL): INDICADOR DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS?. In: São Paulo, UNESP, Geociências, 2014. v.33, p. 1-10.



SALA 5

CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ACERVOS

Mediador
Amanda Aline Pinheiro (UFC)

Bolsista
Nathan de Brito Leitão

Avaliador dos trabalhos indicados à premiação
Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (FUNDAJ)

A área de Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural é interdisciplinar e com diversas abordagens, diversos como os suportes em que a cultura está estampada. Como Lisa Fox bem apresentou o conceito guarda-chuva para Preservação sendo todas as ações de salvaguarda dos acervos, bem como pesquisa, divulgação, organização, higienização, acondicionamento, inventário e acesso sendo alguns exemplos.

Continuo na diversidade ao relatar a mediação das apresentações dos trabalhos ocorridos na sala 5: Conservação e restauro de acervo, do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários - FPMU, nos dias 25 a 29 de Agosto de 2025 em Fortaleza - Ceará. No total foram onze apresentações no decorrer do dia, com estudantes e profissionais de diferentes regiões e instituições do país e como o conhecimento é uma construção coletiva, realizamos muitas contribuições e partilhas durante os blocos de discussões, momentos tão necessários para a área de conservação e restauração.

Entre uma coleção de formigas *Solenopsis*, o acervo de memória do curso de odontologia, trabalhos de gestão como elaboração de cartilhas, gerenciamento de riscos e levantamento de dados dos acervos de ciência e tecnologia, uma enorme coleção de exsicatas, acervos de plumária e artefatos dos povos originários, reorganização de reserva técnica, digitalização de filmes fotográficos, diagnóstico e tratamento de uma coleção de cerâmica atingida por um incêndio, podemos dizer com toda ênfase possível, foi um momento de satisfação e muito aprendizado ver todos esses trabalhos e deixo o meu muito obrigada pela oportunidade.



Apresentações de comunicação oral, na sala 5 pela manhã, sobre Conservação e Restauro de Acervos - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 5 pela manhã, sobre Conservação e Restauro de Acervos - Fotógrafo: Flávio Almeida

Revitalização da Infraestrutura de Guarda das Coleções do CEDOC-FaE Pela Rede de Museus-UFMG

Ana Beatriz Silva Vieira (UFMG) - anabsv.if@gmail.com

Emily Maria Bianchi Rossi (UFMG) - emilym.bianchirossi@gmail.com

Marcello Guimarães Rodrigues da Cunha (UFMG) - marcellogus@yahoo.com.br

Daniel Vitor Pereira de Siqueira (UFMG) - dvtor1414@gmail.com

Ryan de Araújo Freitas (UFMG) - ryanfreitassf@gmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo pesquisas realizadas pelo ICCROM-UNESCO, 90% das coleções de museus, centros de memória e outras instituições de guarda estão armazenados, enquanto 60% desses acervos estão em risco, ou seja, são vulneráveis aos 10 agentes de deterioração, em decorrência de inadequações em suas reservas técnicas (2011). Essa problemática instigou o projeto de "Diagnóstico de Gestão de Riscos" (2021/22) desenvolvido pela Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, com o objetivo de analisar as condições de armazenamento dos acervos pertencentes aos espaços científico-culturais da universidade. Em 2022, com subsídios do CNPq, o Centro de Pesquisa, Memória e Documentação da Faculdade de Educação (CEDOC-FaE), um dos espaços avaliado por meio desse diagnóstico, desenvolveu um projeto de revitalização de sua infraestrutura. Além desses recursos, entre 2024 e 2025, recursos da Fapemig e da PROEX-UFMG permitiram a contratação de bolsistas formados e em formação para a implantação do projeto. A importância do CEDOC-FaE decorre da memória consubstancializada no acervo acadêmico e científico sob sua guarda. Este relato de experiência abarca o período de 2023 a 2025, quando oito alunos vinculados à disciplina "Vivência Profissional", ofertado pelo Curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG, acompanharam o projeto, por meio do desenvolvimento de metodologias de documentação e acondicionamento do acervo, a partir da área de Conservação Preventiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada neste projeto foi fundamentada nos princípios da Ciência da Conservação, com ênfase na Conservação Preventiva. As ações foram orientadas por três eixos principais: Diagnóstico de Conservação, Documentação de Acervo e Acondicionamento, com o objetivo de apoiar a movimentação do acervo e minimizar riscos relacionados a impactos físicos e à dissociação de documentos. Para garantir a execução adequada das atividades, a equipe envolvida recebeu capacitação

específica, incluindo cursos de acondicionamento de documentos e objetos musealizados, principalmente em relação aos objetos tridimensionais diferenciados da coleção; treinamento para operação da mesa de higienização; e treinamento na plataforma documental Atom, para posterior catalogação das caixas e itens da coleção. A equipe também participou do acompanhamento da montagem do mobiliário, realizando o registro fotográfico de todas as etapas utilizando uma câmera Nikon D7500 e celulares. As atividades desenvolvidas foram sistematicamente documentadas em planilhas Excel, relatórios no Microsoft Word e pastas no Google Drive, com acesso restrito à equipe do projeto. Os materiais e equipamentos empregados nas atividades incluíram: Equipamentos de Proteção Individual (EPI's); ferramentas, como trinchas, espátula, bisturi, tesoura, estilete e réguas de metal; materiais de acondicionamento, como caixas de polionda, papel filifold (gramaturas de 120g/m², 200g/m² e 300g/m²), filme de acetato, ethafoam, papel corrugado cinza, tyvek, fita adesiva livre de ácidos, ilhoses, linha para costura e máquina de costura portátil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acervo contemplado pelo projeto foi devidamente higienizado, e agora encontra-se armazenado em embalagens adequadas. A Reserva Técnica recebeu a instalação de estantes deslizantes e um trainel, permitindo a acomodação dos acervos higienizados pelos bolsistas, além de disponibilizar um grande espaço para a guarda de novas aquisições. Dois outros resultados decorrem dessas ações: a produção do "Plano Estratégico do CEDOC-FaE", compatível com os modelos de Plano Museológico; e a projeção de elaboração do Plano de Valoração e do Protocolo de Gestão de Risco de Incêndio, planejado como ação futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência, feito pelos alunos e pela equipe técnica do CEDOC-FaE, significa muito mais do que a apresentação da proposta de readequação da infraestrutura de guarda do acervo institucional, mas o processo de aprendizagem decorrente da experiência junto à disciplina de Vivência Profissional, a compreensão dos critérios da área da Conservação Preventiva para a preservação de acervos, o trabalho interdisciplinar que envolve essas ações e a importância de protocolos de gestão para coleções documentais, científicas e de memória das universidades, alocadas em centros especializados. O mobiliário instalado otimizou o espaço da Reserva, que agora tem uma capacidade de armazenamento superior; e a catalogação dos bens realocados possibilitou o controle e a pesquisa em um acervo que antes não se tinha acesso. Ademais, a conservação dos documentos e objetos

tridimensionais foi garantida através de embalagens adequadas e em perfeito estado; e da realocação do acervo de um container, em condições completamente impróprias para a guarda, para um ambiente limpo, bem climatizado e com maiores medidas de segurança. Desta maneira, podemos concluir que os objetivos traçados pelo projeto Rede de Museus para o CEDOC-FAE foram devidamente cumpridos, além da experiência técnica, científica e profissional que a equipe de alunos do Curso de Conservação obteve ao longo de dois anos de trabalho junto a este acervo.

PALAVRAS-CHAVE

Coleções Universitárias; Reserva técnica; Diagnóstico de gestão de risco; Acondicionamento; Conservação e Restauração; Conservação Preventiva; Rede de Museus.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio do projeto “Desenvolvimento de Protocolos para Revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas”, contemplado pelo Edital FAPEMIG 012/2023 e do programa de bolsas de extensão da Rede de Museus-PROEX-UFMG. Sua realização contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradecemos, ainda, à equipe da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, bem como ao CEDOC-FAE, pelo suporte e colaboração ao longo do desenvolvimento do projeto.

REFERÊNCIAS

FRONER, Yacy-Ara. Projeto Revitalização da Infraestrutura Expográfica e de Guarda das Coleções dos Espaços de Ciência e Cultura da Rede de Museus-UFMG, DF: CNPQ, 2022.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO - REDE MUSEUS. Laudo Técnico Diagnóstico do Centro de Pesquisa, Memória e Documentação da Faculdade de Educação (CEDOC-FaE). Belo Horizonte: REDE-UFMG, 2022/23.

SOUZA, et ali. Tópicos em Conservação Preventiva (Vol. 1 a 10). Belo Horizonte: DEMU/IPHAN/UFMG, 2008.

Bem te vi: plumária, patrimônio universitário e sua preservação em rede

Aimée de Oliveira Fonseca (UFPA) aimee.oliveira.f@gmail.com
Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA) jessicatarine@ufpa.br

INTRODUÇÃO

A compreensão dos acervos universitários como patrimônio ainda está em construção no Brasil, ganhando destaque e favorecendo seu reconhecimento, conforme Lima e Coelho (2025). Esse avanço impacta a gestão e preservação desses bens, alterando sua administração institucional. As universidades conservam acervos variados, desempenhando papel central na continuidade do patrimônio cultural (Lima; Coelho, 2025). Apesar do valor cultural, científico e simbólico, muitas coleções permanecem à margem das políticas institucionais, devido à alta demanda e falta de estratégias específicas.

Entre esses bens, destaca-se a plumária, composta por objetos feitos com plumas e penas (Motta, 2006). Trata-se de um patrimônio complexo que exige cuidado especializado, reconhecimento institucional e articulação entre saberes. O problema investigado é o déficit de reconhecimento, pesquisa e ações sobre essa tipologia, especialmente no contexto universitário amazônico e nacional. Sua preservação vai além da técnica, configurando-se como responsabilidade cultural e histórica (Fonseca, 2025a), exigindo soluções práticas diante dos desafios ambientais e metodologias eficazes (Fonseca, 2025b).

Destaca-se a coleção etnográfica indígena do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF), vinculado ao curso de Antropologia da UFPA. Formada desde a década de 1960, reúne mais de 700 bens de doze grupos indígenas, entre adornos, cestos, utensílios, bordunas e flechas, principalmente doados por Arthur Napoleão Figueiredo e colaboradores. Frente aos desgastes causados pelo clima amazônico, ações de conservação ocorrem em parceria com a Rede de Coleções e Museus da UFPA.

A Rede fortalece a gestão dos acervos por meio de articulação institucional, comunicação (site, Instagram, podcast) e escutas via questionário. Embora esses dados tenham sido usados no diagnóstico de Lima et al. (2023) e ajudado na formulação de estratégias, não há registro de publicação oficial até o momento. Este estudo analisa a plumária no contexto universitário, a partir da coleção do LAANF, do patrimônio universitário e do papel da Rede, com ênfase em articulação, escuta institucional e comunicação.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa utilizou metodologias bibliográfica e ex-post-facto. A bibliográfica analisou obras consolidadas sobre patrimônio universitário e conservação de plumária. A ex-post-facto investigou a relação entre a falta de políticas institucionais e as fragilidades das coleções, com base em dados de situações já ocorridas, sem manipulação das variáveis (Fonseca, 2002). Foram observadas ausências de planos museológicos, regimentos internos e políticas de aquisição, descarte e uso para pesquisa, dificultando o controle e evidenciando carências estruturais (Lima et al., 2023).

O levantamento considerou autores como Ribeiro (2013), Lima e Coelho (2025) e Fonseca (2025), abordando diversidade patrimonial e desafios da conservação. Também analisou as ações da Rede, focando na articulação e valorização dos acervos.

Na análise documental, foram usados relatórios e laudos institucionais, incluindo o questionário de Lima et al. (2023), baseado em projetos similares. O instrumento abordou gestão, preservação, documentação, perfil dos responsáveis, políticas e comunicação, reunindo dados qualitativos e quantitativos. Embora eu não tenha participado da elaboração ou aplicação, a análise desse questionário contribuiu para entender a realidade das coleções universitárias.

Como voluntária nas movimentações do acervo do LAANF analisei o estado físico dos bens, condições de guarda e métodos de acondicionamento, baseadas nos parâmetros de Pearlstein (2018), que destacam a identificação de riscos físicos e ambientais, especialmente em acervos majoritariamente orgânicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Rede fortalece a gestão dos acervos por meio de articulação institucional, comunicação (site, Instagram, podcast) e escuta com gestores via questionário, avançando no reconhecimento e valorização do patrimônio universitário. Segundo Ribeiro (2013), esse patrimônio inclui bens materiais e imateriais ligados à vida acadêmica, cuja gestão e conservação demandam políticas claras e registros sistematizados — ainda desafios para muitas instituições.

A predominância de materiais orgânicos torna preocupante a ação de agentes biológicos, especialmente em ambientes amazônicos com temperatura e umidade instáveis (Lima et al., 2023). Danos visíveis e fragilidade estrutural foram constatados

em alguns bens. Contudo, acondicionamentos feitos por equipes anteriores têm minimizado desgastes mais agressivos em itens com plumagem, ao evitar exposição direta à luz e umidade, cruciais para a preservação desses bens sensíveis.

Neste cenário em desenvolvimento, a plumária destaca-se pela sensibilidade material e vínculo com contextos étnico-culturais. Sua preservação exige reconhecer procedência, historicidade e simbolismo, reafirmando a universidade como guardiã de saberes e memória cultural. O TCC “Conservação e diagnóstico de plumárias: estudo e reflexões sobre o ambiente amazônico” integra esse esforço, propondo reflexões práticas e teóricas que consideram desafios ambientais, culturais e institucionais da conservação da plumária no contexto universitário e amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que, apesar do valor simbólico e cultural da plumária, sua conservação e reconhecimento institucional ainda enfrentam desafios. Os objetivos foram alcançados ao apresentar a coleção do LAANF, contextualizar a plumária como patrimônio universitário e destacar o papel da Rede de Coleções e Museus da UFPA nas estratégias de preservação. Os resultados apontam para a necessidade de políticas mais robustas e práticas interdisciplinares que integrem saberes técnicos e tradicionais. O fortalecimento da Rede, o incentivo à pesquisa aplicada e a escuta institucional contínua são essenciais para conservar e valorizar esses bens no contexto amazônico, reafirmando a função das universidades na preservação da memória e da diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Plumária; patrimônio universitário; Rede de Coleções e Museus da UFPA.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão à Universidade Federal do Pará, ao Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo e sua equipe, e aos membros da Rede de Coleções e Museus da UFPA pelo apoio e colaboração para a elaboração desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Aimée de Oliveira; LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. Conservação de plumárias: estudo e reflexões sobre o ambiente amazônico. In: FÓRUM DE ARQUEOLOGIA E TURISMO NA AMAZÔNIA, 3., 2024, Belém. [...]. Belém-Pará: Núcleo

de Altos Estudos Amazônicos, 2025 b. 111 p.v.1.Disponível em: www.naea.ufpa.br/index.php/livros-publicacoes/515-978-85-7143-241-3. Acesso em: 30 jul. 2025.

FONSECA, Aimée de Oliveira; LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. Conservação e diagnóstico de Plumárias: estudo e reflexões sobre o ambiente Amazônico. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. 2025 a. Acesso em: 01 jul. 2025.

FONSECA, João José Saraiva. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC. 2002. Apostila. Disponível em: www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf. Acesso em: 01 jul. 2025.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; COELHO, Yasmin Corrêa. Rede de Coleções e Museus Universitários: Uma Experiência na Amazônia Paraense. *Arteriais - Revista do Programa de Pós Graduação em Artes*, [S.l.], p. 21-36, abr. 2025. ISSN 2446-5356. Disponível em: periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/17687. Acesso em: 01 jul. 2025.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; GOMES, Diene Araújo; LOPES, Camila Millena Pereira; CORREA, Yasmin. Diagnóstico inicial da Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia. UFPA. Belém. 2023. Disponível em: https://rededecolecoes.ufpa.br/?page_id=838. Acesso em: 20 jul. 2025.

MOTTA, Dilza da Fonseca. Tesouro de Cultura Material dos índios no Brasil. Museu do Índio. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/livros-e-publicacoes/outras-series/arquivos/TesourodeCulturaMaterialdosndiosnoBrasil.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

PEARLSTEIN, Ellen. Feathers On and Off the Bird: Documenting and Caring for Featherwork. University of CA-Los Angeles. Connecting to Collections Care, 2018. Disponível em: <https://connectingtocollections.org/caring-for-feathers/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Rio de Janeiro, v.11, n.4, p. 88-102, 2013. Disponível em: doi.org/10.26512/museologia.v2i4.16366. Acesso em: 01 jul. 2025.

Museus universitários do Brasil e os efeitos da Pandemia de COVID-19

Marcus Granato, D.Sc., Museu de Astronomia e Ciências Afins
Lúcia Glicério Mendonça, D.Sc., Museu de Astronomia e Ciências Afins
Zenilda Ferreira Brasil, D.Sc., Museu de Astronomia e Ciências Afins

INTRODUÇÃO

O projeto "Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro", de que esta pesquisa faz parte, originou-se de uma investigação do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) concluída em 2009^[1], focada em objetos de Ciência & Tecnologia (C&T) como fontes documentais e objetivou ampliar o conhecimento sobre objetos de C&T no Brasil, auxiliando na sua preservação e na contribuição a estudos teóricos. Em 2010, outra pesquisa constatou que muitos acervos de C&T estão sob a guarda de universidades, muitas vezes, em museus ou sob a guarda de profissionais interessados sobre o assunto. Em 2019, iniciou-se uma parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, da Universidade de Lisboa, para investigar as relações entre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia (PCC&T) e os museus universitários no Brasil. No mesmo ano, um levantamento preliminar identificou 415 instituições universitárias com museus que preservam o PCC&T, constituindo-se em um retrato da realidade dos espaços museológicos rastreáveis online, hoje disponível no mapa interativo "Museus Universitários do Brasil"^[2], hospedado na página do MAST.^[3]

Em 26 de fevereiro de 2020, ou seja, durante a vigência do projeto, foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a Pandemia de COVID-19, afetando a todos, inclusive às universidades e seus museus, levando ao projeto "Museus universitários e os efeitos da pandemia de COVID-19", que visa atualizar dados sobre a situação dos museus universitários pós-pandemia, especialmente aqueles que preservam o PCC&T.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste projeto, delimitou-se as áreas de conhecimento que estariam relacionados os objetos às Ciências Exatas e da Terra e às Engenharias e o período histórico de sua fabricação de até a década de 1960. Este recorte a linha

^[1]"Objetos de Ciência e Tecnologia como Fontes Documentais para a História das Ciências", com início em 2003 e finalizado em 2009.

^[2]Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/44e9e5e0-0c20-4bd0-936a-3ab0e14900a1>.

^[3]Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br>.

com os estudos e a preservação dos acervos do MAST. Diante do universo de museus de ciência e tecnologia, inseridos nas universidades brasileiras (públicas e privadas), buscou-se identificar neste cenário os objetos de C&T e, principalmente, como esses museus passaram pelo período da pandemia de COVID-19.

Realizou-se levantamentos preliminares nos sítios oficiais das universidades na internet, para identificação dos museus, pesquisas nas redes sociais dos perfis dos referidos museus e localização de contatos telefônicos. O site do Cadastro Nacional de Museus (MuseusBr)^[4] e o “Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e Caribe” (Massarani et al., 2023) também foram consultados. Os museus sem endereços constantes nos levantamentos anteriores foram priorizados, para completar suas informações de contato. Um questionário com treze perguntas foi elaborado e utilizado para as entrevistas, abordando informações sobre a criação dos museus; a formação de suas coleções e, principalmente, como esses museus enfrentaram o período pandêmico e como solucionaram os problemas surgidos. Considerou-se o levantamento produzido em pesquisa prévia de 21 museus virtuais e 418 museus presenciais, sendo que 113 deles detinham acervos de C&T. Ao refinar o recorte da amostra quanto às informações, o quantitativo baixou para 97, retirando os centros de ciências sem objetos históricos de C&T. As entrevistas foram realizadas presencialmente, por videoconferência ou telefone. Os dados coletados estão sendo inseridos no Registro de Museu Universitário Brasileiros (RMUB), uma base de dados criada para tratamento das informações das entrevistas.^[5]

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, 41 museus universitários responderam às entrevistas. Durante visitas técnicas, limitadas às cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, foram realizadas 12 entrevistas presenciais. As demais entrevistas foram realizadas por videoconferência ou telefone, abrangendo todas as regiões do país. O mapa interativo “Museus Universitários do Brasil” está sendo atualizado com museus não inseridos até então. A Pandemia de COVID-19 impactou significativamente os museus universitários de ciência e tecnologia no Brasil. Com base nos dados de 32 museus até agora inseridos RMUB, foi possível quantificar algumas tendências parciais, tais como: 62% dos museus fecharam totalmente durante os períodos mais críticos; houve migração para atividades virtuais em 38% dos museus, com adoção das seguintes estratégias digitais: visitas virtuais (9,8%), cursos online (28,1%) e redes sociais (78%); em 18,8% dos museus houve aumento no engajamento de usuários nas redes sociais, melhorando a visibilidade destes museus no ambiente online.

[4] Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/> .

[5]Elaborado no MAST.

Entretanto, 22% não têm redes sociais. Quanto à gestão das coleções durante o período de afastamento físico: 43,8% não conseguiram realizar as atividades, 31,3% realizaram limpeza básica e controle ambiental (umidade); 25,0% conseguiram digitalizar e/ou realizar inventário. A degradação do acervo foi relatada por 25,0% (cupins/umidade). Esses resultados são ainda parciais e preliminares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia evidenciou desafios estruturais nos museus universitários de C&T, mas também acelerou a adoção do uso de ferramentas de internet. Quanto às dificuldades, todos sofreram algum tipo de diminuição das equipes. Há rotatividade dos estudantes por fim de vigência de bolsas e programas, formatura ou desistência. Docentes e servidores saíram por motivo de aposentadoria, afastamento por motivos de saúde ou mudança de objetivos acadêmicos. Há desafios para a realização desta pesquisa: a dificuldade de se contactar com as equipes dos museus por e-mail e telefone tem sido frequente. Em algumas ocasiões, o envio de mensagens privadas em redes sociais tem sido uma solução para a comunicação com os responsáveis pelos museus ou com as equipes. Essa dificuldade de contato com os museus universitários evidencia a tênue e desigual presença destas instituições nos portais das universidades e outros meios de comunicação (Chalhub & Gauz, 2013; Granato & Ribeiro & Abalada, 2020) e o quanto é difícil manter canais de comunicação eficientes com a comunidade acadêmica e não acadêmica.

REFERÊNCIAS

Chalub, Tania; Gauz, Valeria. 1 Museus nos portais de universidades públicas: navegando pelo sudeste brasileiro. 2 In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, XIV, 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/290488803.pdf> . Acesso em: 02 mai., 2025.

Granato, Marcus; Ribeiro, Emanuela; Abalada, Victor. Comunicação em museus universitários: sobre a presença dos museus virtuais brasileiro na World Wide Web. *Museologia e Interdisciplinaridade*, v.9, n. especial, dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/32041/28187> Acesso em 07 mai., 2025.

Massarani, Luisa; Lima, Mariana de Souza; Patiño-Barba, Ma. Lourdes; Amorim, Luís; Reis, Rodrigo Arantes; Ramalho, Marina (org.) Guia de centros e museus de ciência da América Latina e do Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz-COC, 2023. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Guia-de-Centros-e-Museus-de-Ci%C3%A2ncia-da-Am%C3%A9rica-Latina-e-do-Caribe-2022.pdf. Acesso em: 02 mai., 2025.

Protocolos de gestão de risco para museus e acervos universitários

Gabriela de Lima Gomes (UFOP) - gabi@ufop.edu.br

Yacy-Ara Froner (UFMG) - froner@ufmg.br

Luana Mara Novo Possato (Bolsista Fapemig) - luanamara.possato@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, assistimos a perdas de importantes coleções insubstituíveis em relação ao seu valor intrínseco e ao seu potencial de pesquisa, como resultado de vandalismo, crimes, negligência e desastres naturais. Em 2018, a memória nacional brasileira foi abalada com a destruição das coleções do Museu Nacional/UFRJ. Em 2019, os museus universitários brasileiros receberam do Tribunal de Contas da União (TCU) um relatório apontando os principais problemas encontrados pelas unidades museológicas federais, a saber:

- a) Os museus federais não funcionam como um sistema coordenado e planejado, resultando em discrepâncias de condições de funcionamento a depender da vinculação orgânica do Museu;
- b) 53,8% dos museus federais pesquisados não possuem Plano Museológico instituído, o que prejudica o planejamento de longo prazo dessas instituições, inclusive em relação a questões de segurança as quais deveriam estar concatenadas com o planejamento operacional;
- c) Ausência de normatização e de procedimentos de priorização referentes à segurança patrimonial dos museus federais;
- d) Normas técnicas de segurança dos órgãos fiscalizadores não são adaptadas às necessidades, especificidades e características dos museus federais e de seus acervos;
- e) Deficiências nos sistemas responsáveis pelo controle de bens musealizados, como a não utilização, pelos museus, do Cadastro Brasileiro de Bens Musealizados Desaparecidos e a ausência de sistema cuja base de dados recepcione e integre o Inventário Nacional dos bens culturais musealizados; e
- f) Situação de 'invisibilidade orçamentária' em relação à execução de despesa na maioria dos museus federais diligenciados (Acórdão nº 1243/2019 - Plenário TCU).

O que este relatório do TCU torna exposto? A falta de protocolos antecedentes às perdas poderia minimizar os prejuízos. Neste sentido, este projeto busca sistematizar estratégias de gestão que irão auxiliar, dentre outras coisas, na mitigação de riscos que as coleções e os museus universitários estão submetidos.

O projeto pós-doutoral intitulado Protocolos de gestão de risco em acervos científicos e artísticos em universidades busca realizar, a partir de análise das metodologias existentes, a criação de protocolos específicos de diagnóstico e de plano de conservação preventiva aplicados em museus e coleções universitárias.

MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando as áreas estratégicas das pesquisas no campo do patrimônio cultural e natural, a gestão conservativa de coleções universitárias é fundamental para a compreensão da História da Ciência e da História do Ensino Superior. Coleções científicas são, por excelência, celeiros materiais de investigação, tanto em relação à memória da área que representa, quanto por meio da capacidade instalada no que compete a revisão de teorias ou a proposição de novas pesquisas.

A cidade de Ouro Preto é marcada por expressivas referências culturais do período colonial mineiro e com chancela de Patrimônio Mundial da Humanidade. O município possui 12 museus, sendo que dois deles são museus universitários (MUs) vinculados à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP): Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (MCT/EM) e Museu da Farmácia (MF) da Escola de Farmácia. Tais museus universitários trazem consigo o testemunho do ensino superior dessas duas Escolas, criadas no século XIX, precursoras no país em suas respectivas áreas de atuação. Além dos Museus, as unidades acadêmicas possuem também Coleções e Arquivos caracterizados pelos seus usos didáticos, dando suporte ao ensino e à pesquisa universitária.

Em 2020, a UFOP criou a Rede de Museus e Acervos com o objetivo de fomentar e desenvolver ações integradas entre seus participantes, visando maior reconhecimento, valorização e visibilidade dos acervos pela instituição e pela sociedade. Estão contemplados nesta pesquisa 04 espaços da Rede de Museus e Acervos da UFOP, com tipologias e estruturas organizacionais distintas, são eles: Coleção de Mineralogia do Museu de Ciência e Técnica; Coleção de Fotografias do Museu da Farmácia; Coleção de Zoologia dos Vertebrados do Departamento de Biologia do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas e Arquivo Fotográfico do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura.

Na metodologia de trabalho está previsto identificar e enumerar, nos 04 espaços da Rede de Museus, oportunidades e ameaças do ambiente externo e forças e fraquezas do contexto institucional e do ambiente interno referentes aos riscos de incidência dos seguintes agentes em seus acervos, equipamentos e edificações:

forças físicas, furto, roubo e vandalismo, fogo, água, pragas, poluentes, luz e radiação ultravioleta e infravermelha, temperatura e umidades incorretas e dissociação de acervos (IBERMUSEUS; ICCROM, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa investigação, ainda em desenvolvimento, apresentará resultados que irão fortalecer as ações institucionais diretamente relacionadas à Política de Cultura da UFOP, aos acervos da Rede de Museus Acervos da UFOP e aos Museus Universitários de modo geral. Tanto no que tange a criação de políticas de preservação dos dados, à conservação da materialidade dos acervos e ao planejamento, uso, manutenção e adaptação das edificações museais, quanto os princípios éticos e conceituais da museologia, determinantes para a validação da função social das coleções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração destes protocolos permitirá: 1) identificar os riscos e avaliar o potencial de degradação dos acervos; 2) reduzir os riscos que comprometam a integridade física do patrimônio científico-cultural dos museus universitários, por meio do planejamento de medidas preventivas, de controle e de respostas a eventos emergenciais, potencializando a definição estratégica de ações, prioridades e alocação de recursos com relação ao conjunto de acervos, equipamentos e edificações de espaços. Além disso, os protocolos poderão auxiliar as políticas públicas destinadas aos museus universitários, como o programa de gestão de riscos ao patrimônio musealizado brasileiro (BRASIL, 2021), além de garantir o estabelecimento de políticas de acessibilidade de dados e compartilhamento de acervos entre instituições universitárias, potencializando a habilidade dos gestores dessas coleções de produzirem pesquisas em rede.

PALAVRAS-CHAVE

Gestão de risco. Museus universitários. Acervos universitários. Protocolos de Gestão de Conservação.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, à FAPEMIG e às Redes de Museus da UFOP e da UFMG, pelo acolhimento dos projetos.

REFERÊNCIAS

Acórdão do Tribunal de Contas da União (TCU) de 12 de setembro de 2018, Proc. nº 1243/2019 (Relator: Ministro-Substituto André Luís de Carvalho).

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. Programa de gestão de riscos ao patrimônio musealizado brasileiro. Brasília, DF: Ibram, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/programa-de-gestao-de-riscos-ao-patrimonio-musealizado-brasileiro-2021>. Acesso em: 2 jan. 2022.

IBERMUSEUS; ICCROM. Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico. 2017. Disponível em: https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf. Acesso em: 1 nov. 2018.

Decolonização da Conservação museológica: reflexões sobre integridade conceitual e material de acervos culturais

Bruna Maria Araújo de Melo Maranhão (UFPA) - bruna.maranhao@ica.ufpa.br

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um estudo inicial da dissertação de mestrado em Ciências do Patrimônio Cultural, na linha de Patrimônio e Sociedade, com foco na conservação de objetos etnográficos indígenas. Os objetos etnográficos são repositórios de significados culturais, históricos, técnicos e estéticos (Velthem, 2012). A pesquisa parte da reflexão de que os parâmetros tradicionais da conservação em museus priorizam a integridade física dos objetos, sem considerar suas dimensões simbólicas, espirituais e políticas. No caso de acervos etnográficos, essa abordagem pode causar rupturas com os significados atribuídos pelas comunidades de origem. Adotar uma perspectiva decolonial significa questionar as ontologias ocidentais que estruturam os métodos de conservação, propondo caminhos mais sensíveis às cosmologias indígenas e às disputas atuais em torno da propriedade, gestão e uso do patrimônio cultural.

A conservação museológica, historicamente vinculada a princípios eurocêntricos, tende a privilegiar a permanência física dos objetos como valor universal. Essa lógica nem sempre contempla os sentidos atribuídos aos objetos por povos e comunidades de origem, algo que gera conflitos entre integridade material e integridade conceitual (Clavir, 2002). É possível perceber que esse embate se revela de forma crítica em museus nos dias atuais, uma vez que essas instituições operam entre os campos da ciência, cultura e comunidade. Em contextos museológicos, práticas para a preservação de objetos culturais indígenas realizadas sem o diálogo com as comunidades de origem podem representar formas de violência. Este trabalho apresenta uma revisão teórica sobre ética e decolonização da conservação, discutindo como a ênfase exclusiva na materialidade pode gerar danos simbólicos. O objetivo é tensionar os limites dos estudos de conservação e propor caminhos para práticas mais sensíveis à diversidade cultural, com base em relatos indígenas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se uma revisão bibliográfica com base em autores que discutem cultura material, patrimônio indígena, museologia crítica e ética na conservação. O trabalho dialoga com autores como o artigo de Glenn Shepard Jr. et al. (2017), Lúcia van Velthem (2004, 2007, 2012, 2017, 2019), Soares e Santos (2020), além de estudos sobre práticas decoloniais de conservação, como os de Miriam Clavir (2002), Dean Sully (2007). A partir desses aportes, o texto analisa como as experiências indígenas em contextos museológicos podem revelar formas de dano invisibilizadas pelas práticas técnicas tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os objetos etnográficos indígenas não são apenas testemunhos materiais do passado, mas guardam sentidos culturais, espirituais e históricos que seguem vivos nas comunidades de origem. Segundo van Velthem (2010), eles funcionam como repositórios de memória, aguardando o momento de serem reapropriados por seus descendentes. Nessa perspectiva, é importante compreender que tais objetos carregam dimensões simbólicas que vão além do entendimento técnico tradicional da conservação museológica. Em exemplo disso, o estudo feito a partir de um relato de experiência em conjunto com um grupo de Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa mostra que as comunidades indígenas mantêm vínculos afetivos e cosmológicos com os objetos (Shepard Jr. et al., 2017). Esses vínculos influenciam diretamente como esses bens devem ser cuidados ou mantidos.

Soares e Santos (2020) reforçam que a produção indígena expressa modos de vida, linguagens e formas de organização social. Esse entendimento impacta o campo da conservação, que tradicionalmente priorizou abordagens técnicas voltadas à preservação da integridade física. Caldeira (2006) demonstra como esse modelo se consolidou a partir do século XVIII, com foco na permanência material. No entanto, o crescente debate sobre patrimônio cultural indígena em museus tem evidenciado a necessidade de ampliar esse olhar, acolhendo formas diversas de relação com os objetos. A decolonização da conservação aparece como uma proposta para reconhecer essas epistemologias e tornar as práticas museológicas mais responsivas às demandas contemporâneas, especialmente diante dos desafios envolvendo uso, gestão e significados atribuídos aos acervos (Sully, 2007; Corey-Pearce, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa indica que é necessário repensar os fundamentos da conservação museológica quando se trata de objetos etnográficos. A integridade desses bens não pode ser reduzida à sua materialidade. É preciso considerar suas conceitualizações e sentidos culturais. Ao adotar uma abordagem decolonial, propõe-se uma prática de conservação mais ética, que escute os povos indígenas e respeite os vínculos que mantêm com seus patrimônios.

PALAVRAS-CHAVE

Conservação museológica. Povos indígenas. Decolonização. Patrimônio cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio à pesquisa.

REFERÊNCIAS

- CLAVIR, Miriam. Preserving conceptual integrity: ethics and theory in preventive conservation. *Studies in Conservation*, v. 39, supl. 2, p. 53-57, 1994.
- _____, Miriam. Preserving what is valued: museums, conservation, and First Nations. Vancouver: UBC Press, 2002.
- CALDEIRA, Cleide Cristina. Conservação preventiva: histórico. *Revista CPC*, São Paulo, Brasil, n. 1, p. 91-102, 2006. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i1p91-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15582>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- _____, Lucia Hussak van. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). *Revista de Antropologia*, p. 605-631, 2007
- _____, Lucia Hussak van. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, p. 51-66, 2012.
- _____, Lucia Hussak van; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, p. 735-748, 2017.
- _____, Lucia Hussak van. Um olhar sobre as artes indígenas. In: BRITTO, Rosangela Marques Britto (Org.). *Hiperconectados: museus, estratégias e conexões*. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, 2019. p. 21-32.
- SHEPARD JR., Glenn H. et al. Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 3, p. 765-787, 2017.
- SOARES, Ana Manuela Primo dos Santos; SANTOS, Suzana Primo dos. A Cobra e o Maracá encantam: Memórias e vivências de Suzana-Mulher Karipuna do Amapá. *Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2020.
- SULLY, Dean (org.). *Decolonizing conservation: caring for Maori meeting houses outside New Zealand*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.

A Cartilha de boas práticas gerais para conservação de obras de arte do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais

Giulia Villela Giovani (UFMG) - giuliagiovani@gmail.com
Diná Marques Pereira (UFMG) - dina-araujo@bu.ufmg.br
Ana Carolina Mota Rocha Montalvão (UFMG) - ana.montalvao@outlook.com
Nathália Pereira dos Santos Ferreira (UFMG) - nathaliap.museologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

A conservação de obras de arte no contexto institucional universitário exige estratégias que considerem tanto a diversidade dos acervos quanto os múltiplos agentes envolvidos em sua gestão cotidiana. No caso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a responsabilidade pela guarda de parte significativa do acervo artístico recai sobre profissionais que, em sua maioria, não possuem formação específica na área do patrimônio cultural. Essa realidade evidencia a necessidade de materiais de orientação que contribuam para a salvaguarda qualificada dessas coleções.

O acervo artístico da UFMG é composto por aproximadamente 1.500 obras, datadas entre os séculos XVI e XXI, abrangendo uma ampla variedade de técnicas, suportes, estilos e procedências. Constituído por meio de doações, aquisições institucionais, premiações e projetos culturais, esse acervo encontra-se parcialmente armazenado na reserva técnica do Espaço Acervo Artístico da UFMG (EAAUFMG), sendo a maior parte distribuída pelas 34 unidades acadêmicas e administrativas da universidade, situadas em Belo Horizonte, Tiradentes e Diamantina.

O EAAUFMG, órgão vinculado à Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT) e institucionalizado em 2022, tem por missão salvaguardar, conservar, documentar e difundir o acervo artístico da universidade. Com atuação integrada, o espaço oferece suporte técnico às diversas unidades universitárias e promove ações voltadas à preservação, à pesquisa, à documentação e à difusão do patrimônio artístico da UFMG.

Foi nesse contexto que se elaborou a Cartilha de Boas Práticas Gerais para Conservação de Obras de Arte do Acervo Artístico da UFMG, com o objetivo de orientar servidores na adoção de procedimentos conscientes e tecnicamente fundamentados para a preservação das obras sob sua guarda. Entre os objetivos específicos da iniciativa, destacam-se: o incentivo ao diálogo com profissionais não especializados, a capacitação adaptada às demandas de cada unidade e a produção de um material acessível, com orientações práticas e referências técnicas de fácil compreensão.

MATERIAIS E MÉTODOS

A elaboração da Cartilha fundamentou-se em pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de compilar e adaptar orientações técnicas à realidade institucional da UFMG. Entre os principais referenciais adotados, destacam-se os manuais do projeto Tópicos em Conservação Preventiva, desenvolvidos pelo Laboratório de Ciência da Conservação (LACICOR) da Escola de Belas Artes da UFMG, publicações especializadas em gestão de riscos e conservação preventiva, bem como materiais de organismos internacionais, como o ICCROM, com destaque para a publicação *Teamwork for Preventive Conservation* (ICCROM, 2004). O conteúdo técnico e conceitual da Cartilha foi sistematizado com base na metodologia de gerenciamento de risco (ICCROM, 2017), que envolve a identificação dos principais agentes de deterioração, os estágios de controle de riscos e as camadas de proteção dos bens culturais.

Com foco na aplicabilidade e na comunicação eficaz, o conteúdo textual foi redigido em linguagem objetiva e acessível, visando alcançar públicos não especializados, mantendo, contudo, o rigor técnico necessário. O material conta ainda com ilustrações didáticas, concebidas para facilitar a compreensão das recomendações e reforçar visualmente os conceitos abordados. As orientações foram cuidadosamente adaptadas às especificidades da UFMG, considerando a diversidade de espaços expositivos e de guarda, a descentralização das coleções e a atuação de servidores com diferentes níveis de familiaridade com práticas de conservação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material elaborado configura-se como um instrumento de gestão participativa e de educação patrimonial, alinhado ao paradigma da democracia cultural, na medida em que promove o direito à cultura e à preservação da memória institucional. Propõe práticas básicas de conservação preventiva, de baixo custo e fácil implementação, como o manuseio adequado das obras e o monitoramento de agentes de risco. Além de incentivar a adoção de medidas cotidianas de preservação, a Cartilha valoriza a atuação de todos os profissionais envolvidos na guarda das obras, ressaltando sua corresponsabilidade na conservação do acervo artístico da UFMG. As ações educativas promovidas pelo EAAUFMG, com base nas recomendações do material, têm contribuído para a sustentabilidade da gestão patrimonial, ao evitar a deterioração precoce das obras e reduzir a necessidade de intervenções mais complexas no futuro. Como desdobramento prático, a equipe técnica do EAAUFMG se mantém disponível para oferecer suporte contínuo às unidades acadêmicas e administrativas da UFMG, realizando orientações e diagnósticos específicos sempre que necessário. Essa atuação integrada fortalece a implementação das boas práticas e favorece a construção de uma cultura institucional de cuidado com o patrimônio artístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração e implementação da Cartilha de Boas Práticas Gerais para Conservação de Obras de Arte do Acervo Artístico da UFMG revelam-se como uma estratégia eficaz para fortalecer a preservação do patrimônio artístico no contexto universitário. Além de apresentar instruções gerais para o cuidado cotidiano com as obras, o material oferece diretrizes específicas sobre como agir diante de situações de risco ou dano, capacitando servidores e gestores a tomarem decisões fundamentadas e adequadas à realidade institucional. Ao integrar fundamentos técnicos, princípios da gestão participativa e ações de educação patrimonial, a Cartilha promove uma cultura de corresponsabilidade na preservação, estimulando o engajamento das comunidades acadêmicas e administrativas. Nesse sentido, reforça o compromisso coletivo com a proteção e a difusão da arte, contribuindo para o reconhecimento do valor cultural do acervo artístico da UFMG. Mais do que um guia prático, a Cartilha configura-se como um instrumento de sensibilização e formação contínua, favorecendo a construção de uma política institucional de cuidado com o patrimônio. Dessa forma, consideramos relevante a apresentação e a divulgação desta experiência, pois entendemos que esse material pode servir como referência e ser adaptada a outros contextos institucionais, especialmente em museus e coleções universitárias que enfrentam desafios semelhantes de preservação, difusão e gestão compartilhada de seus acervos.

PALAVRAS-CHAVE

Conservação Preventiva; Cartilha Educativa; Gestão de Acervos; Acervo Artístico UFMG.

AGRADECIMENTOS

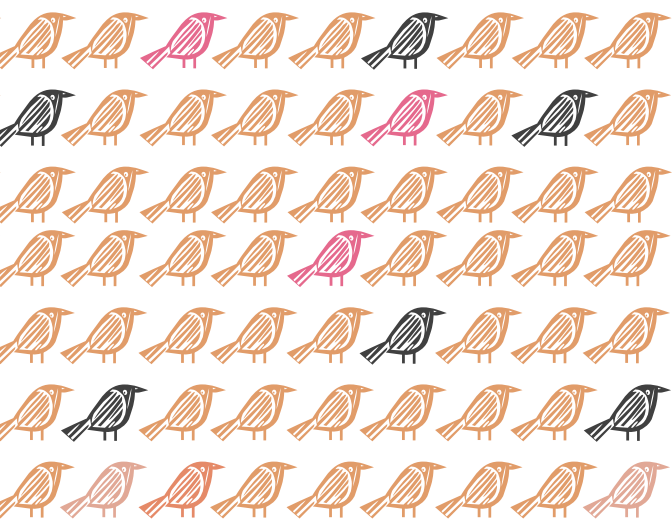
À Pró-Reitoria de Cultura da UFMG pelo apoio à elaboração e difusão da Cartilha.

REFERÊNCIAS

ICCROM/CCI. Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico. Brasília: IBERMUSEUS, ICCROM, 2017. Disponível em: https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

PUTT, Neal; SLADE, Sarah. Teamwork for Preventive Conservation. Roma: ICCROM, 2004. Disponível em: <https://www.iccrom.org/publication/teamwork-preventive-conservation>. Acesso em: 10 out. 2024.

ROSADO, Alessandra. Tópicos em Conservação Preventiva 10: manuseio, embalagem e transporte de acervos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.



AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS E CRÉDITOS

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
(Andifes)

Casa de José de Alencar (CJA/UFC)

Coleção Mineralógica/Departamento de Mineralogia - UFC

Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil)

Conselho Regional de Museologia - 1ª Região (COREM 1R)

Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R)

Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Departamento de Biologia - UFC

Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão (EDI/UFC)

Espaço Cultural Unifor

Faculdade de Direito da UFC (Fadir/UFC)

Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC)

Governo Federal

Herbário Prisco Bezerra - UFC

Horto de Plantas Medicinais - UFC

Imprensa Universitária / Pró-Reitoria de Planejamento e Administração
(IU/PROPLAD)

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Instituto Cultural Vale

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Ministério da Cultura (MinC)

Ministério da Educação (MEC)

Museu da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
da Universidade de São Paulo (USP)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Museu de Arte da UFC (Mauc)

Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens da Universidade Regional do Cariri
(URCA)

Museu do Vale do Arinos da Universidade do Estado de Mato (UNEMAT)

Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia - UFC

Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC Campinas)

Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) da UFC

Núcleo Regional de Ofiologia da UFC (NUROF)

Oficina Digital / Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design (IAUD)

Petrobrás Cultural

Pró-Reitoria de Cultura da UFC (ProCult)

Rádio Universitária FM 107,9 (RUFM 107,9)

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

Rede de Coleções & Museus da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rede de Educadores de Museus do Brasil (REM/BR)

Restaurante Universitário / Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (RU/PRAE)

Seara da Ciência (UFC)

Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (SEDES/MCTI)

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC)

Secretaria de Esportes da UFC

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Superintendência de Infraestrutura (UFC Infra)

Tribunal de Contas da União (TCU)

TV Câmara de Jataí

TV Câmara de Fortaleza

Universidade Federal do Ceará (UFC)



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO



ORGANIZAÇÃO

